

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

PEDRO MEZGRAVIS

**Informações e os Livros: da Leitura do Mundo ao mundo do controle.
Intencionalidades sobre o Ser-Aí e sobre o Espaço do Ser Humano.**

**São Paulo
2021**

PEDRO MEZGRAVIS

Informações e os Livros: da Leitura do Mundo ao mundo do controle.
Intencionalidades sobre o Ser-Aí e sobre o Espaço do Ser Humano.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Ester Rossini

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M617i Mezgravis, Pedro
Informações e os Livros: da Leitura do Mundo ao mundo do controle. Intencionalidades sobre o Ser-Aí e sobre o Espaço do Ser Humano. / Pedro Mezgravis; orientadora Rosa Ester Rossini - São Paulo, 2021. 132 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. Livros. 2. Território. 3. Ontologia. 4. Mais-Valia. 5. Smartphones. I. Rossini, Rosa Ester, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Laima Mesgravis, minha tia. Meu porto seguro, um exemplo de ser humano, de profissional. Obrigado por tanto me amar e me apoiar.

À minha família. Desde minha mãe Vanda, minha irmã Iara, meus cunhados Rodrigo Peçanha de Figueiredo, Maraíza Rodrigues de Lima e Rodrigo Marques dos Santos.

Meus sobrinhos amados! Fontes de coragem para seguir em frente. Obrigado Tiago, Maria Clara e Ângelo!

À Ms. Mariana Rodrigues de Lima, minha amiga, companheira, meu amor.

À Profa. Dra. Rosa Ester Rossini, por me apoiar depois de tantos anos e dificuldades. Apenas uma pessoa que é capaz de amar é capaz de confiar incondicionalmente a um aluno tão cheio de histórias...

Ao Prof. Dr. José Luiz Goldfarb, mestre e amigo que a internet e o mundo dos livros me trouxe e que se tornou uma referência para minha vida. Sempre serei grato por todas as oportunidades.

Ao LABOPLAN como um todo. Desde ser um espaço de estudo e reuniões, um lugar de inspiração e encorajamento. Agradeço junto a todos os professores e professoras que integram este laboratório de tantas histórias: Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, Profa. Dra. Rosa Ester Rossini, Profa. Dra. Maria Mônica Arroyo, Prof. Dr. Fabio Contel, Prof. Dr. Ricardo Mendes, Prof. Dr. Rodrigo Valverde.

À Ana Elisa Pereira e Flávio Vaz, amigos que me conduziram em um momento de grande dificuldade mental e física. Bálsamos. Inspirações. Apoio. Amizade. PAZ!

Aos amigos que fiz no Laboplan e que passaram para vida toda: Bruno Cândido, Rodrigo Almeida, Lúcio, Wemerson Pereira, José “Doni” Donato, André “SAP” dos Santos Pereira, Bianca Almeida, Wagner Nabarro.

Agradeço também imensamente a quem cometi a indelicadeza de não citar nominalmente aqui. Como por exemplo Dra. Aline Lima Santos, que conheci quando ela entrou na graduação e se tornou uma intelectual de padrão internacional.

Obrigado por tudo! Obrigado por não desistirem de mim!

RESUMO

MEZGRAVIS, PEDRO. Informações e os Livros: da Leitura do Mundo ao mundo do controle. Intencionalidades sobre o Ser-Aí e sobre o Espaço do Ser Humano. 2021. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

O objetivo desta tese é observar qual é a posição dos livros no Meio Técnico-Científico-Informacional. Quais são as implicações das tecnologias da informação sobre o modo como os seres humanos se relacionam com o Mundo, em seu caráter ontológico. Relação essa entendida aqui como Leitura do Mundo. O que constitui as informações. Qual o papel que a leitura, a escrita e a produção de livros impressos exerceram sobre o Espaço Geográfico, portanto, do Ser Humano. A instalação e uso de novos objetos técnicos de comunicação, mais especificamente os *smartphones*, exercem sobre o acesso dos conteúdos editoriais (livros). Qual é o contexto de produção econômica que as infraestruturas de internet e uso dos celulares? Propõe-se o conceito de mais-valia cognitiva para compreender o modo como as informações interferem no uso do território, no espaço banal e se transformam em novas formas de exploração do ser humano no Espaço Geográfico.

Palavras-chave: Livros, Smartphones, Mais-Valia, Território, Ontologia.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

ABSTRACT

MEZGRAVIS, PEDRO. Information and Books: From Reading the World to the World of Control. Intentionalities about the Being-There and the Space of the Human Being. 2021. Thesis (Doctorate in Human Geography) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

The purpose of this thesis is to observe what is the position of books in the Technical-Scientific-Informational Environment. What are the implications of information technologies on the way human beings relate to the world, in its ontological character. This relationship is understood here as Reading the World. What constitutes information. What role did reading, writing and the production of printed books play on the Geographic Space, therefore, of the Human Being. The installation and use of new technical communication objects, more specifically smartphones, exercise access to editorial content (books). What is the context of economic production that the internet infrastructures and the use of cell phones? The concept of cognitive surplus value is proposed to understand how information interferes in the use of territory, in banal space and is transformed into new forms of exploitation of the human being in the Geographic Space.

Keywords: Books, Smartphones, Added Value, Territory, Ontology.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Sumário

Introdução _____ página 10

Capítulo 1 – Livro: máquina de conteúdo ____ página 10

Capítulo 2 – A Materialidade do Livro _____ página 65

Capítulo 3 – Dos Livros ao Celulares:

interações espaciais e novas formas de exploração __ página 86

Capítulo 4 – Dispositivos Informacionais, Leitura do Mundo e o Território:

o que são os livros hoje _____ página 105

Considerações Finais – A Violência da Informação __ página 124

Bibliografia _____ página 127

INTRODUÇÃO

*Já vivera o suficiente para suspeitar daquilo que, embora
esteja debaixo do nariz de todos, poucas vezes se percebe:
O peso do sujeito na noção de objeto.*

(...)

*Quantas vezes me pergunto se isto não é mais do que
escrita, numa época em que corremos para o engano entre
equações infalíveis e máquinas de conformismos? Mas
perguntar se saberemos encontrar o outro lado do hábito ou
se mais vale se deixar levar pela sua alegre cibernética, não
será mais uma vez literatura?"*

Julio Cortázar. O Jogo da Amarelinha.

O objetivo desta tese é observar qual é a posição dos livros no Meio Técnico-Científico-Informacional. Quais são as implicações das tecnologias da informação sobre o modo como os seres humanos se relacionam com o Mundo, em seu caráter ontológico. Relação essa entendida aqui como Leitura do Mundo.

O que constitui as informações? Qual o papel que a leitura, a escrita e a produção de livros impressos exerceram sobre o Espaço Geográfico, portanto, do Ser Humano? Como a instalação e uso de novos objetos técnicos de comunicação, mais especificamente os smartphones, exercem sobre o acesso dos conteúdos editoriais (livros).

Qual é o contexto de produção econômica que as infraestruturas de internet e uso dos celulares? Propõe-se o conceito de mais-valia cognitiva para compreender o modo como as informações interferem no uso do território, no espaço banal e se transformam em novas formas de exploração do ser humano no Espaço Geográfico.

Capítulo 1 - Livro: máquina de conteúdo

“Nunca encontramos conteúdo puro, sem mediação, porque sempre está enquadrado de alguma forma; há sempre um sistema de distribuição. Além disso, nunca chegamos ao conteúdo sem certas concepções e expectativas prévias que influenciam nosso consumo. Em outras palavras, não encontramos conteúdo de forma imanente: encontramos pares estrutura-conteúdo.”¹ (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 98).

O meio (e as mídias) faz parte do processo de construção de sentidos, tanto do lugar que está ao redor do Ser quanto de cada elemento que estão presentes neste lugar. Os elementos são os Entes, tal qual o Ser, que é o Ente que se questiona. O Ser é o Ente que estabelece sentido aos Entes, ao lugar, a si próprio e em associação (no sentido de relações sociais) com outros Seres, constituem o meio. Os Seres estabelecem as formas e estabelece as normas e os procedimentos (funções) que formam o meio; os Seres em sociedade informam o meio. O processo de atribuição de sentido ao mundo é um processo coletivo (social) de compreensão e de registro do mundo, compreender as coisas presentes no mundo, construir objetos. Objetos que são extensões das capacidades humanas e do corpo. É também um processo de criação dos Seres, de formação de agrupamentos, organização da sociabilidade e das individualidades. Leitura e escrita do Mundo.

O conteúdo de uma coisa é sempre em relação a outra e estas se dão a partir das ações e associações humanas. Marshall McLuhan estipula que este processo constitui e estabelece o meio. O meio é a mensagem, pois o meio (i. e. mídia) é forma e função existente na mensagem.

“Este fato apenas serve para destacar o ponto de que ‘o meio é a mensagem’, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. Na verdade não deixa de ser bastante típico que o ‘conteúdo’ de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. Somente hoje as indústrias se tornaram conscientes das diversas espécies de negócios em que estão mergulhadas. A IBM só começou a navegar com boa visibilidade depois que descobriu que não estava no ramo da

1 Tradução livre de: “Nunca encontramos contenido puro, sin mediación, pues siempre está enmarcado de alguna manera; siempre hay un sistema de distribución. Además, nunca llegamos al contenido sin ciertas concepciones previas y expectativas que influyan en nuestro consumo. En otras palabras, no encontramos el contenido de modo inmanente: encontramos pares marco- contenido.” (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 98).

produção de máquinas e equipamentos para escritórios e sim no de processamento da informação.” (McLUHAN, Marshall. 2007 (1964). Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem. São Paulo: Cultrix. p. 23).

É o processamento, organização, interpretação e a manipulação de dados e informações que é colocada no foco de investimentos científicos e técnicos: a informação passa a ser observada em termos matemáticos de codificação e decodificação, a partir da qual uma “mensagem” que tem origem em uma “fonte” a partir de um “transmissor”, desloca-se por um “canal” até chegar a um “receptor”. Nesta concepção o canal não tem relação alguma com a mensagem.

“O conteúdo, ou a informação, tinha pouco menos a ver do que uma coincidência com o meio que o transmitia, o canal. O modelo de [Claude] Shannon foi baseado em uma ideia de codificação e decodificação em que a semântica da mensagem não importa para entender as estruturas de comunicação em funcionamento. Em termos livrescos, a mensagem é o conteúdo ou o texto; o canal é o livro.”² (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p.95).

O canal (meio ou mídia), é o suporte que vincula as mensagens, a tecnologia que se relaciona com as técnicas de comunicação. As comunicações se dão fundamentalmente pelos canais: rádio, televisão, computadores, os meios de acesso à internet tais quais os celulares smartphones e os livros. A mensagem, ou o conteúdo, circula por estes meios. E ocorre uma explosão de consumo dos meios eletrônicos na chamada “era da informação”.

“(…) a Era da Informação, uma época em que a tecnologia de mídia estava evoluindo rapidamente e com um alcance sem precedentes. O consumo de mídia se expande; ambos os fatores geraram uma nova consciência sobre a natureza e os efeitos das mídias.”³ (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 96).

2 Tradução livre de: “El contenido, o la información, tenía poco menos que ver que una coincidencia con el medio que lo transmitía, el canal. El modelo de [Claude] Shannon se basó en una idea de codificación y decodificación en la cual la semántica del mensaje no importa para entender las estructuras de comunicación en funcionamiento. En términos librescos, el mensaje es el contenido o el texto; el canal es el libro.” (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 95).

3 “(…) la Era de la Información, un momento en que la tecnología de los medios evolucionaba con rapidez y con un alcance sin precedentes. El consumo de medios se expandió; ambos factores generaron una conciencia nueva acerca de la naturaleza y los efectos de los medios.” (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 96).

A leitura em livros impressos é aquisição individual de informações. É uma relação direta entre um objeto material (o livro) e uma pessoa. Uma prática que se torna experiência coletiva quando se compartilha impressões sobre a leitura realizada ou quando se faz leituras públicas. Ainda assim, a compreensão do que é lido tem como origem a percepção pessoal, daí a socialização dessas impressões em grupo é que torna a compreensão do que se lê em relação social mais ampla. A leitura individual e a troca de compreensões sobre o texto são algumas das partes do processo de construção de conhecimento. Este processo social que envolve a leitura individual, a construção de compreensão dos textos por indivíduos, a socialização de compreensões e esta relação social específica de construção de conhecimento são os objetivos que a leitura de textos digitais em diferentes formatos (em vídeos, áudio de leitura dos textos, interações com imagens, figuras e recursos cartográficos), onde são realizadas cada uma destas atividades e em quais suportes de leitura utilizados são de interesse das megacorporações de tecnologia da informação.

A leitura de conteúdos editoriais passam a ser realizados em outras estruturas de mídia. São incorporados outros recursos tais quais vídeo e áudio ao conteúdo editorial.

“De modo geral, a estrutura para o conteúdo escrito por extenso era o livro, ou seja, uma combinação de papel, tecnologia de impressão, tinta, textos, imagens, valor econômico e status social, que juntos fornecem uma estrutura para a escrita por extenso. Mas o livro nem sempre é necessário, que agora é apenas uma estrutura entre muitos. (...) As editoras não são meras produtoras de livros, mas sim criadoras de estruturas.”⁴ (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 98).

O livro, nesta perspectiva, é um objeto que é uma estrutura que faz a mediação de conteúdos. Como uma estrutura de mediação, estabeleceu influência direta sobre a sociedade ocidental do modo como se relaciona com o meio; exerceu influência na condição ontológica do ser humano, na relação que estabelece com o mundo: a leitura do Mundo. O livro é uma “máquina” de conteúdo, um objeto informacional. E como tal, se

4 “Por lo general, el marco para el contenido escrito en formato extenso fue el libro, es decir, una combinación de papel, tecnología de impresión, tinta, textos, imágenes, valor económico y estatus social, que en conjunto proveen un marco para la escritura en formato extenso. Pero no siempre es necesario el libro, que ahora es tan sólo un marco entre muchos. (...) Los editores no son meros productores de libros, sino creadores de marcos.” (BASHKAR, Michael. 2014. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. p. 98).

contextualiza a outros objetos informacionais e às intencionalidades que estabelecem a administração das informações no Meio Técnico-Científico-Informacional.

1.1 – Informações, objetos, técnicas: Geografia e Ontologia

1.1.1 – Objetos, informações e comunicações: reflexões a partir da Fenomenologia.

“Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que *determina* os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade” (SANTOS, Milton. 2017. Natureza do Espaço. p. 40).

Os instrumentos e objetos são extensões e prolongamentos do corpo humano. São formas de adaptação humana (o cérebro e a cognição) ao mundo e da capacidade de adaptar o mundo ao Ser (*Dasein*).

A capacidade humana de transportar ou traduzir experiências de um sentido corpóreo (visão, audição, paladar, olfato e tato) para outro, o poder racional de traduzir todos os sentidos um no outro⁵. Os sentidos corporais humanos se estimulam entre si e traduzem de um para outro indefinidamente na experiência que chamamos de consciência. Porém cada um de nossas extensões e prolongamentos formam sistemas fechados. Lançam desafio de coexistência racional.

“As extensões de nossas faculdades e sentidos passaram a constituir um campo único de experiência que exige se fazer coletivamente consciente. Nossas tecnologias, à semelhança de nossos sentidos particulares, exigem agora um intercurso e mútuo relacionamento que torne possível sua coexistência *racional*. Enquanto nossas tecnologias foram tão lentas quanto a roda ou o alfabeto ou o dinheiro, o fato de terem constituído sistemas separados e fechados foi, social e psiquicamente, suportável. Já isso não se pode dar agora, quando a a visão, o som e o movimento são em toda extensão simultâneos e globais” (McLUHAN. 1977. p. 22).

5 “Linguagem é metáfora no sentido que não só armazena como *transporta* ou *traduz* a experiência de um modo para outro. Dinheiro é metáfora no sentido de que armazena habilidade e trabalho e também traduz uma habilidade em outra. Mas a base ou princípio de toda essa troca e tradução, ou metáfora, encontra-se em nosso poder racional de traduzir todos os sentidos um no outro. E isso fazemos em cada instante de nossa vida. (...) Nossos sentidos corpóreos ou privados *não* são sistemas fechados, mas se traduzem infindavelmente um no outro nessa experiência que denominamos consciência. Mas, nossas extensões dos sentidos – instrumentos e tecnologias – foram, através dos séculos, sistemas fechados, incapazes de se entrelaçarem numa ação recíproca ou de produzirem um estado de consciência coletivo. Agora na idade da eletricidade, a própria instantaneidade da coexistência entre nossos instrumentos tecnológicos deu lugar a crise sem precedente na história humana” (McLUHAN. 1977 p. 22).

Vilém Flusser realiza a fundamentação de sua fenomenologia a partir de o que é a percepção do mundo, o “fenômeno ser humano”, no que se dirige ao indivíduo, no que está por vir. A percepção do mundo é um processo conforme interesses (em um sentido de atender necessidades fundamentais) são instigados. São três categorias de interesse fundamentais: o comer, o copular e o perigo. O que agrada ao ser humano está fora destes interesses, como a compreensão da pedra. Conceber algo é formar um conceito desta coisa. Uma informação adquirida, uma retirada dela do mundo da vida, uma subtração, abstração, uma apropriação. Retirou-se dela o porvir dela, está sob a compreensão, sem novas possibilidades. Torna-se um corpo, apenas está presente, algo sem novas possibilidades. Objetos. A percepção do mundo torna a vida objetiva.

“Agora estou rodeado de muitos objetos. Esse mundo objetivo me obstrui o caminho para o mundo da vida. Estou cercado por um mundo objetivo. Estou submetido a esse mundo objetivo, sou submisso a ele. Estou condicionado objetivamente pelo mundo objetivo” (FLUSSER. 2014. p. 116).

A vida objetiva se torna um problema, impede a percepção para além do já conhecido, do objetivo, dos objetos, do que é dado. Estamos alienados do mundo da vida, do que não sabemos.

O ser humano se distancia da natureza. Anda pela natureza. “O homem não faz parte da floresta. É o que se percebe” (FLUSSER. 2014. p. 117). O ramo se torna um objeto, entendeu a informação do ramo na floresta, tornou-se sujeito do ramo como objeto – um bastão – e o dominou. O bastão, em *feedback*, transforma o andar. O objeto torna-se um ato de comparação. Simula habilidades humanas, ampliam a percepção e repercutem no comportamento humano. Os objetos contra-atacam, uma situação estranha. “É como se uma parte de minhas funções tivesse saído da minha caixa craniana, do sujeito, e penetrado no mundo dos objetos. Eu me curvo à simulação do sujeito no objeto” (FLUSSER. 2014. p. 120). Os objetos são próteses, prolongamentos do indivíduo, que contra-atacam e estimulam a simulação (novamente) deles.

É humano armazenar informações em objetos; armazenar informações em objetos nos faz humanos. Um estranhamento do ser humano para com o mundo da vida.

“A história da cultura começa com o armazenamento de informações adquiridas em partes do mundo da vida que são transformadas em

objetos para essa finalidade. Por meio do armazenamento de informações em objetos, os seres humanos tornam-se sujeitos de objetos. (...) Em nós há uma cisão sobre dentro e fora. Os objetos que empregamos como apoios das memórias contra-atacam repercutindo em nós. Nós nos objetivamos. Isso leva a novas aquisições de informação. (...) A cultura material é o armazenamento de informações adquiridas em objetos. (...) É tão correto dizer que é humano armazenar informações em objetos como é correto dizer que o fato de armazenar informações em objetos é que primeiro faz de nós seres humanos” (FLUSSER. 2014. p.121 e 122).

Ao se deparar com os objetos, buscamos superá-los criando uma perspectiva ainda mais distanciada deles e mais ampla, o que Flusser chama de subir uma montanha, a subjetividade. E uma retração cada vez maior nela. A cosmovisão.

“Como sujeito dos objetos, manipulo-os e armazeno informações dentro deles. Consigo continuar me retraindo na subjetividade e olhar para o mundo todo a partir dessa subjetividade ampliada, abstraída” (FLUSSER. 2014. p.124).

“Lugar”, utopia, um mundo apreensível apenas com os olhos. Deixa de ser manifesto, ao alcance dos braços, se torna aparente, fenomenal. Os objetos não são mais objetivos, mas fenomenais. A visão é fugaz, depende do ponto de vista, subjetiva. Fugaz porque some ao fechar os olhos.

“A finalidade do mundo objetivo é me ajudar a voltar ao mundo da vida. Mas o mundo objetivo tem uma dialética interna. Justamente porque ele está aí, ele me obstrui o caminho para o mundo da vida, que ele na verdade teria de abrir. Quanto mais objetos eu faço para dominar o mundo da vida, tanto mais me distancio da vida, aproximando-me da morte” (FLUSSER. 2014. p. 126).

Marshall McLuhan defende uma tese sobre as formas de experiências humanas foram profundamente modificadas pela escrita e depois pela impressão tipográfica. Das inovações tecnológicas, o alfabeto fonético e a tecnologia de Gutenberg permitiram transformações sociais profundas.

“Podia haver certa vantagem em substituir a palavra galáxia por meio ambiente. Qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano. O manuscrito e o papiro criaram o ambiente social de que pensamos em conexão com os impérios da antiguidade. O estribo e a roda criaram ambientes únicos de enorme alcance. Ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas mais ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias. Em nosso tempo a súbita passagem da tecnologia

mecânica da roda para a tecnologia do circuito elétrico representa uma das maiores mudanças de todo o tempo histórico. A impressão por tipos móveis criou novo ambiente inteiramente inesperado: criou o *público*. A tecnologia do manuscrito não teve a intensidade do poder de difusão necessário para criar *públicos* em escala nacional. As nações, como viemos a chamá-las nos séculos recentes, não precederam nem podiam preceder o advento da tecnologia de Gutenberg, do mesmo modo que não poderão sobreviver ao advento do circuito elétrico com o poder de envolver totalmente todo povo em todos os outros povos” (McLUHAN. 1977. p. 15).

A experiência humana, a partir das extensões do corpo humano, que são os objetos, é uma das preocupações fundamentais de McLuhan em “A Galáxia de Gutenberg”. Trata-se de uma perturbação sobre os sentidos e as faculdades humanas. Perturbar, aqui, tem sentido de adaptação humana (o cérebro) ao mundo e da capacidade de adaptar o mundo a nós.

“O homem – *homo faber*, o homem criador de instrumentos - quer na fala, quer na escrita, quer no rádio, há muito vem-se empenhando em atender um ou outro de seus órgãos dos sentidos a ponto de perturbar todos os seus outros sentidos e faculdades” (McLUHAN. 1977. p. 20 e 21).

A capacidade humana de transportar ou traduzir experiências de um sentido para outro. Os sentidos corporais humanos se traduzem de um para outro indefinidamente na experiência que chamamos de consciência. Porém cada um de nossas extensões e prolongamentos formam sistemas fechados. Lançam desafio de coexistência racional. Um processo global de interlocução.

“As extensões de nossas faculdades e sentidos passaram a constituir um campo único de experiência que exige se fazer coletivamente consciente. Nossas tecnologias, à semelhança de nossos sentidos particulares, exigem agora um intercurso e mútuo relacionamento que torne possível sua coexistência *racional*. Enquanto nossas tecnologias foram tão lentas quanto a roda ou o alfabeto ou o dinheiro, o fato de terem constituído sistemas separados e fechados foi, social e psiquicamente, suportável. Já isso não se pode dar agora, quando a a visão, o som e o movimento são em toda extensão simultâneos e globais” (McLUHAN. 1977. p. 22).

A fixação do olhar, um processo de privilegiar a visão humana sobre os demais sentidos na experiência da realidade e na construção da verdade, é uma consequência da tecnologia de Gutenberg. O ponto de fuga nas artes plásticas, a percepção de

tridimensionalidade e o reconhecimento das letras do alfabeto são processos adquiridos e transmitidos.

“Longe de ser um modo normal da visão humana, a perspectiva tridimensional é um modo de enxergar convencionalmente adquirido, tanto adquirido quanto o é o meio de reconhecer as letras do alfabeto ou de seguir uma narrativa cronológica. (...) Seu poder de visualização está agora completamente separado de seus outros sentidos. E é o sentido da visão, deliberadamente isolado dos outros sentidos que confere ao homem a ilusão da terceira dimensão, (...)” (McLUHAN. 1977. P. 38).

Este processo de concentração das ações a partir de um sentido humano específico – a visão – tornou-se imperativo a explicitação dos fatos, do detalhamento, de se estabelecer um foco específico, um aumento da uso da abstração e da repetição. A psicologia humana é alterada. A tecnologia se torna manifestação do detalhamento cada vez maior e exige uma explicitação cada vez maior, uma sensação por vez, uma operação mental ou física por vez.

“A psicologia define a hipnose como a ocupação do campo de atenção por um só dos sentidos. Em tal momento ‘o jardim’ morre. Isto é, o jardim representa o intercâmbio de todos os sentidos em táctil harmonia. Com o interesse concentrado em um sentido apenas, emerge de forma explícita o princípio mecânico de abstração e repetição. Tecnologia é – (...) – explicitação. E ser explícito implica expressar cada coisa por vez, um sensação por vez, uma só operação mental ou física por vez” (McLUHAN. 1977. p. 40).

No pensamento de McLuhan na sociedade ocidental ainda predomina

“uma tecnologia visual abstrata e explícita de tempo uniforme e de espaço contínuo e também uniforme, em que a ‘causa’ é eficiente e contínua e as coisas se movimentam e acontecem em planos distintos e em ordens sucessivas” (McLUHAN. 1977.p. 41).

Um mundo neutro, frio. As relações espaço temporais são fundamentadas no visual, que dão o senso mecanístico das relações causais, que dão ordem à vida (McLUHAN. 1977. p. 43). Em sociedades fundamentadas na oralidade, o pensamento verbal é inseparável da ação. A alfabetização modifica subestruturas de linguagem e sensibilidade (McLUHAN. 1977. p. 44).

“Se se introduz uma tecnologia numa cultura, venham ela de fora, ou de dentro, isto é, seja ela adotada, ou inventada pela própria cultura, e se essa tecnologia der novo acento ou ascendência a um ou outro de nossos sentidos, altera-se a relação mútua entre todos eles. Não

mais nos sentimos os mesmos, nem nossa vista e ouvido e demais sentidos permanecem os mesmos” (McLUHAN. 1977. p. 48 e 49).

A centralidade da visão se torna um elemento civilizatório ao substituir a escuta como sociabilidade fundamental, se tornaria distinta da condição tribal da escuta.

“Somente o alfabeto fonético estabelece uma cisão entre a visão e a audição, entre o significado semântico e o código visual; e, portanto, somente a escrita fonética tem o poder de trasladar o homem da esfera tribal para a esfera civilizada, isto é, de substituir-lhe o ouvido pela vista. (...) ‘Civilização’ é termo que deve agora ser usado tecnicamente para significar homem destribalizado, para quem os valores visuais têm prioridade na organização do pensamento e da ação. (...) O fato de ser a maioria dos povos civilizados grosseira e insensível em suas percepções, comparado com a hiperestesia das culturas orais e auditivas, é inteiramente óbvio, pois os olhos não têm nada da delicadeza do ouvido” (McLUHAN. 1977. p. 52).

A partir de autores como David Riesman e J.C. Carothers, McLuhan faz uma distinção fundamental entre a cultura manuscrita da cultura tipográfica no tipo de interação social que organiza a sociedade. A cultura manuscrita exige a escuta dos textos, a reflexão compartilhada inclusive no contato direto entre pessoas, um sentido tátil. Por sua vez, a cultura tipográfica já permite a consolidação de uma atuação individual no processo de leitura e aquisição de conhecimento, com objetivos internalizados de cada pessoa, mais distantes dos sentidos coletivos. Permite hábitos independentes e desinteressados de observação da realidade, dão condições para o estabelecimento do ponto de vista fixo; que se torna fundamental para todo o pensamento artístico e para a construção da Ciência moderna.

“(…) pode-se de logo dizer que ‘direção internalizada’ depende de um ‘ponto de vista fixo’. Um caráter estável e firme é um caráter dotado de perspectiva inflexível; de uma postura visual quase hipnotizada, por assim dizer. A leitura de manuscritos era coisa praticamente demasiado lenta e desigual para poder conduzir seja a um ponto de vista fixo, seja ao hábito de deslizar firmemente em planos únicos de pensamentos e informações. (...), a cultura manuscrita é intensamente auditiva e tátil comparada com a da palavra impressa; e isso significa que hábitos independentes e desinteressados de observação são por natureza impróprios, se não contrários, às culturas manuscritas, sejam as do antigo Egito, Grécia, China, ou as medievais. No lugar do frio desprendimento e isolamento visual, o mundo manuscrito põe a empatia e participação de todos os sentidos. Já as culturas não-alfabetizadas experimentam tão esmagadora tirania do ouvido sobre os olhos que não se pode identificar nenhum intercurso equilibrado entre os sentidos em tais

extremos do auditivo – do mesmo modo que o intercuro equilibrado dos sentidos se tornou extremamente difícil depois que a palavra impressa reforçou o componente visual na experiência ocidental com extrema intensidade” (McLUHAN. 1977. p. 53 e 54).

A cultura tipográfica da palavra impressa gerou um estrutura de pensamento que nos deixou desarmados para lidarmos com a inovação. O uso de instrumentos, principalmente as máquinas, afetam diretamente as “questões da alma”, perde-se a simplicidade; o uso de máquinas faz as pessoas realizarem tudo como se fossem máquinas (McLUHAN. 1977. p. 55 e 56). Aqui certamente é uma influência direta sobre Vilém Flusser quando diz a respeito do retorno dos instrumentos. Ou que os instrumentos, extensões humanas, se voltam contra nós, nos estimulando a pensar e implementar novas formas de atuação a partir destes instrumentos, o que nos conduz a agir a partir dos instrumentos e mesmo como os instrumentos.

“Independente de toda a questão de valores, o que temos de aprender hoje é que nossa tecnologia elétrica tem consequências para nossas percepções e hábitos de ação mais comuns e que tais consequências estão recriando rapidamente em nós os processos mentais dos homens mais primitivos. Elas não afetam propriamente nossos pensamentos e ações, matéria em que estamos treinados para ser críticos, mas afetam nosso mais comum senso de vida, o qual cria os vértices e as matrizes de pensamento e ação.” (McLUHAN. 1977. p. 57).

O estabelecimento do Meio Técnico-Científico-Informacional, sob esta perspectiva fenomenológica que aqui trazemos, aproxima-se ao conhecimento seletivo do Mundo a partir da instrumentalização dos lugares. O conhecimento se revela cada vez mais como recurso fundamental ao capitalismo. O detalhamento da captação de dados, da interpretação e manipulação das informações alcança os indivíduos em suas relações sociais e em suas faculdades como Ser-Aí. Formas especializadas de conhecimentos, concentradas a pouquíssimas empresas, mas que agora buscam se apropriarem dos conhecimentos locais e mesmo individuais. A coleta e manipulação da *praxis*. Onde, como e quem tem acesso às informações. Um processo que é uma das condições genéticas do capitalismo.

“Uma nova dinâmica de diferenciação se instala no território. Em primeiro lugar, distinguem-se zonas servidas pelos meios de conhecimento e áreas desprovidas dessa vantagem. E dentro das próprias áreas ‘conhecidas’ as empresas se distinguirão pela sua maior ou menor capacidade de utilização das informações. É possível imaginar que tal seletividade espacial e socioeconômica

conduza a mudanças rápidas na divisão territorial do trabalho, com as firmas mais dotadas do ponto de vista técnico e financeiro tendendo a buscar uma localização onde o lucro potencial será mais forte, deixando o resto do território, ainda que com virtualidades naturais semelhantes, a firmas menos potentes. O mesmo raciocínio conduz a admitir que, numa mesma área assim instrumentalizada, a diferença de oportunidades entre produtores tende a aumentar rápida e brutalmente, após a instalação dos novos recursos técnicos-científicos de conhecimento. Aliás, o rearranjo de atividades e do respectivo poder econômico seria duplo: na escala da área instrumentalizada e na região de que tal área é uma parte privilegiada.

O conhecimento exerceria assim – e fortemente – seu papel de recurso, participando do clássico processo pelo qual, no sistema capitalista, os detentores de recursos competem vantajosamente com os que deles não dispõem” (SANTOS, Milton. Natureza do Espaço. 2017. p. 243).

Elementos de compreensão das condições objetivas de leitura do Mundo e da pseudoconcreticidade imposta a partir da seletividade de acesso às informações em diferentes recursos tecnológicos. Sendo os próprios objetos como elementos de seletividade dos conteúdos que cada indivíduo tem acesso e a manipulação que se torna possível a partir desta conjunção de tecnologia e informações. Especialmente o acesso aos livros.

1.1.2 – Porque pensar os livros, comunicação, informações, dados e os meios de produção.

A relação entre os dados, as informações e as pessoas têm tamanha influência do Meio Técnico-Científico-Informacional que não é raro perder a noção da penetração das comunicações na vida imediata. Diferentes objetos se interpõem na experiência do Ser. O livro certamente está entre os primeiros deles, tal qual os mapas. Ambos são registros humanos de elementos do mundo e que precisaram de uma identificação e estabelecerem referenciais da paisagem e da compreensão humana em alteração mútua, em um processo que é de mútua interferência material direta. O ser humano transforma o seu entorno, que por sua vez sempre estabeleceu as possibilidades do Ser, “responde” a partir das alterações realizadas.

O processo de comunicação pode ser compreendido como um dos processos da relação humanidade e Mundo. O informar é uma ação humana sobre o Mundo, em diferentes formas, que altera o Mundo e tem consequências em circunstâncias e totalidade. Ação e reação. Os instrumentos humanos são as formas mais simples de compreensão do que são os objetos, porque é absolutamente evidente que é trabalho humano, as faculdades humanas tornaram algo do Mundo em instrumento. Os elementos do mundo são objetos a partir do momento que o ser humano atribui um sentido a algo do mundo, mesmo que seja um nome. Esse algo é um objeto quando é estabelecida alguma forma de compreensão sobre ele e daí estabelece uma relação. Este algo se torna objeto, pois antes era indistinto e restrito a reações fundamentais como fome, medo e integrar o processo de perpetuação da espécie. E algo se torna objeto quando outros seres o reconhecem como um objeto, mesmo que com outras apropriações simbólicas e de interferência na materialidade.

Os objetos são informação, e deles, ao longo de todo o desenvolvimento do método científico, subdividiu a informação em dados na busca por padrões e leis. O objeto é expressão da capacidade humana, então é pleno de informações e que são analisáveis com precisão cada vez maior. Os livros estão entre as mais perenes formas de criação de objetos que só existem em razão do cuidado com as informações.

As transformações no espaço geográfico são consequências das transformações profundas nos meios de produção fundamentados na coleta e manipulação dos dados e informações, portanto já transformam as relações sociais. A relação das pessoas com o Mundo são cada vez mais mediadas por equipamentos específicos que captam e manipulam a leitura do Mundo – uma radicalização das relações produtivas.

1.2 – Espaço Geográfico e a organização humana do Mundo

Nossa preocupação não é o debate sobre metodologia da Geografia e sim um empreendimento dentro da teoria geográfica. Não discutiremos seus fundamentos, mas a operacionalização de conceitos frente aos desafios desta ciência empírica.

“Consideramos a sociologia do conhecimento como parte da disciplina empírica da sociologia. Nosso propósito aqui é evidentemente de caráter teórico. Mas nossa teorização refere-se à disciplina empírica em seus problemas concretos, e não à pesquisa

filosófica dos fundamentos da disciplina empírica. Em resumo, nosso empreendimento pertence à teoria sociológica e *não* à metodologia da sociologia” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p. 27).

O espaço é expressão da objetivação humana. Uma primeira ação humana de delimitação do Mundo e imposição da compreensão do Ser. É uma expressão das faculdades humanas, dos sentidos que atribuem a entes, da interação entre os entes e expressão material dos Seres, do trabalho humano, das técnicas e da divisão social do trabalho.

“Perceber o espaço é dar-se conta do opaco, do transparente, do translúcido, do contorno, dos ângulos, da dimensão, da distância, do tamanho, do contínuo, do limitado, do obstáculo, da ausência de obstáculos, etc. No entanto, pensar o espaço defronta-se com a espacialidade, da qual tudo o que se disse é aparência. Mas, a espacialidade não é apenas dos objetos. Há o espaço do corpo e seus prolongamentos. Há também o espaço da mente. Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir, e, portanto, do pensar. Sendo assim, ele é algo físico, uma “coisa”, e é algo social, algo criado pelo trabalho. O primeiro, precede a existência humana; o segundo, nasce da valorização do natural como fonte de vida. Mas, essa constatação é resultado, desde logo, do pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta. (CORREA DA SILVA, Armando. 2000. p. 18).

A Natureza será entendida como totalidade, o conjunto que forma o Mundo dos Entes e dos Seres, da unidade terrestre, conjunto coerente entre tempo e materialidade.

“Uma filosofia da geografia deve-se alimentar, em primeiro lugar, da noção de totalidade. Paul Vidal de La Blache e Frederic Ratzel vulgarizaram a noção de unidade terrestre, que Carl Ritter antes deles havia estabelecido. Trata-se, de fato, da noção filosófica de natureza como o conjunto de todas as coisas, conjunto coerente, onde ordem e desordem se confundem nesse processo de totalização permanente pelo qual uma totalidade evolui para tornar-se outra. O princípio da totalidade é básico para a elaboração de uma filosofia do espaço do homem. Ele envolve a noção de tempo e isso nos permite reconhecer a unidade de movimento responsável pela heterogeneidade com que as coisas se apresentam diante de nós” (SANTOS, Milton. “O espaço geográfico como categoria filosófica”, Terra Livre, no 5 (número especial “O espaço em questão”), Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 1988a, pp. 12 e 13).

As técnicas dizem respeito sobre o processo de informar o Mundo, de “moldar” e ser “moldado”. O espaço geográfico é um registro da organização humana do Mundo sob

as técnicas. O que permite pensar a Geografia como filosofia das técnicas precisamente por ser a objetivação humana do Mundo, uma ciência dos Entes e dos Seres. A expressão fundamental do espaço geográfico contemporâneo é o Meio Técnico-Científico-Informacional.

“O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico-informacional. Não é nem meio natural nem meio técnico. A ciência, a tecnologia e a informação estão na base mesma de todas as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (animais e vegetais). É a cientifização e a tecnicização da paisagem. É também a informatização, ou antes a informacionalização do espaço. A informação tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços, assim requalificados, atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e desse modo são incorporados plenamente às correntes de globalização (SANTOS. 2008. p.48).

A informação se faz presente no Mundo quando o ser humano o torna espaço geográfico, quando o constitui como meio. O chamado “meio natural” é uma declinação do informar o mundo, do processo de dar características humanas ao Mundo. A informacionalização do espaço ocorre quando os atores hegemônicos (estatais e econômicos) chegam para imporem suas técnicas e as suas intencionalidades específicas. Vem para coletar e interpretar os dados não explorados e manipular as informações do Mundo, tanto dos entes quanto dos seres.

A humanidade têm as técnicas como formas de informar o Mundo. No Meio Técnico-Científico-Informacional, hoje, são as técnicas sob interesses e manipulações de atores econômicos e estatais que impõem suas intencionalidades no território, sobre as pessoas e os lugares, obrigando a tudo e a todos que se adaptem ou resistam a suas vontades de uso dos territórios.

“É nesse meio que se vêm implantar, no campo como na cidade, as produções materiais ou imateriais características da época. Em uma frase, poderíamos dizer que as ações hegemônicas se estabelecem e realizam-se por intermédio de objetos hegemônicos. Como num sistema de sistemas, o resto do espaço e o resto das ações são chamados a colaborar. Cada combinação tem sua própria lógica e autoriza formas de ações específicas dos agentes econômicos e sociais.
(...)

Nessas condições, e como resultado da globalização, o próprio espaço se converte num dado da regulação, seja pela horizontalidade (o processo direto de produção), seja pela verticalidade (os processos de circulação). Haveria espaços mais ou menos reativos, mais ou menos dóceis às outras formas de regulação. Estes seriam os ‘espaços da racionalidade’, cuja constituição é mais marcada pela ciência, pela tecnologia e pela informação, espaços mais abertos à realização da racionalidade dos diversos atores” (SANTOS. 2008. p. 48 e 49).

1.2.1 – Construção social da realidade: delimitação do que é o real.

Trata-se de uma mudança na construção social da realidade. São poucos atores sociais que constituem a “cosmovisão”, as “ideias” fundamentais de uma sociedade, na produção de “teorias” e “fundamentações”. São pouquíssimas pessoas que se dedicam a realizar uma interpretação teórica do mundo, “mas todos vivem em um mundo de algum tipo” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.28). É preciso compreender com o que as pessoas conhecem como realidade, o que constitui a vida prática do senso comum. As formas de circulação, os meios materiais de comunicação e os sentidos que contextualizam o acesso e a apropriação das informações são plenos de intencionalidades dos detentores dos meios objetivos da informação.

“A sociedade possui na verdade facticidade objetiva. E a sociedade de fato é construída pela atividade que expressa um significado subjetivo.

(...)

Como é possível que a atividade humana (*Handein*) produza um mundo de coisas (*Choses*)? Em outras palavras, a adequada compreensão da ‘realidade *sui generis*’ da sociedade exige a investigação da maneira pela qual esta realidade é construída” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.33).

1.2.2 – O Ser e o Mundo: a Ontologia

“A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução” (SANTOS, Milton. 2008. p. 17).

Experimental, observar e compreender o mundo real; gerar conhecimento sobre os fenômenos e os dados da realidade, exige em esforço de pesquisa entender o que é o Mundo, os Entes materiais reais que o compõem e o sujeito que experimenta e compreende a si e ao Mundo: o Ser, o Ser-Aí, que é a si e onde se encontra. O Ser-Aí-no-Mundo.

1.2.3 – Objetivação, objetividade e conhecimento do mundo

A objetivação é o modo como o Dasein se relaciona com os entes do Mundo⁶, o modo como atribui sentido e cria objetos. Conhecimento e construção do Mundo. O perguntar o que é o Ser é também perguntar o que é o Mundo. Conhecer o mundo é um processo que antecede o método científico e é sua fundamentação empírica, a partir da experiência material associada à capacidade humana. O Dasein tem a consciência e a necessidade do Mundo.

“Ao contrário da pedra, da árvore e da vaca, o Dasein tem consciência do mundo e está familiarizado com ele, tem consciência de outras coisas no mundo e de si mesmo, e é assim em virtude de sua ‘compreensão do ser’. Ele não é um sujeito autocontido que só tem consciência de seus próprios estados mentais. (...) Se o Dasein tivesse uma natureza determinada própria e não fosse, ao menos em parte, aquilo que faz de si mesmo, ele poderia não necessitar de um mundo no qual estar” (INWOOD. 2004. p. 43 e 44).

O Dasein “(...) precisa de um mundo povoado que contenha entidades com as quais se engajar” (INWOOD. 2004. p. 44).

A objetividade científica tem fundamento neste processo de objetivação, conhecimento e construção do mundo. O conhecimento analítico e sintético surge de um processo de conhecimento do mundo diferente da fundamentação mítica-religiosa. Assim, a capacidade humana do Ser-Aí, o ente entre entes e que se pergunta “o que é o Ser?”, é o fundamento que constrói o meio (ou *milieu*), o espaço geográfico, na relação do Ser

6 “Não é em sua maior parte um mundo de entidades puramente naturais. Os habitantes mais imediatos e evidentes do mundo do Dasein, afora ele mesmo, são os instrumentos e utensílios que ele usa para suas necessidades diárias, seu martelo, por exemplo, e os pregos e o couro com que faz sapatos. Instrumentos e utensílios têm seu lugar numa oficina, o mundo circundante imediato do Dasein. Mas esse mundo aponta para um mundo mais amplo que está além dele, para o outro Dasein que compra seus sapatos e para os fornecedores do couro. Isso aponta por sua vez para a natureza, não a natureza do cientista natural, mas as vacas das quais vem o couro e dos campos em que elas pastam. Husserl mais tarde denominou esse mundo, o mundo em que vivemos natural e normalmente, *Lebenswelt*, ou ‘mundo-da-vida’. Mas Heidegger chamou-o apenas de mundo (*Welt*), o mundo mais amplo que está além do ‘mundo ao nosso redor’ (*Umwelt*) imediato, o mundo do lugar de trabalho” (INWOOD. 2004. p. 44).

com demais Seres, pelo processo de objetivação (nomeação e implementação de artificialidades) do Mundo.

1.2.4 - Objetivação do Mundo e Ordem Social

O processo de objetivação do Mundo é um processo de exteriorização humana, de produção de si e de seu ambiente. O recém-nascido humano depende dos demais humanos para concluir seu desenvolvimento fisiológico, um desenvolvimento que já é uma abertura para o Mundo.

“É possível indicar primeiramente o fato evidente de que uma dada ordem social precede qualquer desenvolvimento individual orgânico. Isto é, a ordem social apropria-se previamente sempre da abertura para o mundo, embora esta seja intrínseca à constituição biológica do homem. É possível dizer que a abertura para o mundo, biologicamente intrínseca, da existência humana é sempre, e na verdade deve ser, transformada pela ordem social em um relativo fechamento ao mundo” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.73).

Este “fechamento do mundo” é uma dinâmica de criação de objetos, o processo da linguagem, a nomeação dos entes, a relação com os outros Seres e a transformação humana do meio. Um processo social que insere os elementos humanos no mundo, os objetos e a ordem social.

“O ser humano é impossível em uma esfera fechada de interioridade quiescente. O ser humano tem de estar continuamente se exteriorizando na atividade. Esta necessidade antropológica funda-se no equipamento biológico do homem. A inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer um ambiente estável para sua conduta. O próprio homem tem de especializar e dirigir seus impulsos. (...) Em outras palavras, embora nenhuma ordem social existente possa ser derivada de *dados* biológicos, a necessidade da ordem social enquanto tal provém do equipamento biológico do homem” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.74 e 75).

As faculdades e atividades humanas são base para as trocas entre os Seres e da relação com todos os entes; e das trocas surgem atividades econômicas.

“Toda atividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzido com economia de esforço e que, *ipso facto*, é apreendido pelo executante *como* tal padrão. O hábito implica além disso que a ação em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço econômico. Isto é verdade na atividade não social assim como na

atividade social. Mesmo o indivíduo solitário na proverbial ilha deserta torna habitual sua atividade.” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.75).

“A atividade a ser empreendida nessas situações pode então ser antecipada. É possível mesmo atribuir pesos padrões às alternativas de conduta” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.76).

1.3 – Objeto e objetivação – as faculdades humanas como origens

As entidades presentes no mundo são vistas a partir de propósitos humanos, da significância que estabelecem entre si e com o ser humano, antes de propriedades físicas. Os aspectos práticos são uma perspectiva, tais como um martelo serve para martelar, uma mesa ser algo para alimentação ou estudo. Assim, estas entidades não são vistas isoladas de um cenário, um contexto.

“(…) formam um todo dotado de significância - (...) - em vez de uma mera coleção aleatória de entidades. Os objetos se referem/remetem uns aos outros dessa maneira, e assim constituem um domínio de ‘significância’ de modo mais óbvio e fácil se são objetos de uso - ‘prontos-à-mão’ [disponíveis], como diz Heidegger, *zuhanden*, em contraste com entidades que estão simplesmente presentes, *vorhanden*” (INWOOD. 2004. p. 46).

Os ambientes não são autocontidos; existem encadeamentos entre objetos, pessoas, atividades, tempos⁷.

“Em todos os casos, o mundo imediato que nos cerca aponta para um mundo mais amplo além, mas para um mundo ainda ancorado no Dasein, em suas necessidades e propósitos” (INWOOD. 2004. p. 46).

O espaço é observado a partir dos sentidos que lhes são atribuídos e das experiências que foram vivenciadas e despertam experiências em ressignificado.

“Para Heidegger, (...), o espaço e o tempo desempenham um papel distinto. Aquilo que percebemos naturalmente a respeito da mesa não é a sua forma e dimensões precisas, mas se ela tem o tamanho certo e está no lugar certo para nossos propósitos. (...) Os objetos têm suas posições corretas na sala. E o mesmo acontece na oficina. (...) Através da janela o artesão pode ver a estrada que leva, numa direção, ao centro da cidade, e, na outra, à próxima cidade, onde vive agora sua irmã. (...) Para Heidegger, o tempo também é uma questão de ‘significância’. A mesa aponta para os usos que lhe vão

⁷ “A sala também se refere ao carpinteiro que fez a mesa, aos comerciantes que fornecem comida, aos editores que publicam livros, e assim por diante” (INWOOD. 2004. p. 46).

ser dados, e, retrospectivamente, para eventos passados – os riscos que garotos fizeram, o livro que escreveu nela etc.” (INWOOD. 2004. p. 47 e 48).

As faculdades humanas constituem o fundamento da objetivação, estruturada a partir de suas capacidades cognitivas e por constituir o Ser, o ente entre entes que é capaz de se perguntar quem é. É faculdade humana o reconhecer o Mundo, estabelecer que é um Meio, que interage com outros entes e Seres conforme os Meios e estabelece o que são os Entes do Mundo. É a capacidade humana de estabelecer o que é um objeto, em uma atividade realizada de forma indissociável entre um Ser específico (um indivíduo) e o coletivo de outros Seres.

Dessas atividades indissociáveis, coletivas e individuais, de mútua influência e contradições, estabelecem-se perspectivas de totalidade e totalização, do todo e das partes, para realização do Mundo e do Meio. Em momentos específicos retiram do Meio um elemento (um ente), estabelecem uma relação de semelhanças e diferenciações para constituir identificações: um objeto. Estabelecem-se suas características, formas e particularidades e é reinserido no Mundo já sob uma perspectiva humanizada e social, a identificação dos entes é uma objetivação. Os entes identificados são postos em contato com outros entes e passam a ser observados (pelo Ser e pelo coletivo de Seres) uns em relação aos outros. Um processo de totalidade e totalização.

Os entes, a partir das faculdades humanas, se tornam cognoscíveis. Um processo de reconhecimento a partir de seus sentidos e experiência do Ser no Mundo. São identificados e reconhecidos, já sob a égide da compreensão humana. O Mundo passa a ser experimentado a partir desta compreensão. Os meios específicos são compreendidos pelos Seres em suas especificidades. E são apropriados pelos Seres a partir das condições que atribuíram a cada Ente. Constituem-se, então, as condições de formulação de objetos e de apropriação do Mundo conforme as capacidades e anseios humanos.

O Mundo é reconhecido e apropriado conforme especificidades e realidade, partes e todo, totalização e totalidade, sentidos atribuídos e normas sociais, objetos e objetivação. O Mundo passa a ser instrumentalizado pelos Seres; Entes (fundamentalmente os inanimados) são transformados em objetos, instrumentos, elementos de transformação do Mundo, do Meio, dos Seres e dos indivíduos em uma totalidade constituída pelos Seres Humanos.

“A percepção passa a ser uma complexidade de impulsos determinados e indeterminados, que geram um comportamento pensante contínuo que tudo quer entender, mesmo os automatismos. Essa liberdade assim posta é limitada pela inércia dinâmica que obriga a consciência a ultrapassar todo o tempo o pensamento que se congela no fluxo vivido e que tem que se renovar para acompanhar o sentido do espaço e da duração.” (CORREA DA SILVA, Armando. 2000. p. 12)

A objetivação, deste modo, integra o que Marx discorre nos “Manuscritos Econômico-Filosóficos” como a vida genérica e o ser humano (o Homem) como ser genérico. Principalmente antes do estranhamento do trabalho, que é uma inversão da sua atividade vital em apenas um meio de vida que reproduza sua existência, que é o trabalho alienado (o fruto do trabalho pertence ao capitalista) e o que Marx estabeleceu como mundo objetivo, um mundo em que o ser humano estranha a sua atividade vital, a si e o Mundo, que passam a ser elementos alheios (estranhos) a si próprio.

“O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (...) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida *lhe* é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua *essência*, apenas um meio para sua *existência*” (MARX. 2010. p. 84 e 85).

Em uma perspectiva, o objeto tal como o descrevemos aqui é o produto da capacidade humana em uma integralidade (ou totalidade). É expressão do humano em suas capacidades cognitivas e materiais. Sentidos, signos, significados e materialidade em relação mútua e contraditória. Um processo que “antecede” a alienação, a produção de mercadorias e das relações sociais capitalistas, e é característica da sua atividade consciente.

“O objeto intervém aqui visivelmente como um prolongamento do ato humano; ferramenta, instrumento de ação, ele deverá inserir-se numa praxeologia. Logo em seguida, ele intervém como sistema de elementos sensíveis que resistem aos fantasmas do ser, o objeto é atirado de encontro a nossos olhos e sentidos, é uma barreira e uma realidade.

(...) O objeto torna-se mensagem e mensagem social, o objeto é proveniente do mundo dos homens. É sempre o produto de algum *Homo Faber* e nunca de uma Natureza mais ou menos transformada, (...)" (MOLES. 1981. p. 9).

Neste sentido, o objeto se torna mediador universal entre cada ser humano e a sociedade.

“É o problema do objeto, mediador universal, revelador da Sociedade na progressiva desnaturalização desta, construtor do ambiente cotidiano, sistema de comunicação social, carregado de valores como nunca no passado, apesar do anonimato da fabricação industrial.” (MOLES. 1981. p. 8).

A objetivação, assim, é também origem da informação. A capacidade humana, a cognição, na relação do Ser com os Entes estabelece o sentido e a materialidade simultaneamente. A gênese dos objetos e das informações é a atividade vital consciente humana. Sentido e materialidade.

“Precisamente por isso, na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como *ser genérico*. Esta produção é a sua vida genérica operativa. Através dela a natureza aparece como a *sua* obra e a sua efetividade (...). O objeto do trabalho é portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele” (MARX, Karl. 2010. p. 85).

Nos “Manuscritos” Marx reflete sobre a existência (*Dasein*) na condição de trabalhador, que o ser humano é reduzido a uma condição entre o capital e a propriedade privada. O processo de estranhamento (ou alienação) do produto de suas capacidades físicas e do objeto que produz é também o estranhamento da sua subjetividade. A condição de existência do ser humano se reduz à sua reprodução física e ao estranhamento dos produtos de suas capacidades – os objetos, em um sentido – e de sua subjetividade – os sentidos de Mundo – ao capital (que é o trabalho estranhado) e a propriedade privada (que é o produto da capacidade humana, o objeto, estranhado)⁸.

“No trabalhador existe pois, subjetivamente, [o fato de] que o capital é o homem totalmente perdido de si, assim como existe, no capital, objetivamente, [o fato de] que o trabalho é o homem totalmente perdido de si. (...) O homem nada mais é do que *trabalhador* e,

8 “Mas o trabalho, a essência subjetiva da propriedade privada enquanto exclusão da propriedade, e o capital, o trabalho objetivo enquanto exclusão do trabalho, são a *propriedade privada* enquanto sua relação desenvolvida da contradição, e por isso uma relação enérgica que tende à solução” (MARX. 2010. p. 103).

como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é *estranho*. (...) Tão logo aconteça ao capital – ocorrência necessária ou arbitrária – não mais existir para o trabalhador, o trabalhador mesmo não é mais para si; ele não tem *nenhum* trabalho e, por causa disto, *nenhum* salário. E, aí, ele tem existência (*Dasein*) não *enquanto homem*, mas *enquanto trabalhador*, podendo deixar-se enterrar, morrer de fome etc.. (...) A existência (*Dasein*) do capital é a *sua* existência, sua *vida*, tal como determina o conteúdo da sua vida de um modo indiferente a ele” (MARX. 2010. p. 91).

A consciência humana também se submete a essa Existência estranhada (ou alienada) da propriedade privada, do capital e do trabalho. Quando a propriedade privada assume o seu mais alto grau, alcança a consciência e a vida efetiva; torna-se a existência no Mundo, o modo como o ser humano, agora mero trabalhador, se faz presente e entende o Mundo. O sensível e material, a capacidade humana como um todo se submete ao capital, à propriedade privada e ao trabalho estranhado como sua existência (*Dasein*).

“A propriedade privada *material*, imediatamente *sensível* (...), é a expressão material-sensível da vida *humana estranhada*. Seu movimento – a produção e o consumo – é a manifestação (...) *sensível* do movimento de toda produção até aqui, isto é, realização ou efetividade do homem. Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte etc., são apenas formas *particulares* da produção e caem sob a sua lei geral. A suprassunção (...) positiva da *propriedade privada*, enquanto apropriação da vida *humana* é, por conseguinte, a suprassunção positiva de todo estranhamento (...), portanto o retorno do homem da religião, família, Estado etc., à sua existência (*Dasein*) *humana*, isto é, *social*. O estranhamento religioso enquanto tal somente se manifesta na região da *consciência*, do interior humano, mas o estranhamento econômico é o da *vida efetiva* – sua suprassunção abrange, por isso, ambos os lados” (MARX. 2010. p. 106).

A propriedade privada se torna uma questão fundamental de sociabilidade, de constituição de uma sociedade. Um caráter civilizacional⁹.

“Vimos como, sob o pressuposto da propriedade privada positivamente suprassumida, o homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como [produz] o objeto, que é o acionamento (...) imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem, [para] a existência deste, e a existência deste para ele. Igualmente, tanto o material de trabalho quanto o homem enquanto sujeito são tanto

⁹ “Portanto, a *sociedade* é a unidade essencial completada (...) do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito” (MARX. 2010. p. 107).

resultado quanto ponto de partida do movimento (e no fato de eles terem de ser este *ponto de partida* reside, precisamente, a *necessidade* histórica da propriedade privada). Portanto, o caráter *social* é o caráter universal de todo o movimento; *assim como* a sociedade mesma produz o *homem* enquanto *homem*, assim ela é *produzida* por meio dele” (MARX. 2010. p. 106).

A sociedade não pode ser observada como uma abstração em relação ao indivíduo. O indivíduo é o ser social, produto e produtor da sociedade. Sua vida manifesta é uma confirmação e expressão da vida social. Pensar e ser formam uma unidade mútua, ainda que diferentes.

“Acima de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a ‘sociedade’ como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, uma externalização e confirmação da *vida social*.” (MARX. 2010. p. 107).

“O homem – por mais que seja, por isso, um indivíduo *particular*, e precisamente sua particularidade faz dele um indivíduo e uma coletividade efetivo-*individual* (...) - é, do mesmo modo, tanto a *totalidade*, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, assim como ele também é na efetividade, tanto como intuição e fruição efetiva da existência social, quanto como uma totalidade de externalização humana de vida. Pensar e ser são, portanto, certamente *diferentes*, mas [estão] ao mesmo tempo em *unidade* mútua” (MARX. 2010. p. 108).

Karel Kosik em “Dialética do Concreto” observa que dialética trata da “coisa em si”, porém a “coisa em si” não se manifesta imediatamente ao ser humano. O pensamento dialético faz a distinção entre representação e conceito da coisa, mas não se trata de duas formas de conhecimento da realidade, trata-se sobretudo e especialmente de duas qualidades da *praxis* humana.

“A atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais” (KOSIK. 1976. p. 9 e 10).

A realidade, portanto,

“(…) apresenta-se como o campo em que se exercita sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade. No trato prático-utilitário com as coisas – em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer a estas – o indivíduo ‘em situação’ cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade” (KOSIK. 1976. p. 10).

Kosik faz uma diferenciação entre a “existência real” e as formas fenomênicas da realidade, que muitas vezes são completamente contraditórias

“(…) com a *lei* do fenômeno, com a *estrutura* da coisa e, portanto, com o seu núcleo interno *essencial*, e o seu conceito correspondente” (KOSIK. 1976. p. 10).

Grosso modo, pode-se considerar uma diferença entre o que de fato ocorre e o que se tem a percepção do que ocorre. Uma *práxis* utilitária, que coloca o ser humano em condições de se orientar no mundo, de manejar e se familiarizar com as coisas, mas não são condições suficientes para compreendê-las e a realidade como um todo. Uma *práxis* sob a alienação.

“A *praxis* de que se trata neste contexto é historicamente determinada e unilateral, é a *praxis* fragmentária dos indivíduos, baseada na divisão do trabalho, na divisão da sociedade em classes e na hierarquia de posições que sobre ela se ergue. Nesta *praxis* se forma tanto o determinado ambiente material do indivíduo histórico, quanto a atmosfera espiritual em que a aparência superficial da realidade é fixada como o mundo da pretensa intimidade, da confiança e da familiaridade em que o homem se move ‘naturalmente’ e com que tem de se a vir na vida cotidiana” (KOSIK. 1976. p. 10 e 11).

Essa *práxis* fragmentária permite realizarmos uma leitura marxista da percepção de Heidegger de mundo sob a mais-valia e da ideologia. É um mundo de essências e aparências, a *pseudoconcreticidade* de Kosik:

“O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da *pseudoconcreticidade*. A ele pertencem:

- O mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais;
- O mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da *praxis* fetichizada dos homens (a qual não coincide com a *praxis* crítica revolucionária da humanidade);

- O mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens, produto da *praxis* fetichizada, formas ideológicas de seu movimento;

- O mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens.

O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças a seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar no fenômeno revela seu movimento e demonstra que a essência não é inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno” (KOSIK. 1976. p. 11).

As ações humanas, desde suas capacidades cognitivas, de trabalho e compreensão do mundo – a *práxis* – se manifestam materialmente pela objetivação, pela capacidade de criar objetos e de definir entes como objetos. Conceber uma coisa, no sentido de compreender essa coisa, é simultaneamente estabelecer o conceito¹⁰ desta coisa em ideia e materialidade, um esforço de superação da natureza. O ser humano

“(…), para conhecer as coisas em si, deve primeiro transformá-las em coisas para si; para conhecer as coisas como são independentemente de si, tem primeiro de submetê-las à própria *praxis*: para poder constatar como são elas quando não estão em contato consigo, tem primeiro de entrar em contato com elas. O conhecimento não é contemplação. A contemplação do mundo se baseia nos resultados da *praxis* humana. O homem só conhece a realidade na medida em que ele *cria a realidade* humana e se comporta antes de tudo como ser prático” (KOSIK. 1976. p. 22).

A informação, como um processo do trabalho humano e parte da radicalidade ontológica (as faculdades humanas), é processo de criação da realidade, do conhecimento humano do mundo a partir da *práxis*.

“O sujeito que conhece o mundo, e para o qual o mundo existe como cosmo ou ordem divina ou totalidade, é *sempre* um sujeito social; e a

10 “O conceito da coisa é compreensão da coisa, e compreender a coisa significa conhecer-lhe a estrutura. A característica precípua do conhecimento consiste na decomposição do todo. (...) O ‘conceito’ e a ‘abstração’, em uma concepção dialética, tem o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa” (KOSIK. 1976. p. 14).

atividade que conhece a realidade natural e humano-social é atividade do sujeito social” (KOSIK. 1976. p. 43).

A percepção individual da realidade se torna objeto tal qual o sujeito. Tanto no sentido da análise científica e desenvolvimento técnico, como mercadoria ou processo de financeirização. Ocorre uma transformação da realidade social pela dinâmica de sua construção. O ser humano é “manipulado” no momento de sua formação como sujeito. Uma *práxis* que radicaliza a redução do ser humano a condição de objeto¹¹ do conhecimento, cada vez mais lucrativa e eficiente, que atende ao império da fluidez.

O trabalho é uma questão ontológica radical. O trabalho é um dos modos que o ser humano interage com o Mundo. São as capacidades cognitivas, as faculdades mentais e materiais (corporais) humanas que constituem o trabalho. Assim, o trabalho e os meios de produção, como cognição e materialidade corporal, são *práxis*. É a *práxis* que constrói a informação. Expressão empírica da cognição, da vida social e da divisão do trabalho. Permite ser, então, ser objeto do escrutínio social e expressão individual e ser vista sob a objetividade humana. A informação é expressão de detalhes, especificidades, do Mundo pelo ser humano. É o ser humano que diz o que são os entes no Mundo e quais são as formas de se relacionarem com eles. Esse dizer, essa expressão, é a base para a informação. A sociedade e o indivíduo estabelecem o que é cada ente do Mundo, atribuem sentidos e como integram esta totalidade. Este atribuir de sentido, de denominar entes e capacidades humanas, é o que constitui e fundamenta a informação. Mesmo em um mundo de pseudoconcreticidade e do estranhamento (ou alienação) do capitalismo.

Trata-se de um processo em que o sujeito tornado objeto pelo trabalho alienado capitalista, que em um primeiro movimento separa o ser humano ato de produzir do pensar na produção de mercadorias, agora exige deste mesmo sujeito que permita o acesso, revele o que pensa do Mundo e como se relaciona com ele. O Ser-Aí da pseudoconcreticidade. A ilusão de que o sujeito tem o controle pleno de suas ações. Uma radicalização do processo de reificação, pois formas novas de objetificação se impõem, a partir da materialidade de infraestrutura e dos objetos de comunicação¹².

11 “A realidade social *não* é conhecida como totalidade concreta se o homem no âmbito da totalidade é considerado apenas e sobretudo como *objeto* e na *práxis* histórico-objetiva da humanidade não se reconhece a importância primordial do homem como sujeito” (KOSIK. 1976. p. 44).

12 “A interiorização do objeto, via experiência, transforma o objeto que, agora, é subjetividade-objetivada. E a motivação para a ação, possui, então, um componente novo: algo mudou, pois, o objeto e o sujeito não são mais agora os mesmos.” (CORREA DA SILVA, Armando. 2000. p. 15).

“Tanto o capital, como o trabalho, postulam o mundo como objeto. O sujeito é, assim, posto atividade: como coisa e como ato, separado do pensar a coisa e o ato. Estes são, então, prisioneiros do artefato e do fazer, que têm como finalidade o produto onde se defrontam reificados.

A objetividade aí prende-se à certeza do perceber-se: medir, contar, pesar. A divisão do trabalho implica na multiplicação das coisas e do fazer. Mas, como organizar a fragmentação? Através de operações significativas para o perceber.

A tecnologia desempenha aí o papel condutor. Ela deve compor e recompor continuamente a totalidade que ela própria desfaz. Mas, ela deve lidar com a determinação e a indeterminação. A máquina moderna tem condições de opor-se à contrarracionalidade.

A automação implica cada vez mais a eliminação do erro. Então, quando este ocorre, pode escapar ao controle de seus efeitos.

Novamente a tecnologia é posta em ação.

O mundo regulado que decorre disso é a estratificação das desigualdades e das diferenças, numa superfície aparentemente isotrópica.

Não só a consciência humana, mas também o comportamento, começam a ser moldados com o objetivo de produzir no máximo a percepção da utilidade.

A objetividade não se pode pôr antes, mas só se dá como resultado, num processo em que ela é ideia abstrata ou concreta, no próprio momento em que ocorre. À coisificação do produto e da mente, opõe-se, como sobredeterminação, a idealização do artefato e do ato. Abstrair é, assim, descoisificar, como ponto de partida do trabalho.” (CORREA DA SILVA, Armando. 2000. p. 14 e 15).

A relação da sociedade e dos indivíduos com os entes é um processo de objetivação. Entes se tornam objetos – nos dois sentidos: o material e ser fonte de observação e reflexão. O meio se transforma radicalmente a partir da existência humana, o ser humano estabelece forma ao Mundo. Impõe a sua consciência ao Mundo e todos os elementos subjetivos da sociedade. Os objetos (que são sociais) são expressão da sociedade e dos indivíduos, que retroagem a ambos impondo suas limitações materiais e de utilidade sociais. Instrumentos (humanos) que alteram o Mundo, mas alteram também os seres e a sociedade. Mesmo sob a propriedade privada.

Esta relação entre objetos e capacidades humanas passam a serem vistas sob a divisão do trabalho e da objetividade científica. E daí o cognitivo humano passa a ser mais uma fonte de extração da mais-valia. A informação se torna distinguível em partes e características específicas, tal qual os objetos. As partes da informação são os dados. As informações são expressões das capacidades humanas, da subjetividade, e da

materialidade. As informações e objetos passam a ser fontes da análise científica. Podem ser submetidas à objetividade científica. Divididas, fragmentadas em partes específicas, ter atribuídos sentidos e funções específicas. As informações são fracionadas em dados. Os objetos podem também serem fracionados em dados. Objetos e informações têm uma correlação direta, uma identidade. Um objeto está atrelado a uma informação, principalmente por atribuição de sentido do Ser sobre o Ente. Um objeto é portador de sentido, portador de informação. Tal qual a informação, o objeto pode ser fragmentado em dados. Um processo social por radicalidade. Expressão de sentidos e intencionalidades. Principalmente sob a “lógica” da propriedade privada. Uma mercadoria, ainda que produto do trabalho humano estranhado e que circula como propriedade privada, ainda é um objeto. E estabelecem relações com os indivíduos como expressões diretas desta sociedade. Uma mercadoria é um produto social que se insere nas relações sociais e com os indivíduos. Um objeto que está em contato direto com o Ser, que é determinado por ele mas retroage com suas limitações e usos sociais. Principalmente sob a pseudoconcreticidade, a propriedade privada, o capital e o trabalho estranhado.

“A supressão da propriedade privada é, por conseguinte, a *emancipação* completa de todas as qualidades e sentidos humanos; mas ela é esta emancipação justamente pelo fato desses sentidos e propriedades terem se tornado *humanos*, tanto subjetiva quanto objetivamente. O olho se tornou olho *humano*, da mesma forma como o seu *objeto* se tornou um objeto social, *humano*, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os *sentidos* se tornaram *teóricos*. Relacionam-se com a *coisa* por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento *humano objetivo* consigo própria e com o homem e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa se a coisa se relaciona humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza *egoísta* e a natureza a sua mera *utilidade* (...), na medida em que a utilidade (...) se tornou utilidade humana” (MARX. 2010. p. 109).

“Nós vimos. O homem só não se perde em seu objeto se este lhe vem a ser como objeto *humano* ou homem objetivo. Isto só é possível na medida em que ele vem a ser objeto *social* para ele, em que ele próprio se torna ser social (...), assim como a sociedade se torna ser (...) para ele neste objeto” (MARX. 2010. p. 109).

As informações são cruciais para a relação do Ser em seu entorno, nas possibilidades de ação. Estruturas objetivas concretas que são, se tornam ações a partir das possibilidades que cada indivíduo possui. As informações e as possibilidades que elas têm são socialmente seletivas. Em um mesmo entorno, as pessoas têm diferentes

possibilidades concretas. Estabelecem diferentes usos do território que, tal qual o Mundo na percepção de Heidegger, também estão fora de suas possibilidades concretas e imediatas, para além de suas iniciativas.

“De que vale indagar qual a fração da natureza que cabe a cada indivíduo ou a cada grupo, se o exercício da vida exige de todos uma referência constante a um grande número de lugares? Ali mesmo onde moro, frequentemente não sei onde estou. Minha consciência depende de um fluxo multiforme de informações que me ultrapassam ou não me atingem, de modo que me escapam as possibilidades, hoje tão numerosas e concretas, de uso ou de ação. O que parece estar ao alcance de minhas mãos é concreto, mas não para mim. O que me cabe são apenas partes desconexas do todo, fatias opulentas ou migalhas. Como me identifico, assim, com o meu entorno? Sem dúvida pode-se imaginar o indivíduo como um ser no mundo, mas pode-se pensar que há um homem total em um mundo global?

(...)

Os objetos que nos servem são, cada vez mais, objetos técnicos, criados para atender a finalidades específicas. As ações que contêm são aprisionadas por finalidades que raramente nos dizem respeito. Vivemos em um mundo exigente de um discurso, necessário à inteligência das coisas e das ações. É um discurso dos objetos, indispensável ao seu uso, e um discurso das ações, indispensável à sua legitimação” (SANTOS. 2008. p. 19).

Um desafio que se coloca ao Ser-Aí é o de revelar o Mundo da pseudoconcreticidade, que é um processo de compreensão dos fenômenos, uma formação da consciência e transformação da *práxis*. O que esta tese busca ressaltar é o processo de apreensão das capacidades cognitivas e da compreensão do Mundo que cada ser humano constrói ao longo da vida pelo capitalismo, no contexto do Meio Técnico-Científico-Informacional. Um meio que conhecimentos fundamentados na ciência, técnicas (objetos e tecnologia) e os meios tecnológicos de circulação das informações buscam o comportamento, a capacidade de decisão e o modo como constroem suas consciências como elementos cada vez mais fundamentais na divisão internacional do trabalho.

“A tecnologia, como instrumento da racionalidade, ganha assim o papel de demiurgo da alienação total de nossos dias. O técnico garante a unidade do funcionamento, mas em prejuízo da razão. Mas, não a razão como um dado, atributo dos filósofos. A razão como a teleologia em movimento, ou melhor, como o movimento da teleologia. Isso implica na ruptura. Não aquela objetiva, independente da vontade, mas a outra, aquela que depende do sujeito e que, levadas em conta as mediações, dirige o processo.

Nesse momento, a racionalidade submete-se à razão.” (CORREA DA SILVA, Armando. 2000. p.16).

1.4 – A informação precede o dado

“Os dados são comumente entendidos como a matéria-prima produzida pela abstração do mundo em categorias, medidas e outras formas representacionais – números, caracteres, símbolos, imagens, sons, ondas eletromagnéticas, bits – que constituem os blocos de construção a partir dos quais a informação e o conhecimento são criados. Os dados são geralmente representativos por natureza (por exemplo, medições de um fenômeno, como idade, altura, peso, cor, pressão sanguínea, opinião, hábitos, localização, etc. de uma pessoa), mas também podem ser implícitos (por exemplo, por meio de uma ausência em vez de presença) ou derivados (por exemplo, dados que são produzidos a partir de outros dados, como variação percentual ao longo do tempo calculada pela comparação de dados de dois períodos de tempo), e podem ser registrados e armazenados na forma analógica ou codificados na forma digital como bits (dígitos binários)¹³. (KITCHIN, 2014, p. 1).

Obedecendo ao raciocínio de que a objetivação do Mundo, i.e. criar e identificar objetos, é um processo de informar o Mundo, portanto expressão da capacidade humana e do trabalho, a informação têm precedência sobre os dados. O método científico é a origem e a fundamentação do dado. Compreendemos neste texto como dado o debate sobre quanta e mensagem na cibernética, da teoria da informação surgida em Shannon e Wiener, e propomos a distinção da ontológica da informação. A teoria da informação a partir da matemática está fundamentada na meio técnico-científico, a qual a noção de entropia e incertezas são elementos de tomada de decisão. A noção de *quanta*¹⁴ é uma percepção de unidade de decisão, um dado mínimo elementar, ligado ou desligado, sim

13 “Data are commonly understood to be the raw material produced by abstracting the world into categories, measures and other representational forms – numbers, characters, symbols, images, sounds, electromagnetic waves, bits – that constitute the building blocks from which information and knowledge are created. Data are usually representative in nature (e.g., measurements of a phenomena, such as a person’s age, height, weight, colour, blood pressure, opinion, habits, location, etc.), but can also be implied (e.g., through an absence rather than presence) or derived (e.g., data that are produced from other data, such as percentage change over time calculated by comparing data from two time periods), and can be either recorded and stored in analogue form or encoded in digital form as bits (binary digits)”. (KITCHIN, 2014, p. 1).

14 *Quanta*, ou quantidade de informação: “A fim de cobrir este aspecto da engenharia de comunicação, tínhamos de desenvolver uma teoria estatística da *quantidade de informação*, em que a unidade desta quantidade de informação era aquela transmitida como uma decisão única entre alternativas igualmente prováveis (...). A noção de quantidade de informação liga-se muito naturalmente a uma noção clássica em mecânica estatística: a de entropia. Assim como a quantidade de informação em um sistema é a medida de seu grau de organização, a entropia de um sistema é a medida de seu grau de desorganização; e uma é simplesmente a negativa da outra (...)” (WIENER. 2017. p.33).

ou não e variáveis possíveis, como elemento de análise de possibilidades e controle de incertezas a partir de sensores (*inputs*), análise (*outputs*) e retroalimentação ou retorno (*feedback*) em análise de performance.

Cada tipo de estímulo existente no Mundo torna-se uma mensagem – um impulso elétrico de sinapses, a queda de uma fruta de uma árvore, a reação emocional entre duas pessoas em uma conversa, etc. - e pode ser armazenada em uma forma de *quanta*, uma porção mínima de decisão já estabelecida entre 0 e 1, ligado ou desligado, e formar um banco de dados de eventos temporais e serem analisadas em técnicas estatísticas e matemáticas que permitem estabelecer uma sequência de ocorrências e de eventos. No caso das atividades humanas é possível organizar um histórico de ações e eventos, individuais e sociais, que permitem uma análise ao longo do tempo, um padrão de comportamento.

É uma teoria sobre a informação de cunho técnico, de interesse da engenharia e previsibilidade que outros elementos técnicos impuseram às antigas práticas. Uma técnica, portanto, dotada de intencionalidades e objetivos estabelecidos. O comportamento passa a ser observado a partir destes recursos técnicos, como imprevisibilidade e da captação de dados. O funcionamento do cérebro humano é observado sob esta perspectiva, sinapses e mecanismos digitais, e a comunicação não se realiza exclusivamente entre humanos, pode endereçar-se a máquinas. Uma perspectiva faz uma correlação direta entre recursos técnicos e os sentidos biológicos como um mesmo processo de circulação de estímulos, respostas e consequências das atividades físicas. Os fatores que envolvem a percepção da realidade são exclusivamente materiais, não integram neste momento a capacidade de compreensão do mundo. A percepção do mundo restringe-se a análise estatística de eventos passados, decisões tomadas e suas consequências nos âmbitos individuais e coletivos.

A cibernética pressupõe uma racionalidade, um conjunto de conhecimentos, metodologias, tecnologia, planejamento, portanto sob diferentes intencionalidades, que a capacidade humana de apreender e alterar o Mundo ainda não é levada em consideração. A informação na cibernética é apenas um conjunto de dados que dão o

comportamento passado, um histórico, e que indica as probabilidades de ação¹⁵, tal qual uma estrutura de jogos. Assim é possível raciocinar que comportamento se restringe a resposta de estímulos e que geram informações passíveis de análise estatística de decisões. Assim sendo, as estruturas sociais são restritas à comunicação, ações, eventos e decisões pretéritas que podem ser analisadas em teoria dos jogos.

Ao mesmo tempo que é preciso fazer a distinção entre a informação como elemento ontológico e como “mensagem” da cibernética, é importante também observar as condições que esta estabeleceu ao Mundo. Cibernética é uma área do conhecimento que estabelece técnicas, portanto atende a diferentes intencionalidades, a cibernética exerce influência sobre a sociedade quando estabelece tecnologias de captação, análise e manipulação de comportamentos, em um processo que obscurece o fato de que a consciência do ser humano é determinada por seu ser social.

“O que interessava a Marx é que o pensamento humano funda-se na atividade humana (‘trabalho’ no sentido mais amplo da palavra) e nas relações sociais produzidas por esta atividade. O melhor modo de compreender as expressões ‘infraestrutura’ e ‘superestrutura’ é considerá-las respectivamente como atividade humana e mundo produzido por esta atividade” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.17).

Eliminar dúvidas na transmissão de mensagens, reduzir incertezas dos indivíduos no processo de comunicação é o fundamento da Teoria da Informação. Assim, busca se distanciar da significação.

“(…) [A] informação surge como agente dissipador de incertezas e cujo objetivo é provocar uma alteração no comportamento das pessoas” (COELHO NETTO. 2007. p. 120).

É uma perspectiva de análise com um conjunto de regras formais matemáticas que indicaria apenas o quanto e não o quê. Nas primeiras décadas do século XX a Teoria da Informação era uma técnica da engenharia,

“(…) seu objetivo era medir a quantidade de informação suportável por um dado canal em dadas circunstâncias, prever e corrigir as distorções passíveis de ocorrer durante a transmissão, calcular o grau de receptividade da mensagem.” (COELHO NETTO. 2007. p. 120).

15 “A mensagem é uma sequência discreta ou contínua de eventos mensuráveis distribuídos no tempo – precisamente o que os estatísticos chamam séries temporais. A predição do futuro de uma mensagem faz-se por uma espécie de operador sobre o seu passado, seja este concebido por um esquema de computação matemática ou por um aparelho mecânico ou elétrico” (WIENER. 2017. p. 31).

Uma teoria que trataria exclusivamente dos códigos enquanto a Teoria da Comunicação trata da relação entre o ser humano e a mensagem. A Teoria da Informação é o sistema formal e a Teoria da Comunicação é o processo, a infraestrutura e o meio de circulação da informação¹⁶.

É importante enfatizar também que informação é capacidade humana e constitui a experiência do Dasein, o trabalho e a compreensão do Mundo. A informação é parte da objetivação do mundo, da construção do meio geográfico e integra a objetividade, a construção de conhecimentos e metodologias. Mesmo os processos simbólicos, os signos, ícones, são expressões da capacidade humana e integram a forma como o ser humano está presente no Mundo. Em aproximação com a conceitualização que Milton Santos faz de forma-conteúdo, no trecho abaixo é possível aproximar “conteúdo” de “informação”.

“O conteúdo corporificado, o ser já transformado em existência, é a sociedade já embutida nas formas geográficas, a sociedade transformada em espaço. (...) O ser é metamorfoseado em existência por intermédio dos processos impostos por suas próprias determinações, as quais fazem aparecer cada forma como uma forma-conteúdo, um indivíduo separado capaz de influenciar a mudança social.” (SANTOS. 2017. p. 31).

Sendo socialmente construído, o conhecimento humano precede a experiência individual. É a sociedade quem estabelece a ordem de significação, no interior da qual o indivíduo se desenvolve.

1.5 - Trabalho, mercadorias e informações: as relações sociais como fundamento

“Sem dúvida, a técnica é um elemento importante de explicação da sociedade e dos lugares, mas, sozinha, a técnica não explica nada. Apenas o valor relativo é valor. E o valor relativo só é identificado no interior de um sistema da realidade, e de um sistema de referências elaborado para entendê-la, isto é, para arrancar os fatos isolados da sua solidão e seu mutismo” (SANTOS, Milton. 2017. Natureza do Espaço. p. 46).

As relações sociais são manifestações da capacidade humana e estabelecem as relações do Ser-Aí com o Mundo. O trabalho, o que satisfaz as necessidades da existência humana, é relação social fundamental na construção da sociabilidade humana.

16 “(...); a Teoria da Informação trata do SISTEMA (conjunto de elementos e suas normas de combinação) do qual a Comunicação é o PROCESSO (sequência de atos espaço-temporalmente localizados)” (COELHO NETTO. 2007. p. 120).

Estabelece a divisão coletiva de atividades e tem relevância no aprimoramento de outras relações sociais e organização de sociedades. Como uma forma de expressão das capacidades humanas, o trabalho integra o conjunto de relações entre os Seres, os Entes e o Mundo. Integra, assim, as condições materiais e abstratas humanas de transformação do Mundo.

Materialidade e sentido formam uma totalidade, estabelece a forma e o conteúdo e as possibilidades de compreensão específica de cada uma delas. A análise das partes da materialidade é também uma análise das partes do conteúdo, dos sentidos atribuídos. Tanto a materialidade quanto os conteúdos podem ser analisados em partes, serem “recortados” e serem observados em suas características específicas e das suas relações possíveis com as demais, em contextos e em uma totalidade. Os rigores científicos estão cada vez mais presentes nas relações sociais, especialmente para ampliar a alienação e exploração. Metodologias e técnicas científicas alteram, mais especificamente aqui, os meios de produção e todas as relações sociais correlacionadas, conforme interesses dos responsáveis por sua implementação.

As transformações das formas de comunicação acompanham diretamente as transformações das relações sociais e dos meios de produção. As mudanças dos meios de produção ao longo da História determinaram a superação das restrições das formas materiais dos meios de comunicação e dos limites geográficos. O trabalho útil e o que gera valor, por serem relações sociais, não estão alheios ao processo de circulação das informações. Quando o trabalho se torna mercadoria transforma-se a organização social como um todo, é uma mudança nas relações sociais e a informação está inexoravelmente no mesmo processo.

A cibernética se contextualiza nestas transformações sociais e dos meios de produção, é uma técnica que consolida metodologias científicas e práticas que permitem a conversão das práticas humanas em tipos específicos de linguagens e de informações e o fracionamento destas em dados. São meios de comparação quantitativa de coisas e grandezas diferentes a partir da redução a algumas poucas metodologias matemáticas (ou “unidades de medida”) e suas variações¹⁷. Os dados são formas metodológicas de

17 “Grandezas de coisas diferentes só podem ser comparadas quantitativamente depois de reduzidas à mesma unidade” (MARX. O Capital, vol. 1. p. 127).

subdivisão das informações e assim se torna manipulável pelas linguagens de funcionamento dos computadores. Tecnicamente, todas as possibilidades do Mundo podem ser reduzidas e traduzidas em informações, padrões, linguagens e tipos de dados. As relações entre Seres e Entes podem ser observadas, analisadas, ter hipóteses testadas e feitas inferências a partir de técnicas e metodologias desenvolvidas a partir da cibernética, mais adiante terá expansão na infraestrutura com a Internet como objeto técnico.

As transformações nos meios de produção inseriram paulatinamente a análise matemática das informações e dados como elementos fundamentais de produtividade – e lucro. Desde a maior precisão nas práticas de produção (o trabalho em si) quanto da utilização de insumos, da circulação (a moderna logística) e do planejamento geográfico das cadeias de produção.

“As características da sociedade de do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas. Desse modo, o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albores da história até a época atual. Cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica” (SANTOS. 2017. “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção”. São Paulo: Edusp. 4ª Edição. p. 171).

Os objetos, sob o domínio das técnicas da informação, tornam-se entes que tem neles instalados equipamentos que induzem a atenção constante sobre eles. Emitem e armazenam todos os dados que se busca coletar e já estrutura conjuntos de informações conforme parâmetros preestabelecidos de interpretação. O produto do trabalho humano passa a ser monitorado e tem sua presença ativa no meio de produção.

Existe a aparência de proatividade deste objeto, que se estabelecem relações sociais entre objetos. Mas na radicalidade das relações sociais, eles (objetos) são colocados em evidência o tempo todo, precisam ser observados o tempo todo como objetos propriamente ditos (em si) mas também o que é coletado de dados e as informações dos equipamentos instalados neles. São informações que permitem interpretações a partir de conjuntos preestabelecidos (em escopo de possibilidades) e a

operacionalização (dentro de metodologias) novas possibilidades de interpretação para a ação. Torna possível captar dados e informações sobre o objeto em si, a interação estabelecida entre os demais objetos e com os seres humanos que estão inseridos nos diversos contextos sociais existentes e possíveis.

A análise das informações e dos dados, como metodologia, técnicas e área específica da Ciência, se constitui como uma forma de investigação das partes constitutivas dos elementos do Mundo, a materialidade e os Seres. Existe uma proximidade com a teoria do valor em Marx, que se faz uma análise das partes constitutivas do trabalho humano abstrato. As faculdades humanas também podem ser fracionadas em partes para análises tais quais os elementos materiais (Entes) do Mundo. Permite correlações entre formas e conteúdos diferentes. Cria possibilidades metodológicas de observação, análise, testagem, aplicação e manipulação das informações a respeito de todos os aspectos do meio geográfico, desde rugosidades até fatores ainda não explorados.

O que eram apenas abstrações e informações tornam-se fatores de ação. Expansão da racionalidade das tomadas de decisão, realização prática e, assim, redução ou eliminação de incertezas no uso do território. Quando informações são colocadas em um padrão, por exemplo o endereço completo de uma pessoa, e acumulados em grandes quantidades, podem ser tratados como dados. Da mesma forma elementos materiais a partir de suas informações conhecidas (que é desde o seu sentido social de definição) até as suas especificidades que a detalham em partes (em termos de sua biologia, fisiologia, afiliações sociais, aspectos físicos) enfim, tudo o que se sabe sobre um Ente. Tornam-se dados que podem ser normatizados, colocadas em padrões, estabelecer correlações entre coisas e informações muito diferentes em contextos de planejamento de ações, testes de resultados e falhas e previsão das ações concretas a serem realizadas.

Considerando-se as faculdades humanas como base para todas as atividades individuais e coletivas, torna-se possível compreender o trabalho humano formado por um sistema de compreensão do Mundo (que é organizada socialmente), da cognição e a capacidade de interferir e alterar o Mundo segundo condições socialmente estabelecidas e necessidades. É uma percepção mais abrangente da objetividade humana, entendida como capacidade de compreender e interferir no Mundo. Objetividade, aqui, como

habilidade de conceber, atribuir sentido e criar objetos, informar o Mundo. O trabalho produtor de valor de uso, assim, é uma forma desta objetividade mais ampla. Um princípio civilizacional.

Uma expansão dos sentidos do Mundo, as atividades humanas estão cada vez mais imbricadas com os objetos, a relação Ser-Aí e Entes está presente, mas já sob influência das intencionalidades e relações humanas. A relação Sujeito – Objeto em relação de influência mútua. Objetos e Ações cada vez mais indissociáveis. O trabalho útil, a criação de objetos, é uma forma dessa relação. Um objeto não “existe” sem sentido; o sentido não existe sem um objeto mesmo que como referência. A mercadoria, portanto, é uma forma social específica que se torna geral.

“O produto do trabalho é, em todas as condições sociais, objeto de uso, mas o produto do trabalho só é transformado em mercadoria numa época historicamente determinada de desenvolvimento: uma época em que o trabalho despendido na produção de uma coisa útil se apresenta como sua qualidade ‘objetiva’, isto é, como seu valor. Segue-se daí que a forma de valor simples da mercadoria é simultaneamente a forma-mercadoria simples do produto do trabalho, e que, portanto, também o desenvolvimento da forma-mercadoria coincide com o desenvolvimento da forma de valor” (MARX. O Capital. Volume 1. p. 137 e 138).

As informações são partes integrantes dos objetos, precisamente por serem produtos da percepção do ser humano sobre o Mundo (a Natureza), das faculdades humanas e do trabalho. Integram tantos os objetos em seu valor de uso quanto os exclusivamente de valor de troca. Mesmo como expressão do valor exclusivamente relativo, o que atribui a um objeto de uso uma expressão quantitativa de seu valor em “unidades de trabalho”. As informações estão presentes em todos os aspectos da relação social de valor. O objeto tem associado a ele formas de conhecimento e práticas humanas, portanto tem informações atribuídos a ele. Seja por contexto social, seja por intencionalidade de algum ator social. O período atual faz a exploração minuciosa destas informações atribuídas aos objetos, inclusive com recursos tecnológicos de captação e transmissão de dados, e de todas as possibilidades viáveis das faculdades humanas.

“Independente de toda a questão de valores, o que temos de aprender hoje é que nossa tecnologia elétrica tem consequências para nossas percepções e hábitos de ação mais comuns e que tais consequências estão recriando rapidamente em nós os processos mentais dos homens mais primitivos. Elas não afetam propriamente nossos pensamentos e ações, matéria em que estamos treinados

para ser críticos, mas afetam nosso mais comum senso de vida, o qual cria os vértices e as matrizes de pensamento e ação.” (McLUHAN. 1977. p. 57).

A informação pode se tornar ela mesma uma forma-mercadoria, pois as faculdades humanas podem ser objetivadas como valor quando operam objetos construídos especificamente para captar as percepções de grupos e indivíduos sobre o Mundo. O comportamento humano, suas reações e condições biológicas, os modos como expressa suas emoções e como reage à situações de confrontação de ações. Os *smartphones* são aparelhos que integram uma infraestrutura de comunicações mundial. É construído a partir da condição de *zuhanden / vorhanden*, as informações estão cada vez mais à mão e dados são captados em tempo real a partir do que está em suas mãos. Um objeto que aprofunda as condições da pseudoconcreticidade ao mesmo tempo que induz a produção de valor, iniciado com a cibernética (a construção e gestão de dados) e desenvolvido ao longo do tempo com a evolução das redes de comunicação, em sua forma contemporânea da internet, nos meios de produção quanto no espaço geográfico mundial como uma totalidade.

A chamada “internet das coisas” é esse processo em que os objetos são desenvolvidos para que seja possível captar em tempo real seus dados individuais e o desempenho das funções do maquinário envolvido em um local específico e no contexto de produção em diferentes (ou mesmo todos) pontos do mundo. São objetos que integram totalmente as condições sociais do capitalismo que demanda pleno controle das informações, das ações e das pessoas para cumprir as intencionalidades de seus criadores / detentores. Uma radical expansão da objetividade humana para atender uma racionalidade cada vez mais alheia à vida dos territórios e que se impõem como práticas incontestáveis.

1.6 – Mercadoria, trabalho e a teoria do valor: uma aproximação com as informações e os dados

A mercadoria é ponto de partida do monumental trabalho de Karl Marx para revelar quais são as relações sociais do capitalismo. Trata de relações fundamentais entre o trabalho humano e o seu produto material, da utilidade dos produtos do trabalho para os indivíduos e coletividade; como se estabelece a troca entre as pessoas e como as estas

duas relações sociais se tornam aparentemente relações sociais entre objetos. É a proposta de trabalho que seguimos para a compreensão da informação e dos dados. O produto do trabalho humano em sociedade, antes mesmo de se tornarem mercadorias, é indissociável das faculdades humanas, portanto a produção de informações. As informações são partes do trabalho em sua radicalidade, pois também são relações sociais que fundamentam a divisão social do trabalho.

Um princípio que conduz nossa reflexão é a relação entre as mercadorias e as relações sociais que as fundamentam. Informações e dados tem condições de se tornarem mercadorias a partir das relações sociais, dos Entes e Seres que se referem e dos locais onde estão. O dado tende a se tornar uma *commodity* independente de sua origem e valor de uso. A informação permite a utilização de dados para consolidar sua interpretação da realidade, da corroboração de sua observação analítica do Mundo.

A citação de Marx logo abaixo instiga a reflexão a partir do fato de se tratar de dois objetos específicos: casaco e linho. Ambos são expressões das faculdades humanas, dos tipos diferentes de trabalho. Pode-se entender o casaco como uma “informação” e o linho como um “dado” que pode ter relação direta ou não com esta “informação”, que pode fazer um casaco específico ou assumir outras formas materiais a partir de outras “metodologias” e “tecnologias” têxteis. Permite observar a relação entre as mercadorias como possibilidade de análise das informações e dos dados.

“A expressão numa mercadoria qualquer B distingue o valor da mercadoria A de seu próprio valor de uso e, com isso, coloca esta última numa relação de troca com uma mercadoria qualquer de outro tipo, em vez de representar sua relação de igualdade qualitativa e proporcionalidade quantitativa com todas as outras mercadorias. A forma de equivalente individual de outra mercadoria corresponde à forma de valor simples e relativa de uma mercadoria. Assim, o casaco possui, na expressão relativa de valor do linho, apenas a forma de equivalente ou a forma de permutabilidade direta no que diz respeito a esse tipo individual de mercadoria: o linho.

Todavia, a forma individual de valor se transforma por si mesma numa forma mais completa. Mediante essa forma, o valor de uma mercadoria A só é expresso numa mercadoria de outro tipo. Mas que de que tipo é essa segunda mercadoria, se ela é casaco, ou ferro, ou trigo etc., é algo totalmente indiferente. Conforme ela entra em relação de valor com este ou aquele outro tipo de mercadoria, surgem diferentes expressões simples de valor de uma mesma mercadoria. O número de suas expressões possíveis de valor só é limitado pelo número dos tipos de mercadorias que dela se

distinguem. Sua expressão individualizada de valor se transforma, assim, numa série sempre ampliável de suas diferentes expressões simples de valor.” (MARX. O Capital. Livro I. p. 138).

O dado pode ser comparado ao comportamento das mercadorias quando são colocadas em equivalência de valor. “Assume” o comportamento de equivalente com os demais dados quando deixa de representar uma fração muito específica da realidade, ao perder a representação direta uma parte de um Ente específico e/ou de uma informação sozinha. Em outras palavras, quando o dado é reduzido a condição de valor relativo com outro dado e deixa de expressar um elemento do valor de uso e/ou do conjunto de relações sociais que constroem as informações. Proporcionalmente pode-se raciocinar o mesmo sobre as informações, quando estas são utilizadas como conjunto de dados, auxiliam a fundamentar interpretações e formulações sobre a realidade.

A principal diferença entre uma informação e um banco de dados é que a informação já é uma formulação sobre a realidade. Uma informação já possui um conteúdo, um sentido atribuído a uma forma. Assim, os conjuntos de informações são elementos de interpretação da realidade em todas as escalas e possibilidades de observação e análise. Os dados são frações de informação que só tem “valor de uso” reestabelecido quando inseridos em uma metodologia, em uma estrutura de interpretação com finalidades específicas e que permitem a construção de informações. As informações já permitem identificar intencionalidades e ações. Um banco de dados sozinho pode ser completamente inócuo.

A proximidade da informação com a intencionalidade se dá por ser uma estrutura interpretativa. Em um limite aglutina uma percepção da realidade, ainda que em relações sociais muito particulares. Já se trata de uma leitura do Mundo. Os dados podem ter nenhuma função ou utilidade sozinhos, efetivamente não possuem relevância à realidade sem procedimentos metodológicos. Alguma forma de intencionalidade se faz imperativa.

O valor de uma mercadoria é uma forma de redução das faculdades humanas, expressa o trabalho como uma massa amorfa indiferenciada. É em essência uma relação social reduzida a um mínimo e que permite a comparação entre elementos (e ações) diferentes. A materialidade de uma mercadoria se torna apenas uma espécie de espelho de conferência de valor a outras mercadorias. As características e especificidades

materiais das mercadorias são bons referenciais de compreensão de como os dados são frações das informações. Esta forma específica de análise da materialidade pelos métodos científicos permite uma forma de fragmentação do trabalho humano. As faculdades humanas são fracionadas em dados. Permitem análises específicas e cada vez mais precisas do comportamento e das capacidades humanas em todas as suas formas de relação com o Mundo. Trata-se de uma “alteração” ou “interferência” na Ontologia do Ser.

Marx, quando reflete sobre o esvaziamento total do valor de uso de uma mercadoria pelo valor de troca, identifica as condições para a expressão universal do valor: a sua existência social.

“As duas formas anteriores expressam, cada uma, o valor de uma mercadoria, seja ela numa única mercadoria de tipo diferente, seja numa série de muitas mercadorias diferentes dela. Nos dois casos, dar a si mesma uma forma de valor é algo que, por assim dizer, pertence ao foro privado da mercadoria individual, e ela o realiza sem a ajuda de outras mercadorias. Estas representam, diante dela, o papel meramente passivo do equivalente. A forma universal do valor só surge, ao contrário, como obra conjunta do mundo das mercadorias. Uma mercadoria só ganha expressão universal de valor porque, ao mesmo tempo, todas as outras expressam seu valor no mesmo equivalente, e cada novo tipo de mercadoria que surge tem de fazer o mesmo. Com isso, revela-se que a objetividade do valor das mercadorias, por ser a mera ‘existência social’ dessas coisas, também só pode ser expressa por sua relação social universal (...), e sua forma de valor tem de ser, por isso, uma forma socialmente válida” (MARX. O Capital. Livro I. p. 142).

Os dados estão mais próximos do comportamento passivo do equivalente na relação entre as mercadorias e integra o conjunto de objetividade em torno de algo que se torna mercadoria. Ou seja, quando tem “existência social” e se insere no conjunto das relações sociais. O que o valor relativo e universal das mercadorias reduz as características materiais e úteis de cada produto do trabalho humano a um só equivalente, reduz também as faculdades humanas a uma forma amorfa. É possível correlacionar objetos (mercadorias ou não), o trabalho, os Entes e os Seres a formas de informações e a pacotes de dados. A teoria do valor é um recurso de observação e análise de como o processo de extração de dados alcança todos os níveis de relações sociais, da materialidade, das capacidades de criação humana, assim aprofundar a exploração capitalista em um sentido de exploração da totalidade. O que a mercadoria

reduziu a condições mínimas de relações, o capitalismo agora explora todos os detalhes possíveis.

“A forma de valor relativa e universal do mundo das mercadorias imprime na mercadoria equivalente que dele é excluída – neste caso, no linho – o caráter de equivalente universal. Sua própria forma natural é a figura de valor comum a esse mundo, sendo o linho, por isso, diretamente permutável por todas as outras mercadorias. Sua forma corpórea é considerada a encarnação visível, a crisalidação (...) social e universal de todo trabalho humano. A tecelagem, o trabalho privado que produz o linho, encontra-se, ao mesmo tempo, na forma social universal, a forma da igualdade com todos os outros trabalhos. As inúmeras equações em que consiste a forma de valor universal equiparam sucessivamente o trabalho efetivado no linho com todo trabalho contido em outra mercadoria e, desse modo, transformam a tecelagem em forma universal de manifestação do trabalho humano como tal. Assim, o trabalho objetivado no valor das mercadorias não é expresso apenas negativamente como trabalho no qual são abstraídos todas as formas concretas e propriedades úteis dos trabalhos efetivos. Sua própria natureza positiva se põe em destaque: ela se encontra na redução de todos os trabalhos efetivos à sua característica comum de trabalho humano; ao dispêndio de força humana de trabalho” (MARX, Karl. O Capital. Livro I. p. 142 e 143).

Os dados e as informações não tem condições de assumirem a forma mercadoria-dinheiro porque são recursos metodológicos de análise da realidade, não expressam o valor. São elementos que permitem a compreensão cada vez mais detalhada as relações sociais, a materialidade dos objetos e do Mundo, o comportamento e as faculdades humanas, mas nunca serão a forma amorfa do trabalho como equivalente unitário universal: o que expressa o valor e assim concretiza as trocas. Dados e informações são condições de racionalização das ações, o dinheiro é o equivalente geral que na sua circulação concretiza intencionalidades e ações no espaço.

“A forma de equivalente universal é uma forma do valor em geral e pode, portanto, expressar-se em qualquer mercadoria. Por outro lado, uma mercadoria encontra-se na forma de equivalente universal (...) apenas porque, e na medida em que, ela é excluída por todas as demais mercadorias na qualidade de equivalente. E é somente no momento em que essa exclusão se limita definitivamente a um tipo específico de mercadoria que a forma de valor relativa unitária do mundo das mercadorias ganha solidez objetiva e validade social universal.

O tipo específico de mercadoria, em cuja forma natural a forma de equivalente encarna socialmente, torna-se agora mercadoria-dinheiro (...) ou funciona como dinheiro. Desempenhar o papel do equivalente universal no mundo das mercadorias torna-se sua função

especificamente social e, assim, seu monopólio social” (MARX, Karl. O Capital. Livro I. p. 144 e 145).

A extração e circulação de informações e de dados pode ser mediada pelo dinheiro, assim, se contextualizarem de diferentes maneiras na divisão internacional do trabalho e de forma seletiva no espaço geográfico, de forma desigual e combinada, conforme intencionalidades vigentes. Inclusive como mercadorias.

Ao falar sobre o fetiche da mercadoria, Marx coloca as condições físicas e sociais do trabalho para a produção de valor de uso, da diferenciação de cada trabalho e como se tornam equiparáveis até assumirem uma unidade universalizante: o valor. Que só surge e existe em sociedade, da organização para o trabalho e da organização do sentido do Mundo. O valor esconde-se no que Marx atribuiu como sutilezas metafísicas e caprichos teológicos.

“Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Mas sua análise a revela como uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e caprichos teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, seja do ponto de vista de que ela satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. Por exemplo, a forma da madeira é alterada quando dela se faz uma mesa. No entanto, a mesa continua sendo madeira, uma coisa sensível e banal. Mas tão logo aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível (...).

O caráter místico da mercadoria não resulta, portanto, de seu valor de uso. Tampouco resulta do conteúdo das determinações de valor, pois, em primeiro lugar, por mais distintos que possam ser os trabalhos úteis ou as atividades produtivas, é uma verdade fisiológica que eles constituem funções do organismo humano e que cada uma dessas funções, seja qual for seu conteúdo e sua forma é essencialmente dispêndio de cérebro, nervos, músculos e órgãos sensoriais humanos etc. Em segundo lugar, no que diz respeito àquilo que se encontra na base da determinação da grandeza de valor – a duração desse dispêndio ou a quantidade do trabalho -, a quantidade é claramente diferenciável da qualidade do trabalho. Sob quaisquer condições sociais, o tempo de trabalho requerido para a produção dos meios de subsistência havia de interessar aos homens, embora não na mesma medida em diferentes estágios de desenvolvimento. Por fim, tão logo os homens trabalham uns para os outros de algum modo, seu trabalho assume uma forma social” (MARX, Karl. O Capital. Livro I, p. 146 e 147).

A extração e a exploração das informações e dos dados são estruturas metodológicas e técnicas de manipulação das relações sociais, das faculdades humanas e do trabalho. Um processo de base na ciência que exponencia as possibilidades das formas fantasmagóricas das relações entre coisas. A aparência de vida própria dos produtos do trabalho e das faculdades humanas se torna meio de exploração econômica. O fetiche da mercadoria passa a ser objeto do conhecimento científico e fontes complementares, mais radicais, de todo o processo de exploração da mais-valia. Um aprofundamento do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias de exploração econômica sob intencionalidades de grupos econômicos, sociais e geográficos cada vez mais restritos porém mais poderosos.

A relação entre Seres, Entes e Mundo já era um processo sob exploração capitalista pelo trabalho. Agora aprofunda-se à radicalidade das faculdades humanas; todas as possibilidades de relação do Ser-Aí no Mundo se tornam passíveis de análises científicas (sob a matemática) para exploração econômica, portanto se tornam mercadorias. Uma radicalização das relações capitalistas todas tais quais Marx as descreveu, a partir da radicalização da teoria do valor, do fetiche da mercadoria e das formas de mais-valia. São criadas técnicas e tecnologias para esta mediação. Objetos são criados e dedicados a exploração das faculdades humanas, do trabalho, de todas as relações com a materialidade e com o meio geográfico.

“O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais. (...) No ato de ver, porém, a luz de uma coisa, de um objeto externo, é efetivamente lançada sobre outra coisa, o olho. Trata-se de uma relação física entre coisas físicas. Já a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não guardam, ao contrário, absolutamente nenhuma relação com sua natureza física e com as relações materiais (...) que derivam desta última. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. (...) Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no

mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias.

Esse caráter fetichista do mundo das mercadorias surge, (...), do caráter social peculiar do trabalho que produz mercadorias” (MARX, Karl. O Capital. Livro I. p. 147 e 148).

Trata-se de uma radicalização da alienação. O capital se volta às condições de existência humanas, a sua condição ontológica, porque as condições materiais de produção de mercadorias e o fetiche que as envolvem alcançam um limite de exploração. Esgotam-se as possibilidades de exploração da mais-valia exclusivamente pelo trabalho material humano. A força de trabalho se torna cada vez mais ineficiente em produtividade, a automatização de meios de produção a partir de sistemas cada vez mais sofisticados de gestão dos dados e das informações tornam cada vez mais caro o trabalho humano diretamente na produção e circulação de mercadorias. O lucro passa a ser viável a partir da manipulação e exploração de cada faculdade humana, coletiva e individual, e da manipulação de todas as condições sociais.

1.7 – Mais-valia: a informação como elemento da exploração do trabalho

“Em primeiro lugar, é de se notar que tudo o que aparece no trabalhador como *atividade da exteriorização, o estranhamento*, aparece no não trabalhador como *estado da exteriorização, do estranhamento*.

Segundo, que o *comportamento efetivo*, prático do trabalhador na produção e com o produto (como estado espiritual) aparece no não trabalhador que está diante dele como *comportamento teórico*.

(...) *Terceiro*. O não trabalhador faz contra o trabalhador tudo o que o trabalhador faz contra si mesmo, mas não faz contra si mesmo o que faz contra o trabalhador.”(MARX. 2010. p. 90).

O processo de ganho de tempo entre o investimento inicial e o seu retorno após a venda, quando todas as etapas da produção, circulação e comercialização são vencidos, é questão fundamental na teoria marxista do valor. Quanto mais tempo dura este processo, mais o investimento inicial está exposto à inflação, juros, acidentes de todas as ordens. Quanto menos dura, mais o valor acrescido ao investimento inicial retorna para a produção. As condições materiais (os tipos de materiais, tecnologia empregada) são determinantes diretos no tempo de produção, mas que nunca será reduzida a zero. E a

tecnologia já é um elemento de conhecimento no processo de produção para a redução de tempo¹⁸, assim como a distância é elemento de tempo na circulação.

O comportamento humano integra o processo do trabalho concreto, ao valor de uso da mercadoria, do que ao valor de troca do trabalho. Trata-se da objetividade humana, a capacidade de criação integral de objetos em todos os aspectos. Um objeto só existe em materialidade e em sentido. O que um objeto é e seu sentido a partir da experiência do Dasein no Mundo, tanto individualmente quanto a precedência da sociedade ao indivíduo.

“(...)a valorização do capital depende, fundamentalmente, menos de uma extensão algo medieval do tempo de trabalho, muito mais da compressão do tempo de trabalho ao instante menor possível, por unidade de produto. Quanto maior for a quantidade produzida em uma mesma unidade de tempo, e vendida na menor passagem de tempo, maior será a valorização e a acumulação. Nessa dimensão intensificada da mais-valia, o custo de subsistência do trabalhador é o que menos importa. Ao contrário, muitas vezes será necessário assegurar-lhe um padrão sofisticado de subsistência para que ele seja capaz de projetar, ou operar, sistemas sofisticados de trabalho que assegurem produzir e vender no menor tempo possível. As mudanças estruturais do capitalismo, ao longo da sua história,(...), estão intimamente relacionadas, entre outros aspectos, às distintas qualificações dos trabalhadores necessários, em cada etapa, para poupar tempo de produção e de circulação, em benefício da acumulação de capital. Ou seja, estão mais relacionadas ao *valor de uso* do trabalho, ou *trabalho concreto*, conforme este valor é estabelecido pelas necessidades do capital, do que ao valor de troca do trabalho, ou trabalho abstrato” (DANTAS. 2003. p. 8).

Informar é atribuir uma forma a algo. Dar sentido a um objeto. Associar sentido a materialidade. Então forma uma unidade de sentido, um conteúdo, uma mensagem. Então a informação é um conjunto de sentido, pode ser atribuído valores em parcelas unitárias e de verificação, que podem ser de existência e de verdade. A informação pode ser quantificável e receber tratamento matemático e científico. O conhecimento, grosso modo, é a organização das informações sob uma estrutura organizada, que pode ser a partir do método científico.

18 “Há um tempo incompressível exigido por cada material em processamento, para transformar esse material no *valor de uso* desejado. As tecnologias – isto é, o *conhecimento para a produção* – podem diminuir esse tempo, até um certo ponto. Mas não podem reduzi-lo a quase zero” (DANTAS. 2003. p. 7 e 8).

O dado já é uma separação sob metodologia da informação, uma característica específica dentro da informação.

A informação não é uma abstração, nem o dado. São características da materialidade (do Mundo) e da existência material dos objetos. Os dados são obtidos a partir de processos reais, das ações sociais e das características físicas dos objetos (e materiais). A informação é o dado já sob um sentido atribuído ao objeto e se submete à intencionalidade, ao que é possível de ser realizado materialmente e em sociedade. Um objeto pode ser analisado em inúmeros tipos de características existentes e que se tornam dados. Da mesma forma a sociedade como realidade concreta, antecessora dos indivíduos, criação humana e fundamento para a ação, também pode ser analisada em inúmeros tipos de características existentes e que se tornam dados.

O dado, nesta perspectiva, é uma característica observada de elementos materiais e são utilizados como referenciais quantitativos para interpretação, para se tornar informação. O dado é uma iniciativa de ampliação da compreensão dos elementos do mundo, é uma pergunta que se faz ao objeto e que atende à operacionalização de método. Mesmo o dado, como parcela do real, já é um esforço de interpretação. Se torna informação quando observado em conjunto, contexto e método.

“Na origem da informação encontra-se, de um lado, sinais físico-energéticos emanados de um objeto ou ambiente qualquer, na forma de vibrações sonoras, radiações elétricas ou luminosas, moléculas odoríferas etc; e, de outro lado, um agente (ou sujeito) capaz de extrair algum sentido, ou orientação, ou significado desses sinais. Por isto, para que ocorra informação haverá sempre necessidade de interação (ou comunicação) entre um sujeito e um objeto, ou sujeito a sujeito. Aqui não importa a forma da informação: sensorial, para o geral do reino animal ou botânico; cultural, no gênero humano. Qualquer que seja a sua forma (e, no meio humano, a informação adquire altíssimo grau de diversidade e complexidade), ela sempre resulta de interação e somente se dá na interação.” (DANTAS. 2003. p. 25).

Assim, nossa concordância com Marcos Dantas não pode ser maior.

“Não há nada de ‘imaterial’ na informação, na medida em que ela emana de fontes materiais e de fenômenos físico-químicos da natureza, sendo processada também por algum agente corpóreo” (DANTAS. 2003. p. 25).

O trabalho em atividade, o trabalho vivo, é a informação em processo

“(…), é a própria relação entre o sujeito e o seu objeto no ato de transformação. Trabalhar é informar e se informar (*informare*, pôr em forma, no latim)” (DANTAS. 2003. p. 26).

Da provocação de Marx nos “Manuscritos...” de que a posição do não-trabalhador é de observar o comportamento efetivo dos trabalhadores como comportamento teórico¹⁹ permite uma reflexão sobre a possibilidade de observação empírica e metodológica das Faculdades humanas de articulação das informações. No que diz respeito às condições específicas de combinações possíveis entre as informações disponíveis (ou mesmos disponibilizados) e as formas de compreensão, interpretação e as influências sobre as ações sociais e individuais em um Meio (o Meio Técnico-Científico-Informacional).

Essa “provocação” do jovem Marx permite uma aproximação a uma outra “provocação” de Heidegger em suas conferências de 1923, compiladas em “Ontologia (Hermenêutica da Faticidade)” em uma perspectiva muito específicas de se definir “conceito” como possibilidades do ser, inclusive como motivos condutores do ser, da maneira do ser.

“‘Conceito’ não é um esquema, mas uma possibilidade de ser, do instante, isto é, constitui este instante; um significado produzido, extraído; um conceito mostra a *postura prévia*, quer dizer, transpõe para a experiência fundamental; mostra a *concepção prévia*, isto é, exige o como do falar e questionar de alguém; ou seja, transpõe o *ser-aí* segundo sua tendência para a interpretação e a preocupação. Os conceitos fundamentais não são acréscimos posteriores, mas motivos condutores: deve-se tomar o ser-aí na acepção de sua maneira de ser.” (HEIDEGGER. 2013. p. 22).

Permite aproximação com o conceito de Milton Santos de intencionalidades. O “conceito”, tal qual citado acima, revela a posição prévia de interpretação têm caráter ontológico, o da possibilidade de ser, como uma possibilidade de ser concreta e é alheia ao ser, não está sob a capacidade de escolha do ser – no caso, do trabalhador.

“A posição prévia da interpretação, aquele que a dita posição prévia não pode estar presente de modo temático como objetualidade de um relato direto e completo, é precisamente o sinal de seu caráter ontológico. Enquanto elemento constitutivo, e certamente decisivo, da interpretação, que ela mesma é sendo *com o aí*, compartilha seu *caráter ontológico: possibilidade de ser*. Esta possibilidade de ser é uma possibilidade de ser concreta, que varia faticamente segundo a

19 Já citado: “Segundo, que o *comportamento efetivo*, prático do trabalhador na produção e com o produto (como estado espiritual) aparece no não trabalhador que está diante dele como *comportamento teórico*.” (MARX. 2010. p. 90).

situação à qual é dirigido o questionar hermenêutico em cada ocasião. Portanto, a posição prévia não é nada que possa ser escolhido por algum capricho meu”. (HEIDEGGER. 2013. p. 22 e 23).

O processo de informar e se informar passa a ter cada vez maior influência sobre as necessidades de se repor as energias gastas pelos trabalhadores e das suas condições de vida. O produto do trabalho se torna recurso para o consumo capitalista. A informação que o trabalho gera retorna ao sistema produtivo como recurso, como insumo. A mecanização e a automação permitem que as práticas de produção sejam “alimentadas” por informações da própria produção, sob aplicação de métodos científicos cada vez mais sofisticados e novíssimas tecnologias de comunicação. Todos os dados coletados em tempo real na infraestrutura da produção, incluindo o comportamento dos trabalhadores, da circulação (logística e distribuição), a aquisição e uso do produto pelas pessoas, que também são dados metodologicamente captados por sensores e equipamentos de comunicação, são interpretados cientificamente pelas grandes corporações que encabeçam um circuito espacial produtivo e seus círculos de cooperação. Trata-se de uma mudança nos meios de produção e que transformam todas as relações sociais e o espaço geográfico, o Meio Técnico-Científico-Informacional.

A captação, interpretação e a manipulação das informações e dos dados são elementos objetivos que exponenciam os esforços de previsão quando alcançam agora as Faculdades e comportamentos humanos. Os objetos já são construídos com equipamentos de captação de dados, o que permite uma expansão constante na precisão das informações obtidas, para a interpretação e manipulação destas. Tanto no que diz respeito ao objeto em si quanto nas ações que são necessárias no contexto produtivo (quem) e de localização (onde). Os objetos e os instrumentos de trabalho são cada vez presentes na vida social e dos indivíduos, tornam-se cada vez menos distintos entre si, formam conjuntos integrados de captação de dados, circulação de informações e capacidade de implementação de ações nos lugares cada vez mais precisas. As intervenções sobre as ações e sobre os lugares são cada vez mais imediatas, em “tempo real”.

1.8 – Mais valia cognitiva

A cognição humana é elemento da relação sujeito / objeto. O ser é o ente que produz os objetos uma integralidade com a sua relação com o mundo, demais entes e seres. A sua capacidade mental é indissociável de sua capacidade de produção material; em uma palavra: trabalho.

“O trabalhador nada pode criar sem a *natureza*, sem o *mundo exterior sensível (sinnlich)*. Ela é a matéria na qual o seu trabalho se efetiva, na qual [o trabalho] é ativo, [e] e a partir do qual [o trabalho] produz.

Mas como a natureza oferece os *meios de vida*, no sentido de que o trabalho não pode *viver* sem os objetos nos quais se exerça, assim também oferece, por outro lado, os *meios de vida* no sentido mais estrito, isto é, o meio de subsistência física do *trabalhador* mesmo” (MARX. 2017. p. 81).

A relação sociedade e natureza constitui fundamentação para todas as relações entre homem e meio, o que cria a Geografia como condição objetiva da existência, que diferente da ciência geográfica, se constitui como uma condição que acompanha a realidade humana e é produto da relação sociedade e natureza²⁰.

“Poderíamos supor que essa reflexão daria a ideia de uma separação entre homem e natureza. Mas vejamos: o homem como ente pertence ao mundo genérico dos entes materiais, porém ganha particularidade na medida que torna consciente para si sua relação com os outros entes, fazendo de sua própria relação um objeto. É nesse momento que se quebra o caráter abstrato, genérico, na medida em que os entes em geral são definidos durante a práxis, ganhando com isso a condição do que são. Mediante a interação do homem com outros homens, portanto, como um ente social, e destes com o universo de entes em geral, temos a realização da práxis mediante o trabalho e, com ela, a definição do ser social e seu mundo correspondente.” (MARTINS, E. R. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. Geosp – Espaço e Tempo (On-line), v. 24, n. 1, p. 8-26, abr. 2020. p. 12, nota de rodapé 3).

Os “Manuscritos Econômicos-Filosóficos” já dão indicações de como a capacidade humana, a cognição como partícipe direta do produto natural elaborado, dos ganhos do capital e do capitalista. As transformações que o ser humano implementa sobre o produto

20 “Ainda que a relação sociedade-natureza não seja o mesmo que a relação homem-meio, ambas envolvem apropriação, ambas competem a relação sujeito-objeto. Indagar o que é sociedade, não tem como resposta o mesmo de quem indaga o que é homem. O mesmo vale para natureza e meio. Cumpre observar que a geografia de que se trata aqui não é a disciplina ou a ciência geográfica, mas algo presente na realidade, insuprimível a esta como fruto da relação entre sociedade e natureza. O nome que se dê é o de menos, mas o fato é que essa propriedade acompanha a realidade humana.” (MARTINS, E. R. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. Geosp – Espaço e Tempo (On-line), v. 24, n. 1, p. 8-26, abr. 2020. p. 11).

natural e mesmo sobre o produto já elaborado permitem ganhos superiores ao capital já investido anteriormente. E não se converte em implemento salarial imediatamente.

“O progresso que, portanto, o trabalho humano realiza sobre o produto natural (e que constitui o produto natural elaborado), não eleva o salário, mas, em parte, o número de capitais passíveis de ganho e, em parte, a proporção de cada capital subsequente com o anterior.

(...)

Ele ganha duplamente: primeiro, com a divisão do trabalho; segundo, geralmente com o progresso que o trabalho humano imprime sobre o produto natural. Quanto maior a participação humana numa mercadoria, tanto maior o ganho do capital morto.” (MARX. 2017. p. 45).

Se existe de fato consolidado uma separação entre informação e trabalho, então são dois regimes do capital que se configuram de formas separadas mas em associação.

Não significa o fim do trabalho ou trabalho imaterial. Significa formas novas da mais-valia. Cada parte caracteriza formas próprias de extração da mais-valia em objetivos específicos.

O processo fundamental da mais-valia é a extração de valor além do que é entregue ao indivíduo por suas faculdades e dela se obtém lucro. A mais-valia não perde materialidade. Alcança-se meios mais precisos de exploração das Faculdades individuais associadas às habilidades materiais.

A informação é o estímulo que a vida “imprime” ao ser humano, que o objetiva (por meio da cultura e da ciência), atribui sentido e o correlaciona a uma linguagem. A matemática é a linguagem que homogeniza ou padroniza a informação para todas as linguagens.

A informação têm centralidade na cultura. O trabalho é o meio, as condições objetivas de reprodução da vida humana. As informações influenciam o meio, transformam a compreensão do meio e alteram os procedimentos do trabalho.

A informação existe antes de existir o dado. O dado é a forma matemática da informação. O trabalho volta a ser meio.

“Os objetos já não trabalham sem o comando da informação, mas, além disso, passam a ser, sobretudo, informação. Uma informação especializada, específica e duplamente exigida: informação *para* os objetos, informação nos objetos. Todos esses objetos modernos aparecem com uma enorme carga de informação, indispensável para que participem das formas de trabalho hegemônico, a serviço do capital hegemônico, isto é, do trabalho mais produtivo economicamente.

Isso redefine inteiramente o sistema espacial. Objetos criados deliberadamente e com intenção mercantil são movidos por uma informação concebida cientificamente, através de um sistema de ações subordinado a uma mais-valia mundial. Outros objetos têm, como motor, sistemas de ações menos informadas e demandas menos exigentes de mais-valia. Assim se estabelecem na mesma área fluxos mais numerosos e diversos, tornando o espaço mais denso e mais complexo.” (SANTOS. 2017. p. 215 e 216).

A produção material e humana ainda são as fontes originais de cada informação e de cada dado. Individualmente e na totalidade. A capacidade humana é a origem ontológica do trabalho. Que a capacidade humana é trabalho nos termos de Marx. Portanto é uma fonte para a extração de mais-valia. Trabalho material e capacidade cognitiva humana são partes do mesmo processo. A capacidade humana é antecessora e pressupõe a Ação. Pode ser explorada tal qual a capacidade de produção da mercadoria.

Assim a ideologia, como processo de construção de símbolos para que façam parte da realidade e portanto integrar o processo de criação de objetos²¹, assume proporções cada vez mais arrebatadoras de corações e mentes, pois penetra cada vez mais fundo nas capacidades humanas. Como os objetos são expressão das capacidades humanas, portanto são elementos que mesmo os mais complexos tem potencial de integrarem o conjunto das relações sociais e assim a vida dos indivíduos, a extração da mais-valia cognitiva tem o potencial prático (como elemento integrante das condições objetivas da vida das pessoas e dos meios de produção) de alcançar a radicalidade das capacidades coletivas e individuais, como uma técnica que se sobrepõe aos lugares, aos territórios, aos meios de produção e aos contextos. Como um Leviatã técnico que permite a seus detentores a capacidade de observação e de imposição de seus interesses a pessoas e

21 “(...) a ideologia não pode apenas ser vista em termos puramente subjetivos, como estando ‘toda apenas na cabeça’ dos outros, mas também a partir de sua realidade concreta, fátual. A ideologia produz símbolos, criados para fazer parte da vida real, e que frequentemente tomam a forma de objetos, A ideologia é, ao mesmo tempo, um dado da essência e um dado da existência, no fim do século XX. Ela está na estrutura do mundo e também nas coisas. É um fator constitutivo da história do presente” (SANTOS. 2017. p. 126).

lugares. Uma técnica de exercício de poder, a disposição de quem puder adquiri-lo e desenvolvê-lo. O uso do território se torna elemento de análise fundamental das realidades socioespaciais.

“Quando, num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes e, assim, a totalidade se dá de forma específica, neste lugar a história real chega também com os símbolos. Deste modo, há objetos que já nascem como ideologia e como realidade ao mesmo tempo. É assim que eles se dão como indivíduos e que eles participam da realidade social. Nestas condições, a totalidade social é formada por mistos de ‘realidade’ e ‘ideologia’. É assim que a história se faz.” (SANTOS. 2017. p. 127).

Commodity, no contexto informacional, surge quando a informação é fragmentada em dados e ambas se inserem no contexto da circulação econômica e das ações sociais. As informações são unidades de sentido, são portadoras de significados e estabelecem (ou influenciam) as intencionalidades nos Seres. Por sua vez, os dados exigem organização e atribuição de sentido, por serem frações que servem para diferentes informações. Exigem metodologias para serem identificadas, quais são suas possibilidades de sentido e para quais intencionalidades podem atender. Uma *commodity* informacional é constituída quando uma informação muito específica e precisa têm junto com ela um conjunto (ou pacote) de dados e podem ser utilizadas para inúmeras intencionalidades. Uma informação: número de identificação no serviço de saúde. Quais podem ser seus dados? A relação de todos os números de identificação das pessoas de uma determinada rua. Esse conjunto formado por uma informação e um respectivo pacote de dados já torna possível ser uma *commodity*.

As pessoas são fontes de informações e de dados. Por serem simultaneamente produtoras, fazem o processo de objetificar informações, captam, significam e ressignificam informações, consomem informações e dados²². A capacidade de criação e de reprodução de conhecimentos é um elemento para a compreensão da mais-valia cognitiva.

“Concretude e conteúdo em informação são, juntos, sinônimos de intencionalidade na sua concepção, isto é, da busca de adequação entre a estrutura, a natureza interna do objeto e a função a que se

22 “No passado, os objetos obedeciam a nós no lugar onde estávamos, e onde os criávamos. Hoje, no lugar onde estamos os objetos não mais obedecem a nós, mas sugerem o papel a desempenhar, porque são instalados obedecendo a uma lógica que nos é estranha, uma nova fonte de alienação. Sua funcionalidade é extrema, mas seus fins últimos nos escapam. Essa intencionalidade é mercantil, mas não raro é, também, simbólica” (SANTOS. 2017. p. 217).

destina, essa extrema adaptação a uma ação planejada que torna possível sua exatidão e eficácia. E esta também depende do arranjo espacial em que o objeto se encontra,” (SANTOS. 2017. p. 218).

Capítulo 2: A Materialidade do Livro

“A invenção da tipografia confirmou e estendeu a nova tendência visual do conhecimento aplicado, dando origem ao primeiro bem de comércio uniformemente reproduzível, à primeira linha de montagem e à primeira produção em série” (McLUHAN. 1977. p. 176).

O livro é um subproduto das relações sociais e das faculdades humanas que criam os objetos. Produto da objetividade humana, o livro é síntese material da memória, da reflexão e da circulação de informações. É um objeto especializado na materialização do conhecimento, que permite sua acumulação e circulação sobre o espaço geográfico. Um objeto que dele é possível alterar as ações, relações sociais e as relações entre Seres, Entes e Mundo.

Os livros manuscritos são objetos muito próximos das expressões fundamentais das faculdades humanas em associação com a linguagem. É ainda produto do trabalho humano realizado por suas mãos, construído a partir da sociabilidade e condições que a sociedade estabelece sobre o indivíduo e suas relações. É objeto específico de um contexto socioespacial. A produção de cópias dele exige permutas linguísticas, portanto um contexto que promova relações sociais mais amplas de compreensão do Mundo, um sistema civilizacional, expansão da divisão do trabalho e da circulação de pessoas e mercadorias.

A necessidade cada vez maior de acesso aos conteúdos concretizados nos livros é expressão da expansão do Espaço Geográfico, que exige um conhecimento cada vez mais amplo e simultaneamente especializado do Mundo. A inovação tecnológica da impressão por tipos móveis de Gutenberg permite compreender o surgimento da divisão internacional do trabalho e as relações que se formam com as divisões territoriais de trabalho. Expressa materialmente as mudanças de práticas materiais de produção que este contexto geográfico em transformação exige.

2.1 - A Leitura do Mundo – a partir da escrita e da prensa de Gutenberg

“A invenção do alfabeto, à semelhança da invenção da roda, foi a primeira tradução ou redução de um complexo e orgânico intercâmbio de espaços num único espaço. O alfabeto fonético

reduziu o uso simultâneo de todos os sentidos, que é a expressão oral, a um simples código visual. Hoje, pode-se efetuar essa espécie de translação numa ou noutra direção, através de uma variedade de formas espaciais, as quais chamamos de ‘media’, ou ‘meios de comunicação’. Mas cada uma dessas formas de espaço tem propriedades particulares e incide sobre nossos outros sentidos ou espaços de modo também particular” (McLUHAN. 1977. p.76).

Estabelecer formas de interagir no Mundo e com outros entes é uma característica do Dasein, em outras palavras, o processo de objetivação do Mundo é um processo que permite a metodologia. A capacidade humana de interagir e alterar o Mundo é trabalho material, a leitura e escrita são formas de trabalho, de realização humana no Mundo. Dar forma (informar), inscrever são expressões materiais da capacidade humana em relação indissociável com a atribuição de sentido.

A ação social existe quando uma atitude humana altera a atitude de outrem ou de uma coletividade. A escrita e a leitura não são atitudes naturais, são processos sociais de atuação no Mundo, ou seja, são ações sociais e portanto precisam ser transmitidos como técnica e como dois dos fundamentos de uma sociedade. A leitura e a escrita integram o processo de construção do meio, a atribuição de significados e introdução de objetos são intervenções diretas no meio e transformam as próprias ações humanas.

O que tornou a escrita possível? Assim, o que tornou o alfabeto possível? McLuhan faz uma explanação sobre a evolução da bidimensionalidade da arte ao longo de séculos a respeito da espacialidade em representações, que permitam um maior intercâmbio entre os sentidos humanos, uma suavização do campo visual estrito. O efeito (ou impacto) de uma tecnologia nova em uma cultura:

“pode-se dizer que o surto de uma nova tecnologia, que estende ou prolonga um ou mais de nossos sentidos em sua ação exterior no mundo social, provoca, pelo seu próprio efeito, um novo relacionamento entre todos os nossos sentidos na cultura particular assim afetada” (McLUHAN. 1977. p. 70 e 71).

McLuhan e Flusser entendem o alfabeto e a alfabetização como uma radicalização do processo de objetividade; que lidar com algo do mundo faz surgir os objetos, em processo de “isolamento” do mundo e a criação de um mundo subjetivado. A alfabetização já é uma forma objetiva (e subjetiva) de um mundo objetivado. Da mesma forma que dividiu o mundo entre alfabetizados e não-alfabetizados, deste modo em um mundo entre

peças que têm suas perspectivas (daí o debate da arte acima) que separam seus sentidos humanos e os que não distinguem. O alfabeto transforma radicalmente o que se chama de memória. A memória se torna objetiva, sem necessariamente a vivência, a experiência pessoal.

O contexto histórico que contextualiza e fundamenta os argumentos de McLuhan e Flusser é o da centralidade da religião na vida social ocidental do período medieval. Com sintetizam Lucien Febvre e Henri-Jean Martin sobre o uso de técnicas gráficas no período da invenção de Gutenberg, e que auxilia na compreensão das transformações vindouras.

“Nesses tempos em que a religião era o centro de toda vida intelectual e espiritual, em que a Igreja ocupava um lugar tão grande, em que toda cultura era essencialmente oral, o emprego de um processo gráfico permitindo multiplicar as imagens religiosas revelava-se bem mais necessário que a imprensa. Fazer penetrar por toda parte as imagens dos santos que até então só se via em torno dos capitéis, nos portais, nas paredes e nos vitrais das igrejas, espalhar suas lendas, permitir a todos contemplar à vontade, em sua casa, os milagres do Cristo e as cenas da Paixão, fazer reviver as personagens da Bíblia, evocar o problema da morte, mostrar a luta dos anjos e dos demônios em torno da alma do moribundo, este foi o papel essencial da iconografia xilográfica, cuja necessidade se fez sentir bem antes e bem mais fortemente que a de reproduzir textos literários, teológicos ou científicos, até então manuscritos, a pedido somente de um punhado de doutores e de clérigos” (FEBVRE; MARTIN. 2017. p. 99).

A partir da invenção do alfabeto, “desenvolveu-se no Ocidente um contínuo movimento para a separação dos sentidos, de funções, estados emocionais e políticos, bem como de tarefas” (McLUHAN. 1977. p. 73). Fragmentação esta que levou à anomia no século XIX, nos termos de Durkheim. A tridimensionalidade pictórica é uma ilusão abstrata, surgida da separação intensa do sentido da vista dos demais. O desenho “primitivo” é bidimensional, mas com possibilidade da vivência pessoal audiotáctil. E que desde Cezanne, segundo McLuhan, houve um abandono do visual em prol de uma reorganização da experiência e da percepção em prol de modelos que têm junto o audiotáctil. Enquanto a humanidade não aperfeiçoou este comportamento visual, as comunidades só conheceram a estrutura tribal. O nomadismo não permitia a invenção da escrita, da arquitetura e nem o “espaço fechado”.

Segundo McLuhan, a escrita é

“um modo de fechar, visualmente, sentidos e espaços não-visuais. É, portanto, uma forma de abstrair o visual do intercurso comum dos sentidos em globo. E, enquanto a linguagem é uma exteriorização (manifestação) de todos os sentidos ao mesmo tempo, a escrita é uma abstração da palavra” (McLUHAN. 1977. p. 74).

Lia-se em voz alta nos mundos antigos e medieval. Flusser traz a relevância da comunicação na dinâmica do público e do privado na sociedade ocidental, do compartilhamento do que é privado (do indivíduo) em público e da privatização do que se refletia em público.

“É verdade que como em qualquer comunicação, algo particular é tornado público. Toda comunicação é engajamento político senso stricto. Ela torna público algo privado. No entanto, essa informação publicizada é armazenada em um espaço privado” (FLUSSER. 2014. p. 53).

Assim, torna-se possível encarar a escrita como técnica e a tipografia como tecnologia específica, marco de mudanças nos meios de produção.

“A tipografia foi a primeira mecanização de um antigo artesanato e levou facilmente à crescente mecanização de todo o artesanato” (McLUHAN. 1977. p. 74).

McLuhan faz reflexão semelhante sobre a fotografia, que é uma forma de captação do movimento. Um mecanismo de produção de fotografias em sequência, a partir de obturadores dispostos em distâncias específicas, capta a movimentação orgânica de um animal, por exemplo. As ações biológicas, as movimentações biológicas passam a ter representação gráfica. O movimento orgânico é traduzido em representações gráficas. E mesmo das interações no espaço.

“Quer dizer, o objeto é trasladado da forma orgânica ou simultânea para um modo estático ou pictórico. Ao girar uma sequência desses espaços estáticos ou pictoriais com suficiente velocidade, cria-se a ilusão de inteireza orgânica, ou uma interação de espaços.” (McLUHAN. 1977. p. 75).

2.2 - Leitura do Mundo, Instituições e Bibliotecas: “padronização” do conhecimento.

“Deve-se compreender que ser ‘tocado’ pela alfabetização não é questão súbita ou repentina, nem questão global em qualquer tempo ou em qualquer lugar. Isso se tornará muito claro ao observarmos a marcha dos séculos dezesseis e seguintes. Hoje em dia, porém, na medida em que a eletricidade cria condições de extrema

interdependência em escala global, movimentamo-nos de novo celeradamente para um mundo auditivo de eventos simultâneos e de tomada global de consciência. Entretanto, os hábitos de alfabetização persistem em nossa linguagem, em nossas sensibilidades e na disposição que damos aos espaços e tempos de nossas vidas diárias. Não sobrevivendo alguma catástrofe, a alfabetização e a predominância visual poderiam subsistir e manter-se por longo tempo, resistindo à eletricidade e à percepção global do ‘campo unificado’” (McLUHAN. 1977. p. 54).

A biblioteca, ao longo dos séculos, acompanhou as transformações de modos e dos meios de produção. Expressa materialmente várias das transformações que as faculdades humanas informaram ao Mundo e como a humanidade modificou a si própria em suas percepções e relações sociais. Uma estrutura física no espaço geográfico que é simultaneamente repositório da memória e de acesso às informações: uma instituição. No pensamento de Vilém Flusser,

“Originalmente, biblioteca significa um lugar para onde levo informação adquirida. Ali deposito informações adquiridas que, então, podem ser processadas. Pode haver bibliotecários. Então vêm as pessoas por vir, acessam as informações, levam-nas para casa, processam-nas e as devolvem à biblioteca. A biblioteca funciona como central da cultura, como central daquele empenho contra a morte do qual falamos. Mas logo a função da biblioteca se modifica. Em vez de servir como apoio da memória, ela se torna finalidade da vida” (FLUSSER. 2014. p. 55).

Instituição que se manifesta em porções já existentes ou construções dedicadas a ela no espaço geográfico. Portanto são construções vinculadas à esta (ou uma) instituição, ou são construídas infraestruturas dedicadas a ela. A biblioteca constitui um objeto técnico com características próprias, que é instalada, que varia com as intencionalidades vigentes em cada lugar.

A biblioteca integra a infraestrutura do trabalho de formação e conhecimentos. Sua importância geográfica fundamental é institucional. Um objeto técnico presente em cada ponto do território e um elemento histórico que teve participação direta na “padronização” da produção, circulação e acesso ao conhecimento, como consequências da tecnologia de Gutenberg. Peter Burke na citação abaixo refere-se apenas à imprensa como condição fundamental para o desenvolvimento prático do conhecimento e da ciência na modernidade. Porém fica claro em suas entrelinhas que diferentes espaços de produção

de ciência e conhecimento são tão fundamentais quanto a imprensa, no caso específico aqui, a biblioteca.

“O início do período moderno será definido como os séculos de Gutenberg a Diderot, em outras palavras, a partir da invenção da imprensa com tipos móveis na Alemanha em torno de 1450 até a publicação da *Enciclopédia* de 1750 em diante. A *Enciclopédia* é uma reunião da informação disponível em sua época, e também uma vívida ilustração tanto da política como da economia do conhecimento. (...) (...) a importância do novo meio não se limitou à difusão mais ampla do conhecimento e à publicidade de conhecimentos relativamente privados ou mesmo secretos (de segredos técnicos a segredos de Estado). A imprensa também facilitou a interação entre diferentes conhecimentos, (...). Ela padronizou o conhecimento ao permitir que pessoas em lugares diferentes lessem os mesmos textos ou examinassem imagens idênticas. Também estimulou o ceticismo, (...), ao permitir que a mesma pessoa comparasse e contrastasse explicações alternativas e incomparáveis do mesmo fenômeno ou evento” (BURKE. 2003. p. 19).

A alfabetização, a escrita e a leitura, a partir da técnica e da Bíblia de Gutenberg, constituem avanços na institucionalização de uma percepção do mundo “unificada” ao constituir o sentido da visão como fundamento para a verificação de práticas e constituição da verdade. A visão como processo de controle social. Todo um contexto social se forma a partir da universalização da alfabetização, da expansão da leitura e a produção de livros como inovação de práticas sociais e mesmo de inovações no modo de produção com o surgimento de novas práticas profissionais tais como o editor de livros as profissões intelectuais. Estabelece-se uma percepção sobre a realidade que é complexa, porém centralizada, na visão como elemento de verificação da verdade. Uma leitura do Mundo.

Novas dinâmicas sociais que se inserem no cotidiano das pessoas, a leitura se torna um hábito. Por sua vez, o hábito torna a objetivação do mundo e a atribuição de sentido às atividades um processo centralizado de construção do conhecimento. Tira a necessidade de cada situação cotidiana receber uma definição etapa por etapa. Assim, uma multiplicidade de situações passa a ter uma predefinição, as atividades são passíveis de serem antecipadas. As ações habituais passam a ser tipificadas e estabelecer as ações habituais por tipos de atores sociais. Este processo de tipificação das ações e dos atores dão origem à instituições.

“As instituições implicam, além disso, a historicidade e o controle. As tipificações recíprocas das ações são construídas no curso de uma história compartilhada. Não podem ser criadas instantaneamente. As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. (...) As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana, estabelecendo padrões previamente definidos de conduta (...)” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.77).

A consolidação das instituições ocorre quando ocorre a transmissão das tipificações para novas gerações, em um primeiro momento aos filhos, como uma externalidade acima e além dos indivíduos, se consolidam na prática social e estabelecem a objetividade, o modo como o Mundo é experienciado pelo Ser-Aí. As instituições constroem o Mundo e é experimentado como realidade objetiva. A sociedade é uma realidade objetiva, a objetividade é produzida e construída pelos seres humanos.

“O mundo institucional é a atividade humana objetivada, e isso em cada instituição particular. Noutras palavras, apesar da objetividade que marca o mundo social na experiência humana ele não adquire por isso um STATUS ontológico à parte da atividade humana que o introduziu.” (BERGER; LUCKMANN. 2014. p.84).

A sociedade e as instituições sociais antecedem e são diretamente influenciadas pela objetividade. As instituições sociais, como a que têm por responsabilidade direta a conservação e acesso à memória humana, podem assumir formas materiais para que sejam exercidas. Serem construídas, fixadas nos lugares e assim serem fatores objetivos da constituição dos territórios. As bibliotecas podem ser observadas como instituição social que assume formas concretas. Um objeto técnico. Uma instituição, como realidade das relações sociais vigentes, é construída em um lugar, torna-se um ponto material dedicado ao acesso aos conhecimentos nela cristalizados e acumulados. Assim, os livros e todo tipo de material que exista em uma biblioteca se tornam objetos em sentido pleno. Por ser uma instituição, são estabelecidas ao longo da história as normas de acesso às informações contidas em cada biblioteca. São expressões materiais diretas das relações sociais e da organização de uma sociedade. As instituições integram a história e o espaço geográfico. São estruturas que dão fundamento às ações sociais e formas materiais. Presentes e futuras.

“Toda situação é uma construção real que admite uma construção lógica, cujo entendimento passa pela história de sua produção. O recurso à técnica deve permitir identificar e classificar os elementos que constroem tais situações. Esses elementos são dados históricos e toda técnica inclui história. Na realidade, toda técnica é história

embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história.” (SANTOS, Milton. 2017. *Natureza do Espaço*. p. 48).

Flusser permite raciocinar que a atividade de fundir as letras em metal é um processo que os fonemas são institucionalizados em uma representação material (em todas as suas variantes): o tipo. A criação de Gutenberg faz a centralização das características de um fonema a uma forma específica, institucional; parte-se das características (os caracteres de uma língua) para uma forma específica de expressão material que tem capacidade de centralizar estas características, criam-se os tipos.

“Chegou-se a uma invenção extraordinária. É chamada normalmente – de forma ‘inofensiva’ – de impressão de livro, ou tipografia. Do que se trata? Tinha-se a impressão de que letras seriam signos de sons específicos, de fonemas. Que seriam, portanto, caracteres. Acreditava-se que havia algo de característico nas letras. Como cada língua tem seus fonemas, cada língua tem de ter um alfabeto específico. Com Gutenberg chega-se ao seguinte: letras não são caracteres, de modo algum. São tipos. De fato, com a mesma letra, podem-se designar diferentes fonemas. A letra ‘a’, com efeito, pode significar tanto o som que pronuncio quando digo, em alemão, *Tag*, quanto o som que pronuncio quando digo, em inglês, *day*. De repente, o alfabeto – principalmente o latino – se tornou um código que alcança todas as línguas. A invenção de Gutenberg não consiste na possibilidade de fundir as letras em metal, colocá-las em uma prensa e então reproduzir textos por meio dela. A descoberta revolucionária de Gutenberg é que as letras são tipos e que escrever significa tipografar” (FLUSSER. 2014. p. 139 e 140).

A técnica de impressão criada por Gutenberg, como toda técnica, cria uma necessidade de readequação das ações humanas às consequências de sua implementação. O que antes era disperso entre diferentes alfabetos específicos, com características muito particulares, agora tem um sistema de produção que centraliza estas características em poucas formas materiais, ultrapassam os limites linguísticos e que influenciam a constituição de limites geográficos de povos, falantes de uma língua, e da centralização de poder. Ocorre uma nova objetivação das práticas humanas e das línguas em torno de uma técnica.

Os livros, quando em coleções, assumem características de instituições. Exigem organizações próprias nos lugares, construções dedicadas a elas para que se tornem acessíveis às pessoas conforme as necessidades que surgem em suas relações sociais. O que antes as bibliotecas expressavam materialmente a especificidade das ações de grupos sociais, como os membros da Igreja e a conseqüente rigor de acesso, as bibliotecas se inserem nas ações da coletividade que está instalada. Inclusive nas relações de legitimidade do poder político. As bibliotecas, simultaneamente com as universidades, se tornam expressão de poder soberano do príncipe esclarecido do final da Idade Média e de sua corte. Contexto do desenvolvimento de profissões intelectuais. O reinado de Carlos V (França, 1338 – 1380), como sintetiza Frédéric Barbier, é representativo destas novas relações sociais em que as bibliotecas assumem um papel institucional mais amplo e permite compreender um pouco melhor as condições socioespaciais de surgimento da tecnologia de Gutenberg. É um contexto de surgimento de novas atividades e profissões.

“O poder central que procura se impor pouco a pouco diante das lógicas do feudalismo deve instituir a excepcionalidade que justificará seu caráter de poder absoluto: trata-se de afirmar uma distinção (...) que vai se manifestar no âmbito (o castelo) e no modo de vida suntuoso, nas atividades ‘nobres’ (a caça etc.), mas também nas distrações artísticas, no mecenato, nas preocupações intelectuais e na coleção de arte – na qual uma biblioteca é particularmente preciosa. (...) Ao mesmo tempo, inaugura a figura do príncipe esclarecido, que se cerca de conselheiros escolhidos por suas competências, e que se apresenta mais facilmente com as vestes do mestre de universidade do que com o suntuoso traje do soberano” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 122).

A Baixa Idade Média vive um “renascimento da escrita” com o papel, que tem uma fabricação mais simples e mais barato que o pergaminho, a criação de novas instituições de ensino e um aumento de demanda por mais livros. Trata-se de um contexto que antecede e cria as condições para a “revolução gutenberguiana” e, assim, uma metamorfose dos meios de comunicação. O livro se torna um sistema de meios de comunicação. Assim, uma mudança no conjunto das relações sociais.

“A Idade Média tardia vê ser imposta uma conjuntura progressivamente renovada no setor da escrita e do livro. É, primeiramente, a ‘renascença escribal’, com o aumento da demanda, a multiplicação das pequenas escolas e outras estruturas e instituições de ensino, e com a divulgação de um novo suporte, mais fácil de fabricar e menos caro que o pergaminho, ou seja, o papel.

No século XIV, a preocupação se faz mais evidente entre os intelectuais, seguindo Petrarca, de retomar ao texto original, e começa-se a constituir novas bibliotecas de referência. Na mesma época, a pesquisa técnica prossegue, que permitiria produzir em quantidade os documentos, imagens ou textos, pedidos pelo público: são primeiramente as gravuras em madeira, às vezes libretos xilográficos, são também as múltiplas tentativas de aperfeiçoamento de técnicas prototipográficas, é finalmente a invenção decisiva, a da própria tipografia em caracteres móveis por Gutenberg, em Estrasburgo e depois em Mainz em 1452. Mesmo que o princípio seja inicialmente o de reproduzir em maior quantidade e a menor custo, o que já existe, ou seja, manuscritos, entramos de fato no tempo da ‘revolução gutenberguiana’ que implica a completa metamorfose dos meios de comunicação” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 133).

O livro se torna cada vez mais acessível em termos econômicos, as trocas se intensificam junto com as práticas de leitura. As bibliotecas se consolidam como instituições e surge a prática da leitura extensiva e da figura do intelectual. Uma densificação da circulação das informações.

“(…), essa sociedade submetida, pela primeira vez na história, a uma densificação crescente da circulação das informações e ao desenvolvimento de um sistema de meios de massa, está ao mesmo tempo voltada para o exterior. No plano espacial, primeiramente: enquanto os otomanos avançam no Mediterrâneo e o Império Bizantino está próximo do fim, os genoveses, os espanhóis e sobretudo os portugueses lançam-se na rota do sul, para passar o Cabo Bojador (1434), contornar a África e atingir as Índias – sabe-se como essas rotas do Atlântico sul vão levá-los em breve à descoberta do Novo Mundo. No plano cronológico, em seguida: a redescoberta da Antiguidade está na ordem do dia, antiguidade latina, é claro, mas cada vez mais antiguidade da Grécia clássica” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 134).

Barbier também traz uma síntese sobre como as mudanças em uma sociedade se apropria das formas novas de se produzir os livros transformam as relações sociais da Europa como um todo ao final da Idade Média. O modo como as informações circulam, a tecnologia de tipos móveis e o aumento da circulação dos livros, constituem um meio de comunicação que alcança e têm influência sobre um número cada vez maior de pessoas. E as consequências socioespaciais de todo este contexto de mudanças.

“A mudança do sistema dos meios de comunicação, se inicialmente se inseriu numa lógica de continuidade (reproduzem-se os

manuscritos e os textos copiados dos manuscritos), leva, no entanto, a fenômenos absolutamente inesperados – dos quais o principal refere-se ao campo religioso. Com a Reforma, é de fato o fim do sonho do catolicismo universal, e, portanto, do modelo antigo que associa, à frente da *societas christiana*, a figura do imperador e a do papa. Entramos em um período em que a secularização vai se impor cada vez mais, e o poder se define pelo controle e a gestão racionalizada de determinado território. Esses soberanos e príncipes ‘territoriais’, em concorrência e até em luta aberta uns com os outros, esforçam-se, no que diz respeito a alguns deles, em constituir coleções de arte e de livros cuja riqueza irá designá-los como os herdeiros e os continuadores dos soberanos antigos: as bibliotecas modernas, com milhares, por vezes dezenas de milhares de volumes, são instrumentos de legitimação do poder, quer se trate de príncipes italianos, do rei da França ou do rei da Espanha, dos eleitores alemães ou do imperador Habsburgo – sem esquecer o papa.” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 173).

As bibliotecas, como instituições, tem participação nas mudanças das relações sociais, nas mudanças das relações de poder como elementos constitutivos dos territórios na Europa no período Barroco. Os Tratados de Vestfália (1648) são um evento que estabelece a prevalência do território sobre o poder individual dos imperadores, estabelece-se a corte como exercício do poder de fato e legitimidade²³. A “residência” do soberano, a “casa” e a hierarquia dos súditos estabelecem um código de conduta. Torna-se elemento de controle da alta aristocracia, dos príncipes “locais” e dos senhores feudais. Formar e manter bibliotecas se tornam elementos de exercício de legitimidade de poder, em contraposição às práticas feudais.

“Ela está estabelecida no castelo, o qual tende a perder sua função defensiva, até então dominante, para receber dependências mais confortáveis, Preenche também uma função de representação e de distinção: seu gênero de vida participa da construção da figura do príncipe e de sua família como personalidades à parte, Constituem-na: o patronato das igrejas, a aquisição de objetos preciosos, a eventual constituição de uma biblioteca e as práticas de mecenato.” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 189).

23 Nas palavras de Frédéric Barbier: “Um dos instrumentos chave da modernidade política reside na ascensão da corte dos príncipes, tanto na França quanto na Inglaterra, na Itália e na geografia do Santo Império. (...) No sistema político moderno, o poder se articula com o controle de um território: entendamos um espaço bem definido, e submetido a um poder determinado – *in territorio esse* adquire uma acepção metafórica (estar sob a administração ou sob a jurisdição de ...). (...) Os Tratados de Vestfália confirmam enfim, em 1648, a *superioritas territorialis* sobre o poder do imperador. Desde então o próprio Sacro Império pende para o lado da territorialização, o poder do imperador identificando-se praticamente com a dominação sobre as possessões hereditárias dos Habsburgos” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 188 e 189).

As grandes cortes são polos da política dos Estados Nacionais e exercício de relações internacionais. As médias cortes lidam com questões internas dos territórios dentro dos Estados; e as pequenas cortes estabelecem legitimidade por atividades intelectuais (e educacionais) justamente por terem pequena capacidade política e econômica em escala, mas são de representatividade locais²⁴.

Este é o contexto que permite compreender a relevância geográfica do que Peter Burke vai chamar de “intermediários da informação” e “administradores do conhecimento”: a intelectualidade artística, estudiosos, cientistas, as instituições de formação (escolas, universidades, bibliotecas).

“Por volta de 1600, era claro um processo de diferenciação estrutural entre os letrados europeus. Os escritores formavam um grupo semi-independente, sendo sua crescente autoconsciência marcada, como na França do século XVII, pelo uso cada vez mais frequente de termos como *auter* [autor] e *écrivain* [escritor]. Um grupo pequeno mas influente pode ser apresentado na linguagem de nossos dias como ‘intermediários da informação’, porque punham estudiosos de diferentes lugares em contato entre si, ou como ‘administradores do conhecimento’, porque tratavam organizar o material além de coletá-lo. (...).

Os professores universitários começavam a formar um grupo distinto, especialmente no mundo de língua alemã – onde havia mais de 40 universidades na segunda metade do século XVIII, sem contar outras instituições de educação superior. (...), o professorado do início da modernidade incorporava a autoridade intelectual.” (BURKE. 2003. p. 31).

E mais adiante, nos anos 1700, além das condições descritas acima, os letrados europeus também se tornam assalariados das Academias de Ciências em Paris, Berlim, Estocolmo e São Petersburgo²⁵ e na edição de livros.

24 “O conceito de compensação desempenha um grande papel teórico até o século XIX: as principais cortes europeias (Versalhes, Londres, Viena, mais tarde Potsdam, São Petersburgo etc.) são os polos da vida política no nível dos Estados, mas também no nível internacional. As cortes médias têm mais um papel no âmbito dos equilíbrios internos na Alemanha (Baviera, Saxe, Wurtembergue, Hesse-Cassel etc.) ou na Península Itálica. Enfim, as ‘pequenas’ cortes procuram impor-se por uma atividade intelectual, artística ou literária, quando seu poder político ou econômico é insuficiente (por exemplo, no século XVIII, Weimar, Darmstadt, ou ainda Parma).” (BARBIER, Frédéric. 2018. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 189 e 190).

25 “A partir de 1700 aproximadamente, passou a ser possível seguir uma carreira intelectual não só como professor ou escritor, mas também como membro assalariado de certas organizações dedicadas à acumulação do conhecimentos, notadamente as Academias de Ciências fundadas e financiadas em Paris, Berlim, Estocolmo e São Petersburgo, ainda que a limitação dos fundos disponíveis em geral levasse os que os recebiam a complementar seus salários com outras formas de emprego.” (BURKE. 2003. p. 32).

Historicamente, o desenvolvimento das livrarias está diretamente relacionada ao desenvolvimento das bibliotecas e dos centros de ensino e pesquisa. O mercado de livros está relacionado diretamente à necessidade de circulação de cópias de obras presentes em bibliotecas locais.

A escrita de um livro está diretamente relacionada com as relações de ensino presentes em cada lugar. As aulas de um professor são anotadas por seus alunos, que muitas vezes compartilham a redação com os professores. São obras manuscritas que depois acompanham os alunos formados em seus locais de origem. As obras manuscritas são compilações de disciplinas realizadas pelos alunos, as suas anotações da reflexão de seus professores.

Este sistema tem como base social fundamental, historicamente, a formação religiosa do Ocidente. A posse e guarda destas obras são das ordens religiosas, que controlam o acesso a cada uma delas; atividade que é uma das origens da biblioteconomia. A necessidade de acesso às obras específicas faz surgir o intercâmbio entre bibliotecas, empréstimos entre elas para que a biblioteca que requisita uma obra faça a cópia dela.

Com a expansão das atividades liberais e o desenvolvimento das universidades, o fim da exclusividade das corporações de ofícios sobre o conhecimento de uma atividade, existe uma expansão correspondente de acesso a obras não-religiosas. Ocorre uma expansão de demanda por mais cópias de livros e que seus conteúdos sejam de fato correspondentes às obras originais. Surge a profissão de editor de livros, que é o funcionário da biblioteca responsável pela guarda das obras e por garantir a cópia fiel das obras e garantir a fidedignidade das obras que são produzidas.

O intercâmbio entre bibliotecas se expande à medida que ocorre a consolidação de estados nacionais e o uso das línguas nacionais para as atividades de Estado e das estruturas religiosas locais. Estrutura-se um comércio de obras manuscritas, tanto em profissões liberais quanto religiosas. Desde a organização para a Bíblia impressa em latim e em todas as línguas nacionais já consolidadas, quanto na crescente circulação de publicações científicas; que por sua vez estão relacionadas às trocas epistolares entre professores, cientistas e pensadores.

2.3 - A materialidade do livro – a revolução do códice

O códice promove uma nova vivência do espaço a partir de uma nova dimensionalidade²⁶. A arquitetura urbana, com a construção de catedrais, apresenta uma tendência de verticalização, um sentido para o céu, de reafirmação da glória de Deus²⁷. McLuhan traz que o códice, a Bíblia impressa impõe uma centralização no sentido da visão como fator fundamental de verificação. A tradição oral comunitária é substituída pela expressão material visual da verdade, que se expressa na palavra impressa e na presença real na Hóstia consagrada. As catedrais passam de ambientes mais escuros, pois a partilha da palavra era oral e comunitária, passa a exigir a iluminação como recurso fundamental litúrgica. Os vitrais tinham função de síntese e de memória da palavra, agora a iluminação é para privilegiar o altar, a leitura e observação dos ritos. A oração passa de uma ação coletiva verbalizada para uma experiência fundamentalmente individual e silenciosa.

“O codex é apontado por alguns autores como a primeira revolução na história do livro. Constituído de um conjunto sequencial de cadernos de folhas de papel costurados entre si, tem um formato muito semelhante ao do livro moderno” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p.40).

“As vantagens materiais e práticas são significativas. Em geral, seu peso, bem menor em relação ao rolo de pergaminho, torna mais fácil o seu manuseio. Além disso, sua forma facilita também o armazenamento e não é mais imperativo que se usem as duas mãos durante a leitura, como requer o rolo. Pode-se ainda escrever em ambos os lados da folha de papel. Há ainda uma vantagem não desprezível - (...) - de facilitar o acesso aleatório à obra escrita” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.41).

“Inventar o *codex* foi a solução de um problema técnico; apropriar-se dele foi um ato decorrente de uma compreensão diversa da cultura,

26 “Com efeito, no momento em que o códice (*codex*) substitui o rolo (*volumen*), no qual o texto é disposto sobre uma superfície bidimensional contínua, passa a ser possível o acesso aleatório e a leitura fragmentada. Com as folhas encadernadas em um modo tal que para folheá-las é necessário uma terceira dimensão, o *codex* se relaciona e nos remete ao problema do espaço e de sua dimensionalidade, e ao significado da verticalidade em nosso mundo e em nosso imaginário” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.44).

27 “Foi o Cristianismo que muito cedo adotou a verticalidade, isto é, privilegiou o sistema alto-baixo, inspirado na ressurreição e na ascensão de Cristo, bem como na ascensão das almas. O mundo e o espaço simbólico cristãos tornam-se, assim, efetivamente tridimensionais” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.47).

do texto e do homem, o qual, uma vez realizado, abriu novas perspectivas no modo de escrever e de ler o livro, tendo mudado, sobretudo, a estrutura e a organização do pensamento. Modificou-se, de fato, o modo pelo qual se pode ter acesso ao texto. Introduziu-se o acesso aleatório, característica essencial para de tornar o codex um suporte material privilegiado para as escrituras cristãs, pois possibilitou uma leitura sinóptica dos Evangelhos” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.43 e 44).

“Forja-se, assim, um SUJEITO MEDIEVAL preso em sua posição na sociedade teocêntrica daquela época, em uma espécie de espaço efetivamente bidimensional, na medida em que o homem é impedido de escapar à sua condição social, restando-lhe a terceira dimensão como possibilidade de salvação” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.47).

2.4 - A materialidade do livro: a dimensionalidade do espaço, a verticalidade e a linearidade do tempo

Um ponto fundamental sobre a concepção física do espaço é a identidade direta com a onipresença de Deus, uma teoria geral do espaço contínuo e a Cosmologia Medieval. Um período longo de transição entre a oralidade e a escrita junto com mudanças na concepção do espaço físico. A escrita se torna hegemônica, a única detentora eficaz do poder, do saber e de expressão artística.

“(…) o impacto dessa associação na Física Medieval marcou, de modo especial, o desenvolvimento das teorias mecânicas e, nos séculos XVII e XVIII, culminou com a afirmação de que o espaço nada mais é do que um atributo de Deus, ou até mesmo idêntico a Deus” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.46).

“Pode-se dizer, então, metaforicamente, que o mundo cristão é tridimensional não apenas devido à importância atribuída ao eixo alto-baixo no imaginário medieval, mas também porque, na Idade Média cristã, a lógica binária é substituída pela terciária” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.48).

“Em suma, as novas perspectivas de organização do pensamento medieval, aliadas aos desenvolvimentos técnicos, econômicos e

sociais, a disponibilidade de novas traduções para o latim de textos científicos gregos e árabes confluem para uma reorganização do trabalho, a diferenciação (ou a especialização) dos ofícios e o surgimento da Universidade na Europa” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.55).

O livro (códice) reforça a concepção cristã do tempo linear que relaciona dois momentos cruciais e que não se repetem, a crucificação de Cristo e o Juízo Final em contraposição ao tempo cíclico da Antiguidade, a tridimensionalidade do códice elimina a necessidade de repetições de trechos que o rolo (*volumen*) impõe. Muda-se completamente a visão do Mundo, a concepção de História em sua escrita e é lida.

“Aqui cabe enfatizar que a consciência da tridimensionalidade do espaço e do Mundo, tanto real quanto imaginário, e da linearidade do tempo apontada por Santo Agostinho são etapas fundamentais para a criação da Ciência Moderna, muitos séculos depois. Aí estão as bases de um cenário conceitual no qual os descritos podem vir a ser estudados e descritos pela Ciência Moderna. A grande dificuldade foi compreender o movimento e suas causas. Com efeito, dados o espaço tridimensional euclidiano e o tempo linear, o cenário do Mundo onde se desenvolveram a Física e a História como ciências possíveis está posto, mas a compreensão do movimento exigirá, como veremos, um novo esquema causal, uma revolução completa na Ciência e na Cultura, associada ao nome de Newton, mas devedora também a Copérnico e a Galileu” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.56).

2.5 - O códice muda a visão de mundo da cristandade

A Bíblia será sempre a referência fundamental sobre o que é o livro, em uma perspectiva de sinônimo da palavra livro e descrição deste objeto técnico. Estabeleceu-se como materialização das palavras e ações do divino em sentido amplo. A Bíblia se torna sinônimo de obra divina, a materialização das ações divinas, referência ocidental para o que se entende organizar o divino como um todo, de todas as tradições religiosas existentes. Uma religião que não se organiza em um texto possível de ser colocado em um suporte físico – ou seja, que ainda siga na oralidade – ainda é visto como “atraso” ou “inferior”, em uma perspectiva ratzeliana dos povos. Pois a verdade se manifesta na palavra e está escrita. Seja em pedra, pergaminho, códice ou digital. A oralidade é um princípio para o texto, o meio da revelação. A escuta e vivência em ações ganha um enorme reforço em sua transmissão entre gerações com a escrita. O conhecimento do

divino e do Mundo encontram um suporte de memória e meio de organização de ações. O conhecimento do divino não depende exclusivamente da convivência em comunidade e nem só de indivíduos específicos. Passa a integrar a vivência do Ser-Aí como um Ente, um objeto que altera as ações sociais que está no Mundo, é criação da sociedade para cada indivíduo. O conhecimento humano, que se distingue do divino, terá sempre uma posição abaixo, não de inferioridade mas de posterioridade, algo que veio depois que muitas das vezes está em contradição com o divino. O conhecimento é o princípio da dúvida para a verdade, não se sabe a verdade mas a prática permite observá-la, descobre-se a verdade. O divino é expressão da verdade já revelada e o meio para alcançá-la.

“(…), o Livro (a Bíblia) torna-se o símbolo por excelência da relação entre o homem e Deus na *Weltanschauung* cristã” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p.56).²⁸

“Aos poucos, porém, a partir de São Francisco de Assis, é que vão ser apontados DOIS (e não mais UM) livros capazes de levar a Deus ou por meio dos quais Ele oferece salvação ao Homem: o Livro da Sagrada Escritura e o LIVRO DA NATUREZA” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p.57).

“Contemplar a beleza do mundo passa a ser um modo alternativo (e não menos digno) de se chegar a Deus. Assim, São Francisco dá os primeiros passos para uma nova humanização do Mundo, admitindo que o homem deve se integrar à Natureza, sem se afastar de Deus, preservando-a e admirando-a na sua plenitude” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p.57).

A Natureza passa ser vista com menos simbolismos, uma nova integração do ser humano com a Natureza como plenitude da obra divina, uma percepção de como ela é de fato. Muitos religiosos se dedicam a estudos científicos. Roger Bacon (1214 – 1294) introduziu a observação da Natureza e a experimentação como fundamentos do conhecimento natural, o método científico. O livro e o Espaço como dons de Deus precedidas do Verbo divino perduram por muitos séculos, são presentes no pensamento de Galileu e Newton.

“(…) o método científico depende de observação, da experimentação, da elaboração de hipóteses e da necessidade de verificação independente” (CARUSO; FRANCISCO. 2017., p.59).

28 *Weltanschauung*, em alemão, significa visão de mundo.

2.6 - A imprensa de tipos móveis e a formação do espírito crítico

A imprensa está em um contexto de várias inovações tecnológicas da Idade Média. O acesso abundante ao papel, o desenvolvimento de tinta a base de óleo, dos tipos feitos de ligas metálicas que resistiam à pressão em substituição aos blocos de madeira (CARUSO; FRANCISCO. p.69 e 70).

A imprensa está em um contexto de várias inovações da Idade Média, porém ela é um marco divisório entre a tecnologia medieval e a moderna, da cultura oral e manuscrita para a cultura tipográfica, do conhecimento da responsabilidade de poucos para uma materialidade que é externo ao sujeito e permite a circulação e acesso às informações. A imprensa como mecanização das informações, com o papel como suporte material da escrita como material mais abundante e leve, permitiu implemento de produção dos livros,

“(…) permitiu que a Bíblia fosse, aos poucos, desvinculada do espaço sagrado das igrejas e dos mosteiros e se tornasse um objeto presente no espaço familiar” (CARUSO; FRANCISCO. 2017., p.72).

A Bíblia, em uma perspectiva mais ampla o livro, são objetos que se tornam mais presentes na vida social, saem de ambientes específicos, regulados e de acesso controlado para mais próximo das pessoas, condição que transforma o meio geográfico, tem papel central na consolidação das línguas, território e Estados nacionais. Permite uma condição mais favorável à liberdade de interpretação e criação, a imprensa permite a ideia de autoria, que o conhecimento deixa o domínio público e se individualiza, tornando-se propriedade privada e mercadoria de lucros substanciais a partir da reprodução mecânica. Ocorre uma transformação sobre a ideia, a visão mental se torna um ponto de vista, uma perspectiva individual que se fixa em um suporte material, o papel.

É possível raciocinar que o livro impresso marca a mudança de perspectiva sobre o espaço geográfico, não em termos teóricos e metodológicos, mas na vida dos grupos humanos. O modo de vida é uma forma de conhecimento coletivo, a esfera pública do conhecimento do mundo compartilhado pela oralidade e a leitura restritas a poucos lugares e atores sociais, que aos poucos é substituída pela individualização dos pontos de vista (autoria) e por uma estrutura econômica que estabelece uma ordem de observação do mundo. O livro impresso coloca no centro da experiência humana, a experiência do Dasein, a visão, o referencial visual, o observador, o ponto de vista fixo, a experiência visual como referência para a verdade. A verdade se revela em textos, que registram em um suporte físico a experiência em uma estrutura rígida da escrita alfabética linear.

Coincide com a tendência a geometrizar a pintura dos artistas renascentistas italianos com a perspectiva,

“(...) no qual a tela não é mais somente um suporte de uma arte simbólica bidimensional, mas algo que pode dar vida e significado ao espaço perceptivo tridimensional” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p.74).

Estabelece-se uma nova forma de relação do ser humano com o Mundo. O universo da Física de Aristóteles era fundamentada no absoluto, que Deus move o Universo, que a variedade é um processo de afastamento do absoluto, uma degradação, pois existem diferenças entre o mundo sublunar (perecível) e o mundo supra-lunar dos corpos celestes (eternos) e do éter. A Terra era o centro do universo em uma posição estática. A Revolução Copernicana²⁹, o sistema heliocêntrico de Nicolai Copérnico que unifica o movimento tanto na Terra quanto no Universo, é um dos marcos para o final da Idade Média, junto com a conquista de Constantinopla e a descoberta da América. Kepler faz uma unificação da Astronomia com a Física a partir da dinâmica das órbitas dos planetas. “Desse momento em diante, o espaço geométrico toma o lugar do espaço hierarquizado, mítico e mágico do imaginário medieval” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p.86).

O ser humano deixa de ter a posição privilegiada do centro do Universo quando a Terra passa a ser vista como mais um planeta que gira em torno do Sol. Impacto semelhante terá a teoria da evolução de Charles Darwin, que retira a condição de origem divina (ou de filhos de Deus) e se torna fruto do acaso integrante da evolução de os demais seres vivos. E com Freud o consciente se torna apenas uma parte das atividades e capacidades psíquicas, a racionalidade também se torna objeto de investigação. Em síntese:

“Aos poucos, essa forma de observar a natureza tende a deixar de lado a mera representação do mundo – imagem de como as coisas deveriam ser e não de como elas são de como elas são na realidade – calcada em 'verdades filosóficas'. Passa a ser valorizado aquele que, por meio de observações, é capaz de tirar as suas próprias conclusões a respeito do mundo. (...) Gradativamente, tornou-se indispensável que tudo que fosse dito no âmbito da Ciência passasse por uma séria verificação empírica” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p. 91).

29 Ver em CARUSO; FRANCISCO. 2017. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 81 à 84.

Entre a “periferia” do Universo, a infinitude do Cosmos, e a centralidade do corpo humano na Medicina, o sujeito renascentista reafirma a posição do Eu, a igualdade do ser que compreende o mundo e seu espírito. O espírito é a capacidade de compreensão do mundo, concebe o infinito e aceita sua condição de finitude e insignificância diante do Universo. O infinito passa ter a significado de imensurável, inesgotável, a realidade é abundante e o intelecto humano é irrestrito. É considerado por muitos o nascimento do Sujeito e da noção de subjetividade.

“Em suma, Vesalius colocou o *corpo humano* no centro das atenções do Renascimento. Por outro lado, Descartes vai colocar a *alma* no cerne de seu sistema filosófico, ao dividir a realidade em *res cogitans* (consciência, mente), e *res extensa* (matéria) e ao cunhar a máxima *cogito, ergo sum* [Penso, logo existo]” (CARUSO; FRANCISCO. 2017. p. 97).

O processo de construção do conhecimento, o trabalho do cientista, como relação de “centro” e “periferia” entre lugares. As viagens de pesquisas, expedições e missões são formas de “(...) um centro possa fazer uma ideia de outro lugar” (LATOURE, Bruno. 2000. p.23).

Bruno Latour coloca que a informação é uma relação de subordinação de um lugar sobre outro, a qual são extraídas as informações sobre o lugar sob observação e estabelece-se uma condição de vigilância à distância a partir de atores sociais específicos. A posição de cientista, bem como de instituições como bibliotecas, laboratórios e centros de pesquisas, são relações que permitem o exercício de poder alterar e estabelecer qual o ponto de vista da Ciência. A leitura que deve ser feita do Mundo a partir da Ciência.

“A informação não é um signo, e sim uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um centro, sob a condição de que entre os dois circule um veículo que denominamos muitas vezes forma, mas que, para insistir em seu aspecto material, eu chamo de inscrição.” (LATOURE, Bruno. 2000. p.23).

“A produção de informações permite, pois, resolver de modo prático, por operações de seleção, extração, redução, a contradição entre a presença num lugar e a ausência desse lugar. Impossível compreendê-la sem se interessar pelas instituições que permitem o estabelecimento dessas relações de dominação, e sem os veículos materiais que permitem o transporte e o carregamento. O signo não remete de início a outros signos, e sim a um trabalho de produção tão concreto, tão material quanto a extração de urânio ou de antracito. Um gabinete de curiosidades, um volume de pranchas

ornitológicas, um relato de viagem devem, pois, ser tomados como a ponta de um vasto triângulo que permite, por vários graus insensíveis, passar dos textos a situações e voltar aos livros por intermédio das expedições, da transposição em imagem e das inscrições”. (LATOURE, Bruno. 2000. “Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções”. IN: BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. (org) O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.p.24).

Capítulo 3 - Dos livros aos celulares: interações espaciais e novas formas de exploração

“A relação do território com o smartphone é instrumental, para disseminar informações e determinar a atuação mais racional sobre inúmeros e variados pontos do território. Esse sistema técnico disseminado, presente em várias porções territoriais, se superpõe aos anteriores sob o comando de agentes hegemônicos da economia, cultura e política.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 18).

O livro consolidou uma forma material de circulação de informações e conhecimento, é partícipe direto da criação de redes de pesquisas e consolidação de áreas do conhecimento, seguindo a crescente especialização produtiva e da circulação mundial. Marca o final da Idade Média e de seu sistema econômico. A fluidez de informações que o livro estabeleceu, principalmente a partir da tecnologia de Gutenberg, o coloca como instrumento de interação espacial, integrar diferentes lugares, práticas sociais e econômicas e a constituição de territórios, foi instrumento da consolidação dos Estados Nacionais, principalmente pelas línguas nacionais e a consolidação de leis nacionais. O livro como objeto e a universalização da alfabetização, transformaram e transformam as ações humanas para ações cada vez mais informadas e normatizadas, transformam o território.

“Em todos os casos, a informação joga um papel parecido àquele que, no passado remoto, era destinado à energia. Antigamente, sobretudo antes da existência humana, o que reunia as diferentes porções de um território era a energia, oriunda dos próprios processos naturais. Ao longo da história é a informação que vai ganhando essa função, para ser hoje o verdadeiro instrumento de união entre as diversas partes do território” (SANTOS, Milton. 2005 (1993) “O Retorno do Território”. In: Da Totalidade Ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. p. 140).

“O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado. Mesmo a análise da fluidez posta ao serviço da competitividade, que hoje rege as relações econômicas, passa por aí. De um lado, temos uma fluidez virtual, oferecida por objetos criados para facilitar essa fluidez e que são, cada vez mais, objetos técnicos. Mas os objetos não nos dão senão uma fluidez virtual, porque a real vem das ações humanas, que são cada vez mais ações informadas, ações normatizadas” (SANTOS, Milton. 2005 (1993) p. 138).

Este é o aspecto que os livros (como objetos) e celulares tem em semelhança: são elementos de interação espacial, formas materiais de comunicação, da fluidez produtiva,

das informações e territorial. E seus sistemas econômicos se estabelecem como círculos de cooperação de muitos circuitos espaciais produtivos. Os celulares são protagonistas relações socioespaciais, são instrumentos cada vez mais fundamentais nas relações entre divisão do trabalho e o território.

“As relações entre o uso do smartphone e o uso do território se baseiam na correspondência entre as redes presentes sobretudo nas cidades e a transformação de suas dinâmicas a partir da inserção e do uso desse objeto técnico que medeia várias formas – complementares, indispensáveis e mesmo antagônicas – entre usuários e corporações que controlam as tecnologias telemáticas e proveem acesso à internet para comunicação, obtenção de dados e produção de informações e vigilância.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 18).

O celular exerce o mesmo tipo de influência a ponto de ser comparado ao livro? Em termos de presença no sistema produtivo contemporâneo, é um objeto de captação de informações, meio de gerenciamento de informações, de processos de produção e sociais (por exemplo o uso cada vez maior das mídias sociais na circulação e na produção). O livro não está isento desta realidade material dos *smartphones*, tanto no tipo de circulação dos conteúdos editoriais, quanto no acesso às informações. O acesso mais difundido dos celulares, ou uma presença muito maior de pessoas nas redes a partir deste objeto técnico específico, já estabelecem distribuição mais horizontalizada das informações mas conforme interesses de atores hegemônicos globais e locais.

“Por meio da intensa participação dos indivíduos na rede, as tradicionais relações hierárquicas entre as cidades podem ser relativizadas e às vezes compatíveis com relações heterárquicas, isto é, mais horizontais e com certa equidade entre os centros urbanos. O uso do smartphone em todas as faixas de renda e faixas etárias no Brasil, diferenciado por classe social em razão dos valores do serviço e dos dispositivos, permite o encadeamento entre várias escalas – do macro (corporações, instituições, Estados, governos e organizações de solidariedade) ao micro (indivíduos com propósitos de uso pessoal) –, o que dá mais eficiência às ordens e ações hegemônicas capilarizadas no território, produzindo um corte transversal das escalas, sem mediação entre agentes globais e locais.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 18 e 19).

A exploração (ou extração) de mais valia a partir das capacidades humanas está no atual momento do capitalismo no que está à mão e no que está na mão de cada ser humano e dentro de suas condições objetivas de ser social / animal político³⁰. A

30 “(...) O ser humano é, no sentido mais literal, (...), não apenas um animal social, mas também um animal que somente pode isolar-se em sociedade. A produção do singular isolado fora da sociedade - (...) - é tão absurda

aproximação do trabalho com a comunicação como elemento de compreensão desta forma de exploração *zuhanden / vorhanden*.

“Por isso, quando se fala de produção, sempre se está falando de produção em um determinado estágio de desenvolvimento social – da produção de indivíduos sociais. (...) No entanto, todas as épocas da produção têm certas características em comum, determinações em comum. A *produção em geral* é uma abstração, mas uma abstração razoável, na medida em que efetivamente destaca e fixa o elemento comum, poupando-nos assim da repetição. (...) Algumas determinações pertencem a todas as épocas; outras são comuns apenas a algumas. [Certas] determinações serão comuns à época mais moderna e a mais antiga. Nenhuma produção seria concebível sem elas; todavia, se as línguas mais desenvolvidas têm leis e determinações em comum com as menos desenvolvidas, a diferença desse universal e comum é precisamente o que constitui seu desenvolvimento. As determinações que valem para a produção em geral têm de ser corretamente isoladas de maneira que, além da unidade – decorrente do fato de que o sujeito, a humanidade, e o objeto, a natureza, são os mesmos –, não seja esquecida a diferença essencial. (...) Por exemplo: nenhuma produção é possível sem um instrumento de produção, mesmo sendo este instrumento apenas a mão. Nenhuma produção é possível sem trabalho passado, acumulado, mesmo sendo este trabalho apenas a destreza acumulada e concentrada na mão do selvagem pelo exercício repetido. O capital, entre outras coisas, é também instrumento de produção, também trabalho passado, objetivado [*objektiviert*].” (MARX, Karl. 2011 [1857]. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. p. 41).

O celular *smartphone* é um objeto técnico de uso pessoal que dá acesso à rede mundial de computadores (internet) e que é representativo da capilarização das tecnologias da informação no espaço geográfico, que combina a necessidade de controle cada vez mais precisa dos meios de produção, do acesso a textos, vídeos, áudio e de socialização por recursos de mídias sociais.

“O *smartphone* é um objeto conector e um ponto de acesso que dissemina a ação da rede serviço nos territórios. O uso individual e o grande número de usuários resultam numa densidade informacional inédita, pelo desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação combinadas à digitalização dos conteúdos de texto, áudio e vídeo que passaram a ser arquivos de dados e se reproduzem em qualquer sistema informático, concomitante ao

quanto o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos vivendo *juntos* e falando uns com os outros.” (MARX, Karl. 2011 [1857]. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. p. 40).

incremento e ao aperfeiçoamento das técnicas de conexão.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 19).

É uma tecnologia que permite o acesso a diferentes partes do território e estabelece interações escalares que permitem a pessoas, empresas e instituições realizarem suas atividades e viabilizarem seus interesses, em razão da necessidade de controle sobre os fluxos cada vez maiores de materiais, pessoas e de informações.

“O crescente uso do smartphone e da participação de usuários nessa rede que capilariza a informação no território promove interações escalares, uma vez que um indivíduo, uma empresa ou uma instituição podem acessar diferentes recortes do território para mobilizar processos segundo seus interesses e finalidades.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 20).

O que nos remete à noção de mobilidade, o que inclui a circulação de informações banais (no sentido de interesse geral das pessoas) e produtivas (do interesses produtivos das empresas). Mobilidade, em sentido geral, entende-se como capacidade de um agente se deslocar sobre o território, a pé ou com algum meio de transporte.

“Em nossa proposta, o conceito de mobilidade se amplia e, além da movimentação ou locomoção de si mesmo, envolve a capacidade do agente (indivíduo, empresa, instituição) de fazer movimentar bens ou mercadorias e também informação banal ou produtiva. Isso significa que o grau de mobilidade de um agente também se mede por seu poder político e/ou econômico de desencadear fluxos materiais e fluxos informacionais.” (CASTILLO, R. A. dez. 2017. p. 645).

O livro impresso, historicamente, é um precursor desta mobilidade das informações. Mas fora restrito a poucas pessoas e grupos, em primeira instância, ao indivíduo que lê e ao contexto de sociabilidade em torno da leitura, o que inclui os contextos de formação educacional, familiar e mesmo devocionais. Existiam condições muito específicas de circulação das informações e de interações espaciais limitadas.

“A capacidade de receber e usar as informações em diferentes lugares e o intercâmbio imediato de ideias podem resultar no exercício da liberdade de expressão e na organização política ou submeter-se ao controle de corporações, Estados e outros agentes políticos e econômicos cuja interferência se expande no campo comunicacional, informacional e cognitivo, influenciando comportamentos e ações no território.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 18).

Os celulares *smartphones* são objetos técnicos que podemos apresentar três características importantes para a reflexão geográfica: é uma infraestrutura de

comunicação instalada nos territórios que tem origem nas redes de telefonia e integram o sistema de conexão via internet; são equipamentos de altíssima tecnologia que a partir de suas partes permitem captação de muitas características do meio (as localizações precisas de pessoas e os contextos onde elas estão) e sobre as pessoas que os possuem (comportamento, características físicas). Todas estas características são gerenciadas e manipuladas por sistemas sofisticados de gestão a partir da conversão em dados e criação de bancos de dados para uso e comercialização pela corporação proprietária destes sistemas de gestão. É um objeto técnico que faz integração entre diferentes redes de suportes e serviços e participação direta na mobilidade e nas interações espaciais. Um objeto que se faz presente em todas as instâncias da rede geográfica contemporânea.

“A combinação, em cada fração do território, de redes-suporte e redes serviço (...) gera um conjunto de possibilidades de circulação-comunicação e de uso do território em cada momento histórico. Nesse sentido, a rede geográfica é uma intervenção no espaço cujo objetivo é criar acessibilidade, ampliar a mobilidade dos agentes e facilitar as interações espaciais. A passagem dessas possibilidades de circulação e de comunicação do estado de latência para o estado de existência e sua abrangência social dependem da política, do jogo de forças sociais que envolve o Estado, as empresas e as diversas formas de organização da sociedade civil.” (CASTILLO, R. dez. 2017. p. 647).

Em “Por Uma Economia Política da Cidade” Milton Santos faz uma análise de como a cidade de São Paulo se consolida como uma metrópole internacional. Quais as condições geográficas que colocam São Paulo em uma posição central na divisão internacional do trabalho. São Paulo destaca-se por sua produtividade espacial.

“Entre as grandes cidades do mundo subdesenvolvido, é a única contígua a uma zona de produção agrícola comercial, que durante mais de um século, não parou de se adaptar à demanda do mercado (internacional e nacional), por meio de um processo contínuo de modernização que lhe permitiu adaptar-se, em cada momento histórico, às inovações produtivas que se conheciam no mundo, incluindo os transportes, as comunicações e o consumo. O esforço de integração entre o território e o mercado, que se realiza em bases nacionais, acaba por beneficiá-la. Como a própria cidade também se adaptava, material e funcionalmente ao longo deste século, às novas modernidades, o que podemos chamar de *produtividade espacial* atinge, cada vez mais, um índice elevado, indutor do processo de terceirização que acompanha o incessante desenvolvimento industrial.” (SANTOS, Milton. 2009 [1994]. Por Uma Economia Política da Cidade. p. 42).

Esta condição de produtividade espacial é fundamental na compreensão de como se tornam possíveis estruturas de comando a partir de pontos específicos do espaço geográfico, tal qual a região metropolitana de São Paulo, mais especificamente o exercício de poder das empresas mundiais sobre cada território que se faz presente.

Assim, trata-se de um processo que se consolida hierarquicamente, com seletividade de circulação e acesso de tipos diferentes de informações, com algumas metrópoles como centros de administração, controle e de tomada de decisões.

“Nenhuma cidade, além da metrópole, ‘chega’ a outra cidade com a mesma celeridade. Nenhuma dispõe da mesma quantidade e qualidade de informações que a metrópole. Informações virtualmente de igual valor em toda a rede urbana não são igualmente disponíveis em termos de tempo. Sua inserção no sistema mais global, de informações de que depende o seu próprio significado, depende da metrópole, na maior parte das vezes. Está aí o novo princípio da hierarquia, pela hierarquia das informações... e um novo obstáculo a uma inter-relação mais frutuosa entre aglomerações do mesmo nível, e, pois, uma nova realidade do sistema urbano.” (SANTOS, M. 1992. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 20).

Esta centralidade gerencial em São Paulo, por exemplo, é elemento que garante a expansão de áreas de produção e redução da arena de produção. São Paulo, assim, é uma metrópole onipresente³¹, que sua centralidade reorganiza as relações sociais, econômicas e entre os lugares.

“São Paulo hoje está presente em todos os pontos do território informatizado brasileiro, ao mesmo tempo e imediatamente, o que traz como consequência, entre outras coisas, uma espécie de segmentação vertical do mercado enquanto território e uma segmentação vertical do território enquanto mercado, na medida que os diversos agentes sociais e econômicos não utilizam o território de forma igual. Isso representa um desafio às planificações regionais, na medida que as grandes firmas que controlam a informação e a redistribuem ao seu talante, têm um papel entrópico em relação às

31 “Agora, São Paulo passa a ser a área polar do Brasil, não mais propriamente pela importância de sua indústria, mas pelo fato de ser capaz de produzir, coletar, classificar informações, próprias e dos outros, e distribuí-las e administrá-las de acordo com seus próprios interesses. Esse é um fenômeno novo na geografia e na urbanização do Brasil. Esta nova qualidade do papel de comando da metrópole paulistana provoca um distanciamento maior entre São Paulo e Rio de Janeiro, uma maior divisão territorial do trabalho, não só ao nível do Sudeste, mas de todo o Brasil. São Paulo destaca-se como uma metrópole onipresente no território brasileiro. (SANTOS, M. 1992. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 18).

demais áreas e somente elas podem realizar a negação da entropia. O espaço é assim desorganizado e reorganizado a partir dos mesmos polos dinâmicos. O fato de que a força nova das grandes firmas, neste período científico-técnico, traga como consequência uma segmentação vertical do território supõe que se redescubram mecanismos capazes de levar a uma nova horizontalização das relações, que esteja não apenas ao serviço do econômico, mas também do social. (SANTOS, M. 1992. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 21).

As informações integram o meio geográfico e o constitui; o meio técnico-científico-informacional é a condição do espaço geográfico hoje sob as condições de um capitalismo cada vez mais científico e de evolução técnica acelerada.

“Podemos então falar de uma cientificização e de uma tecnificação da paisagem. Por outro lado, a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação” (SANTOS, Milton. 2017. p. 239).

O sentido que se estabelece a partir dos celulares de tipo *smartphone* é a regulação cada vez maior da vida humana e do território. Um controle a partir das condições objetivas da vida em conjunto com todas as relações sociais e das percepções individuais. Uma observação científica de precisão das fontes produtoras de informações, de como são produzidas, onde e quem. São mudanças nas composições técnica e orgânica do território.

“(…) Isso traz, em consequência, mudanças importantes, de um lado, na composição técnica do território e, de outro lado, na composição orgânica do território, graças à cibernética, às biotecnologias, às novas químicas, à informática e à eletrônica. Isso se dá de forma paralela à cientificação do trabalho. O trabalho torna-se cada vez mais trabalho científico e se dá também, em paralelo, a uma informatização do território. Pode-se dizer, mesmo, que o território informatiza-se mais, e mais depressa, que a economia ou que a sociedade. Sem dúvida, tudo se informatiza, mas no território esse fenômeno é ainda mais marcante na medida em que o trato do território supõe o uso da informação, que está presente também nos objetos.” (SANTOS, M. 1992. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 12.).

A informação é uma parte fundamental das relações humanas e das condições objetivas. É uma forma de regulação da vida se dá a partir dos detentores das técnicas e dos objetos técnicos de administração e manipulação das informações. O que hoje alcança os limites ontológicos, do que é o ser humano e o espaço geográfico. Em poucas palavras, trata-se de um processo de captação, interpretação e manipulação do uso do território. Apropriação de atividades e capacidades humanas para eficiência de produtividade e de consumo, evitar movimentações sociais inconvenientes aos lucros. É uma condição em que as “vocações” simbólicas e mercantis dos objetos se fundem.

“Os objetos geográficos, cujo conjunto nos dá a configuração territorial e nos define o próprio território, são, cada dia que passa, mais carregados de informação. E a diferenciação entre eles é tanto a da informação necessária a trabalhá-los, mas também a diferenciação da informação que eles próprios contêm, pela sua própria realidade física.

O fato de que os objetos criados pelas atividades hegemônicas sejam dotados de intencionalidade específica, o que não era obrigatoriamente um fato nos períodos históricos anteriores, faz com que o número de fluxos sobre o território se multiplique também.

Juntemos a esse um outro dado: da totalidade dos objetos surgidos, alguns têm uma vocação simbólica, mas a maior parte tem uma vocação mercantil, de modo que tanto mais especulativa é a especialização das funções produtivas, tanto mais alto o nível do capitalismo e dos capitais envolvidos naquela área, e há correlativamente, tendência a fluxos mais numerosos e qualitativamente diferentes. (SANTOS, M. 1992. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 12.).

A expansão da área de produção e a redução da arena de produção é uma fundamentação para compreensão da difusão dos sistemas de trocas de mensagens e maior acesso a crédito no território brasileiro. Uma expansão das possibilidades de produção em áreas maiores e mais distantes simultaneamente que os processos e decisões de produção se realizam em áreas cada vez menores se viabiliza com a informatização do território.

“Essa é uma tendência facilmente assinalável no território brasileiro. Ela é tornada factível, em boa parte, pela possibilidade agora aberta à difusão das mensagens e ordens em todo o território nacional. A creditização do território, a dispersão de uma produção altamente produtiva, não seriam possíveis sem a informatização do espaço brasileiro. O território é, hoje, possível de ser usado, com o conhecimento simultâneo das ações empreendidas nos diversos

lugares, por mais distantes que eles estejam. Isso permite, também, a implantação de sistemas de cooperação bem mais largos, amplos e profundos, agora associados mais estreitamente a motores econômicos de ordem não apenas nacional, mas também internacional.” (SANTOS, M. 1992. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 12.).

Neste sentido, permite-se conhecer o território de forma mais precisa em seus recursos e seus usos, o que permite expansão de cooperação de produção em ordem nacional e mundial e conseqüentemente uma extração de mais-valia mundial.

“Podemos notar a indissociabilidade entre o fenômeno da urbanização e o meio técnico-científico-informacional num território das dimensões do Brasil, onde a comunicação e conexão entre os pontos, fundamental e estratégica, sempre foi difícil por ter sido tradicionalmente centralizada. O advento do smartphone e a banalização de seu uso transformaram as interações a partir do momento em que um número crescente de pessoas passou a se comunicar. A capilarização das informações deu nova dinâmica de funcionamento à sociedade, e ainda não há resposta a fenômenos e eventos que estão em andamento.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 22).

Os celulares transformam profundamente as práticas sociais, as informações assumem uma centralidade na vida cotidiana das pessoas, os conteúdos editoriais se digitalizam e passam a integrar a circulação de mensagens eletrônicas. O conteúdo dos livros passam a integrar a circulação banal das informações entre as pessoas. E estas se tornam objetivo de apropriação para que se tornem informações produtivas, a partir dos comportamentos e das capacidades cognitivas das pessoas. Esta transformação no acesso às informações transformam os livros como suportes de informações, o que transforma os locais onde os conteúdos editoriais são produzidos e organizados. Especialmente as bibliotecas, que são pontos no território que historicamente sempre promoveram interações espaciais tem que se adequarem a estas novas interações sociais.

3.1 - Interações Espaciais: bibliotecas, livros e tecnologias da informação

“As interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço. No que se refere à existência e reprodução social, as interações espaciais refletem as diferenças de

lugares face às necessidades historicamente identificadas. No que concerne às transformações, as interações espaciais caracterizam-se, preponderantemente, por uma assimetria, isto é, por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento de outro, ampliando as diferenças já existentes, isto é, transformando os lugares. (CORRÊA, L. R. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 280).

A aceleração no fluxo de informações apontou os limites da capacidade de circulação dos livros, com consequências em todos os aspectos. Desde a circulação propriamente dita, como o tempo que um título leva para chegar a diferentes pontos do território, os custos envolvidos nesta operação logística e que tipo de conteúdo precisa (ou se espera) que estejam disponíveis em cada ponto do território e que sejam relevantes para as relações sociais existentes (o que inclui a educação), para os interesses vigentes na divisão do trabalho nestes lugares e a sua interação espacial com outros pontos e economia global. Por interação espacial, citamos Roberto Lobato Corrêa:

“As interações sociais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades.

As migrações em suas diversas formas (definitivas, sazonais, pendulares, etc.), as importações e exportações entre países, a circulação de mercadorias entre fábricas e lojas, o deslocamento de consumidores aos centros de compras, a visita a parentes e amigos, a ida ao culto religioso, praia ou cinema, o fluir de informações destinadas ao consumo de massa ou entre unidades de uma mesma empresa são, entre outros, exemplos correntes de interações espaciais em que de uma forma ou de outra, estamos todos envolvidos.” (CORRÊA, L. R. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279).

O livro encontra este limite de capacidade de circulação e acesso porque as informações integram a divisão do trabalho e o uso do território, o que evidencia a fonte das informações: as capacidades humanas. A aceleração atinge a forma como as pessoas se relacionam com o Mundo. As capacidades humanas tem expressão material em objetos e estes influenciam diretamente na relação com o Mundo e com os demais entes. Os objetos são próteses e extensões do corpo e da mente. Então são elementos que estão cada vez mais presentes nas relações entre os seres e todos os entes. O livro

é um objeto portador de conteúdo, memória humana, referencial para normatizações e condutas. Portanto um objeto que há mais tempo interfere nas relações sociais, interpessoais, com os entes e o Mundo. Com o celular ocorre algo muito semelhante – e mais radical. E estamos todos envolvidos, pois as interações sociais e espaciais passam a ser observados como um contexto unificado fundamental aos interesses corporativos e às ações do Estado Nacional.

Nestas condições, o celular e os livros são do mesmo sistema de decisões e ações estratégicas.

“A circulação e a comunicação são as duas faces da mobilidade. Por serem complementares, estão presentes em todas as estratégias que os atores desencadeiam para dominar as superfícies e os pontos por meio da gestão e do controle das distâncias. Falaremos de circulação cada vez que se trate de transferência de seres e de bens *lato sensu*, enquanto reservaremos o termo ‘comunicação’ à transferência da informação. Ainda que, por mais útil que seja, essa distinção pareça ambígua, uma vez que poderá dar a entender que há apenas a circulação ou apenas a comunicação. Na realidade, em todo ‘transporte’ há circulação e comunicação simultaneamente. Os homens ou os bens que circulam são portadores de uma informação e, assim, ‘comunicam’ alguma coisa. Da mesma forma, a informação comunicada é, ao mesmo tempo, um ‘bem’ que ‘circula” (RAFFESTIN, C. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993. p. 200).

O modo como as informações circulam sobre o território são produtos de decisões estratégicas dos atores econômicos e políticos que implementam as suas redes e infraestruturas. Já são uma forma de “leitura do Mundo”. E agora visam captar e controlar as informações banais e comportamentos de pessoas e grupos sociais sobre o território. Exercícios de controle e vigilância.

“Circulação e comunicação procedem de estratégias e estão a serviço delas. Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo território. Essas redes são inseparáveis dos modos de produção dos quais asseguram a mobilidade. Como sistemas sêmicos materiais, surgem de uma ‘leitura’ ideológica em vários níveis: enquanto são traçadas, enquanto são construídas e enquanto são utilizadas ou, se preferirmos, ‘consumidas’. Desenho, construção e utilização de uma rede dependem dos meios à disposição (energia e informação), dos códigos técnicos, sociopolíticos e socioeconômicos, assim como dos objetivos dos atores” (RAFFESTIN, C. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993. p. 204).

A circulação das informações via smartphones reflete a instantaneidade e a simultaneidade de administração de dados e informações; a circulação dos livros impressos como sinônimo de circulação de conteúdo editorial está no âmbito da circulação de pessoas e mercadorias sobre o território³². Trata-se de uma realidade em que as informações que são produzidas e utilizadas pelas pessoas se tornam objeto de análise e extração produtiva por corporações e Estados. Os livros não estão alheios a esta realidade. A circulação do conteúdo editorial se insere na dinâmica de produção e de uso do território do meio técnico-científico-informacional. A produção e circulação dos livros não podem se restringir ao impresso sem, contudo, abrir mão deste formato pois bibliotecas são objetos geográficos que permitem gestão local e autônoma das informações e os livros físicos em bibliotecas e livrarias são meios de fixação de informações (os conteúdos editoriais) no território e mais especificamente nos lugares onde estão instaladas.

Livros e celulares são realidades de produção econômica e histórico de penetração no território brasileiro completamente diferentes. Formam redes de infraestruturas absolutamente díspares e com intencionalidades de uso do território a princípio também absolutamente díspares. Livros se tornaram um modo específico de circulação de informações em um meio geográfico que é cada vez mais pleno em conteúdos científicos, técnicos e que exigem trocas de informações em tempo real. Os livros estão cada vez mais associados à formação das pessoas, desde o convívio e hábitos familiares até a educação formal. Se “afastam” do processo de circulação cotidiano acelerado de informações. Os celulares são partícipes diretos de consolidação deste processo de trocas em tempo real de informações e deste mesmo meio. O livro, mais uma vez, atravessa uma transformação profunda da divisão internacional do trabalho e permanecerá. Muito mais por ser uma forma de expressão das capacidades humanas (i.e. trabalho) em forma de conteúdo, memória e recurso de formação; não necessariamente em materialidades específicas.

32 “A superação do espaço pelo tempo, que progressivamente se torna mais crucial à medida que o capitalismo se firma, demandando a aceleração do ciclo de reprodução do capital, alcança novos e sucessivos patamares que rapidamente são ultrapassados a partir de novos e mais eficientes meios de circulação e comunicação. A instantaneidade e a simultaneidade que hoje se conhece no âmbito da circulação de informações, mas não no que se refere às mercadorias e pessoas, é o resultado desse progresso técnico motivado pela demanda de comunicação das grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas.” (CORRÊA, L. R. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 284).

O que existe em comum entre livros e celulares é o espaço banal. A importância que cada um deles possui na vida do território e as interações espaciais que se estabelecem de forma direta e indireta, quais sentidos e interesses atendem. Este espaço banal³³, que é o da produção e circulação das informações banais, é também o da circulação das informações produtivas. Toda esta dinâmica espacial, do banal, do produtivo e suas localizações, são a base objetiva para o que já desponta como *idades inteligentes*. Os fixos, os objetos geográficos, as pessoas, as atividades produtivas e as cotidianas banais e os objetos serão cada vez mais integrados a uma mesma (e talvez unificada) estrutura de circulação de informações, com coleta de dados padronizada e centralizada. Existe um interesse direto sobre a diversidade socioespacial. E com os livros não será diferente.

“Durante muito tempo, a metrópole foi definida, nos países subdesenvolvidos pelo menos, como o lugar em que se concentravam os recursos da nação e a densidade capitalista era mais alta. (...) Hoje, graças ao fenômeno das redes e à difusão da modernidade no território, sabemos que o capital novo se difunde mais largamente, mais profundamente, e mais rapidamente, no campo do que na cidade. E nesta, o próprio meio ambiente construído frequentemente constitui um obstáculo à difusão dos capitais novos. Graças à sua configuração geográfica, a cidade, sobretudo a grande, aparece como diversidade socioespacial a comparar vantajosamente com a biodiversidade hoje tão prezada pelo movimento ecológico. Palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos, ela pode atrair e acolher multidões de pobres expulsos do campo e das cidades médias pela modernização da agricultura e dos serviços. E a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, como pelas formas de trabalho e vida. Com isso, aliás, tanto se ampliam a necessidade e as formas da divisão do trabalho, como as possibilidades e as vias da intersubjetividade e da interação. É por aí que a cidade encontra o seu caminho para o futuro.” (SANTOS. Milton. 2017 [1996]. *A Natureza do Espaço*. p. 322 e 323).

3.2 - Biblioteca como território: as relações sociais de criação de conhecimento

33 “Com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializam. Mas há lugares globais simples e lugares globais complexos. Nos primeiros apenas alguns vetores da modernidade atual se instalam. Nos lugares complexos, que geralmente coincidem com as metrópoles, há profusão de vetores: desde os que diretamente representam as lógicas hegemônicas, até os que a elas se opõem. São vetores de todas as ordens, buscando finalidades diversas, às vezes externas, mas entrelaçadas pelo espaço comum. Por isso a cidade grande é um enorme espaço banal, o mais significativo dos lugares. Todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. Nos tempos de hoje, a cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir.” (SANTOS. Milton. 2017 [1996]. *A Natureza do Espaço*. p. 322).

“Claro, se você pensar em termos de artefatos, terá dificuldades porque eles estão se transformando diante de seus olhos.”³⁴ (LANKES, R. David. 2011. *The Atlas of New Librarianship*. MIT Press. p. 43).

As bibliotecas são objetos técnicos cujas funções são o acesso sistemático à informação, à memória em todas as escalas e suporte ao conhecimento, especialmente se atreladas a centros de ensino (escolas e universidades) e comunitários. Em outras palavras, são fixos que dão oportunidades de organização e sistematização dos fluxos de informações, comunicacionais (acesso a redes) e de conhecimento fundamentalmente em âmbito local, onde cada biblioteca é organizada.

As relações sociais são as bases radicais da circulação e utilização das informações, o que se transforma na sociedade também se transforma nos lugares e no território. As relações sociais são a razão de existência dos objetos, mudanças sociais implicam imediatamente mudanças nas relações com os objetos, seja a partir de inovações tecnológicas nos modos de produção, seja nos modos como antigos e novíssimos objetos são apropriados na sociedade.

O livro é um dos objetos que há mais tempo diz respeito ao Ser dos seres humanos. Armazenar, organizar e garantir acesso aos livros gerou a necessidade de locais específicos para estas atividades, que vão desde salas dedicadas aos livros dentro de instituições até pontos construídos especificamente para tais funções em comunidades e nas cidades. As bibliotecas são objetos geográficos que garantem o acesso às informações.

Por muito tempo foram a partir da organização sistemática de livros e periódicos em formato impresso, atividade muito especializada que refletia diretamente o tipo de acesso às informações que cada pessoa e grupo social possuem em cada momento da História. Papéis sociais que as pessoas exerciam na sociedade de cada local definem o tipo de acesso aos livros, que tipo de conteúdo podem ser acessados por quem; as informações possuem limitações sociais de acesso a diferentes tipos de pessoas.

34 Tradução livre de: “Of course, if you do think in terms of artifacts, you are going to have a hard time because they are transforming before your very eyes.” (LANKES, R. David. 2011. *The Atlas of New Librarianship*. MIT Press. p. 43).

Há uma mudança de percepção sobre as bibliotecas, que se volta mais aos profissionais bibliotecários (agora chamados de profissionais da informação) do que necessariamente a biblioteca como uma instituição que se fixa no território. Em um sentido, é um retorno às relações sociais que fundamentam as informações e que estabelecem diferentes contextualizações nos lugares onde há circulação de informações.

São diferentes condições de uma mesma instância social; a partir da instituição biblioteca, seus profissionais e de suas condições materiais estabelecidas; entre um local que se organiza e guarda materiais e pessoas habilitadas para auxiliar a comunidade a organizarem informações que necessitam. Uma mudança de relações, de um mundo centrado nos artefatos para um outro de acessos, que exige condições de acesso ao conhecimento, e compreensão de totalidade do Mundo. Como são mudanças fundamentadas nas transformações das relações sociais, uma instituição tal qual a biblioteca e seus profissionais responsáveis devem lidar com suportes das informações e condições de acesso a elas que extrapolam coleções. Assim, trabalhar com as condições de compreensão e de interação com o Mundo.

A biblioteca como espaço de possibilidades, a partir dos quais os materiais (recursos tecnológicos, tal qual o livro) nela existentes atendem a intencionalidades presentes e o maior número possível de possibilidades de acesso às informações e relações sociais.

Biblioteca como um objeto geográfico que tem objetivo de organizar comportamentos e estímulo ao aprendizado, com diferentes tipos de artefatos de todos os tipos. O livro não é a condição material fundamental da biblioteca quando se observa as relações sociais do processo de aquisição e sistematização de informações sob o aprendizado. O fundamento é o aprimoramento das capacidades do ser humano na sua relação com o Mundo, o Ser-Aí no Mundo. Esse aprimoramento se dá por relações sociais e com a materialidade do mundo, o que inclui os artefatos. E o livro é apenas um tipo destes artefatos, precisa ser compreendido como um entre tantos que também são produtos da objetividade humana e se fazem presente na relação do Ser com o Mundo. Os artefatos são Entes. Da mesma forma que a leitura e a escrita são comportamentos, a

biblioteca precisa ser espaço de exercício de mais comportamentos que também são elementos das capacidades humanas, portanto, informacionais.

“A nobreza da biblioteconomia é conquistada todos os dias pela ação dedicada de milhares de pessoas ao redor do globo. Essa nobreza é encontrada em inspirar alguém a ler, em ajudar alguém a encontrar um emprego, em conectar uma esposa abusada ao serviço social para salvar sua vida e em um café na Filadélfia na biblioteca central com pessoal dedicado na transição da situação de sem-teto para o trabalho. A nobreza da biblioteconomia é encontrada nas escolas onde os especialistas em mídia bibliotecária preparam nosso futuro nas crianças que ensinam. É o bibliotecário do governo que preserva a liberdade nos corredores do poder político. A nobreza dos bibliotecários pode ser vista nos escritórios corporativos, hospitais, escritórios de advocacia, departamentos de transporte e faculdades em todo o mundo. Embora tenha sido encoberto por um ar de serviço e escondido atrás de estereótipos pitorescos e românticos, é hora de essa nobreza brilhar e ser colocada em foco para nossas comunidades.”³⁵ (LANKES, R. David. 2011. The Atlas of New Librarianship. MIT Press. p. 2).

A credibilidade de fontes de informações sai do escopo do especialista em uma área para um processo de curadoria, vários tipos de fontes materiais e da relação entre especialistas e argumentos. A biblioteca ser um local de convergências dos fatos e elementos presentes no mundo, sob a organização do profissional que oriente as possibilidades e correlações: o bibliotecário.

Sobre as instituições serem referenciais para as empresas de tecnologia da informação, diferentes teorias são utilizadas para entender qual é o papel do profissional de biblioteconomia junto ao público frequentador de uma biblioteca. Como um profissional de acesso às informações estabelece relações com o público que frequenta uma biblioteca. E deste público, como este profissional estabelece comunicação com indivíduos e grupos e alcance o objetivo de orientá-las na construção de conhecimento.

35 “The nobility of librarianship is earned every day by the dedicated action of thousands of individuals around the globe. That nobility is found in inspiring someone to read, in helping someone find a job, in connecting an abused wife to social services to save her life, and in a Philadelphia café at the central library staffed by dedicated personnel in transition from homelessness to work. The nobility of librarianship is found in schools where library media specialists prepare our future in the children they teach. It is in the government librarian who preserves freedom in the halls of political power. The nobility of librarians can be seen in the corporate offices, hospitals, law firms, departments of transportation, and colleges throughout the world. Although it has been cloaked in an air of service and hidden away behind quaint and romantic stereotypes, it is time for that nobility to shine and to be brought into clear focus for our communities. (LANKES, R. David. 2011. The Atlas of New Librarianship. MIT Press. p. 2).

Os recursos de catalogações de materiais em uma biblioteca, as formas de busca por temas e assuntos específicos nela e as técnicas de acesso a elas são inspirações para empresas tais como Google e Amazon. Catalogação (metadados e dados), sistemas de identificação de temas e assuntos, organização física de materiais (logística, o que exige análise territorial) formam um sistema que as informações são cruciais em cada etapa e exigem níveis de detalhamento de suas operações cada vez mais precisas em tempo real. Os sistemas de catalogação de dados e informações, localização física exata e geográfica, análises de conjuntura dos dados coletados, planejamento das possibilidades de ocorrência e implementação de ações agora extrapolam os limites dos livros no que diz respeito à escrita, leitura e todas as relações sociais possíveis a partir delas (educação formal, relações familiares, etc.) e alcançam a vida objetiva de cada lugar e trazem maior racionalidade sobre o território.

Uma outra faceta da ideologia de “liberdade de expressão” a partir de artefatos informacionais é o processo que práticas da vida, as ações individuais e sociais, a expressão dos sentimentos e reflexões se tornam objeto de análise científica e conversão a metodologias de pesquisa. Comportamentos são convertidos em linguagens específicas e de lógica integrada (no sentido de metodologias compatíveis), podem ser classificadas (inclusive hierarquicamente) e então constituírem bases de dados.

Como linguagens, os comportamentos e reflexões se tornam passíveis de se observarem padrões, estabelecer históricos comportamentais associáveis aos fatos ocorridos e suas localizações. E assim constituir uma organização metodológica de procedimentos (fundamentalmente a linguagem matemática) que permite a circulação, ou integração, entre as áreas do conhecimento. Uma integração a partir de procedimentos e linguagens unívocas, ou mesmo consensuais; a ponto de formarem sistemas que integram as mais diferentes áreas do conhecimento e de operacionalização. O que atende diretamente a uma realidade de divisão do trabalho cada vez mais integrada mundialmente.

As informações precisam circular em estruturas intercambiáveis e confiáveis, em estruturas que sigam padrões e especificidades. O que dá mais condições materiais e objetivas para compreensão de um pensamento único.

“O papel que a linguagem desempenha em tais sistemas é apenas parte da imagem - esses sites permitem que o membro crie um

espaço de aprendizagem na web. No entanto, a linguagem é uma parte vital. Veja, a linguagem não é apenas um simples ato de aplicar um rótulo a uma coisa ou conceito. Em vez disso, a linguagem molda e é moldada por processos cognitivos profundos que, em última análise, moldam o mundo ao nosso redor.” (p. 39).

“Os bibliotecários devem construir sistemas que entendam que a linguagem não são rótulos, mas sim individualidade e compreensão”³⁶ (LANKES, R. David. 2011. *The Atlas of New Librarianship*. MIT Press. p. 39).

Acordos, concordâncias, aceitações como elementos sociais de centralização metodológica de linguagens, interpretações e sistematização da circulação das informações.

Observa-se uma mudança de paradigma nas técnicas de administração e distribuição de informações sobre o território. Passa-se do contexto de reunião de resultados de busca a partir dos conhecimentos já consolidados, no sentido de trabalhos concluídos, para um contexto de criação de condições para que se construa um conhecimento a respeito de um tema. De um contexto de coleta de resultados prontos existentes para um contexto de apoio à criação de conhecimento – e assim permite a coleta de todos os passos deste processo de criação. Em poucas palavras, um paradigma de observação dos processos sociais e das relações sociais de construção do conhecimento, tanto por parte de uma coletividade quanto da parte de indivíduos.

“Biblioteconomia não é sobre artefatos, é sobre conhecimento e facilitar a criação de conhecimento. Então, em que devemos gastar nossos preciosos recursos? Ferramentas de criação de conhecimento, não os resultados da criação de conhecimento.

(...)

Trata-se de dizer que são ferramentas, e as ferramentas têm um propósito. Como bibliotecário, você deve estar aberto a todas as ferramentas que auxiliam os membros em seu processo de criação de conhecimento; você não deve começar com o que você tem e comercializá-lo para caber. É no sucesso do membro e no aumento do conhecimento de nossas comunidades que devemos definir o sucesso, não na quantidade de coisas que coletamos. Se sua comunidade precisa de um workshop, crie um workshop, não uma coleção de livros sobre como construir workshops.

36 “The role that language plays in such systems is only part of the picture—these sites ultimately allow for the member to create a learning space on the web. However, language is a vital part. You see, language is not just a simple act of applying a label to a thing or concept. Instead, language shapes and is shaped by deep cognitive processes that ultimately shape the world around us.” (p. 39).

“(…) Librarians must build systems that understand that language is not labels but rather individuality and understanding. (LANKES, R. David. 2011. *The Atlas of New Librarianship*. MIT Press. p.39)”.

(...)

Pare de pensar em termos de recursos. Pare de pensar em termos de conhecimento registrado. Pare de pensar em termos de coleções ou artefatos, tradições ou circulação! Pense apenas no conhecimento da comunidade. Essa é a sua coleção!”³⁷ (LANKES, R. David. 2011. *The Atlas of New Librarianship*. MIT Press.p. 41).

Os objetos sempre tiveram conteúdo informacional pois são produtos das capacidades humanas, ainda que restrito à interpretação do que existe no Mundo (a Natureza). Tornaram-se “coisas” com a alienação e mais-valia, perderam sentido de serem íntegros produtos do trabalho de cada ser humano, mas “retornam” como coisas do consumo e, assim, reestabelecem seus vínculos – deturpados – com as pessoas e o conteúdo informacional das coisas (no sentido de tudo que existe na materialidade do Mundo) se torna objeto da análise científica, de serem implementadas técnicas e serem implantadas nelas condições de captação de dados, estes serem interpretados, terem seus conteúdos como informação ainda mais detalhados e passíveis de manipulação sob intencionalidades de quem tem condições econômicas e políticas de o fazerem. Que podem ser desde quem contrata serviços de manipulação das informações e comportamentos (editoras por exemplo), grandes corporações para implementar suas atividades nos lugares e territórios e mesmo os Estados Nacionais, caso tenham competência para tanto, em associação geopolítica com sócios econômicos.

37 “Librarianship is not about artifacts, it is about knowledge and facilitating knowledge creation. So what should we be spending our precious resources on? Knowledge creation tools, not the results of knowledge creation. (...) It is about saying they are tools, and tools fit a purpose. As a librarian, you must be open to all tools that aid members in their knowledge creation process; you should not start with what you have and market it to fit. It is in the member’s success and the increased knowledge of our communities that we must define success, not in the amount of stuff we collect. If your community needs a workshop, build a workshop, not a collection of books about building workshops. (...) Stop thinking in terms of resources. Stop thinking in terms of recorded knowledge. Stop thinking in terms of collections or artifacts, or traditions, or circulation! Think only of knowledge in the community. That is your collection! (LANKES, R. David. 2011. *The Atlas of New Librarianship*. MIT Press.p. 41).

Capítulo 4 - Dispositivos informacionais, leitura do mundo e o território: o que são os livros hoje.

“Dispositivos automáticos, capazes de prodigiosa produtividade, substituem a antiga escassez pela abundância, isto quaisquer que sejam a população e as suas necessidades e desejos. Comunidades libertadas de todas as antigas limitações dos modos de vida comunitários dominam essas forças produtivas (restituindo-as assim ao uso). Em que quadro? Num quadro urbano que por sua vez se libertou das limitações e demarcações inerentes ao que foi ‘a cidade’”.(LEFEBVRE, Henri. O Pensamento Marxista e a Cidade. p. 74).

As instituições sociais são fontes de dados comportamentais para as grandes corporações de tecnologia da informação, como estruturas de organização social e condicionantes da leitura do mundo. A interpretação das informações e a sistematização das atividades humanas em dados dão origem e fundamentam padrões de análise matemática das pessoas, dos grupos sociais, em conjunto com as condições tecnológicas e científicas de observação das condições físicas de um lugar. A utilização dos objetos em contextos sociais, econômicos e culturais mais amplos dão as condições de compreender como o meio técnico-científico-informacional transforma não apenas as atividades e ações humanas, mas estabelece concorrência entre elas. A visão é o sentido humano que fundamenta praticamente todas as atividades humanas. E por séculos a leitura (consequentemente a escrita) assumiu uma centralidade da relação dos Seres com o Mundo. Tornou-se a Leitura do Mundo.

Essa leitura do mundo consolidou-se como fundamento da ciência moderna quando estabeleceu o “ponto de vista”, o referencial de observação empírica de fenômenos a partir da visão como elemento de verificação de hipóteses e construção de conhecimento. A escrita assumiu junto com a leitura posição central na sociedade ocidental. Os livros são objetos importantes no registro das ações humanas: como memória, organização da sociedade (ex: o sistema jurídico), do conhecimento e como circulação de todas elas.

As inovações tecnológicas estão intimamente relacionadas com as transformações dos meios de produção e da sociedade. A solidariedade entre técnicas, sistemas de engenharia, das condições econômicas e sociais formam os sistemas técnicos e

estruturam as condições socioespaciais de um período³⁸. A leitura e escrita são as bases para todos os sistemas técnicos conhecidos e ao longo do tempo as inovações tecnológicas reestabeleceram a integração com os demais sentidos humanos. O desenvolvimento do rádio deu-se junto com as inovações em transportes. A expansão, respectiva, de circulação de dinheiro, documentos e informações se deu junto com o telégrafo, telefone e mais adiante no tempo com o satélite; permitiu a integração do planeta, em seus pontos mais distantes, em um sistema de telecomunicações. O rádio e a televisão desenvolveram-se ao longo do processo de industrialização. Como um sistema técnico, o das telecomunicações, transformaram a percepção sobre o Mundo em todos os aspectos; desde as relações sociais mais próximas às instituições.

“Vivemos a era da inovação galopante (...). A rapidez com que geograficamente se difundem as tecnologias do presente período mostra-se ainda maior quando a comparamos com que o mundo conheceu na fase anterior. Era, então um processo gradual de difusão, enquanto em nossos dias esse processo é brutal. Paralelamente, as novas tecnologias envolvem muito mais gente e colonizam muito mais áreas” (SANTOS. Milton. 2017. Natureza do Espaço. p. 179).

Novos sistemas técnicos se instalam nos lugares, impõem suas condições e intencionalidades. Transformam os territórios. São sistemas invasores e encontram seus limites – nos mesmos territórios que invadem.

“Se os atuais sistemas técnicos são invasores, sua capacidade de invasão tem limites. Esses limites são dados pela divisão do trabalho e pelas condições de criação de densidade. Quanto mais forte, numa área, é a divisão do trabalho, tanto mais há tendência para que esses sistemas técnicos hegemônicos se instalem. Nesses lugares, é mais eficaz a ação dos motores da economia mundializada, que incluem as instituições supranacionais, as empresas e bancos multinacionais. E a densidade – já notavam Marx e Durkheim – é um fator de divisão do trabalho, pois facilita a cooperação”. (SANTOS. Milton. 2017. Natureza do Espaço. p. 179).

Trata-se do debate sobre o que é o livro no meio técnico-científico-informacional, as mudanças radicais que as formas de se produzir e acessar conteúdos editoriais sob as

38 “A vida das técnicas é sistêmica e sua evolução também o é. Conjuntos de técnicas aparecem em um dado momento, mantêm-se como hegemônicos durante um certo período, constituindo a base material da vida da sociedade, até que outro sistema de técnicas tome o lugar. É essa a lógica de sua existência e de sua evolução. O primeiro sistema técnico durou quase um século. O seguinte foi menos longevo. A estabilidade encontrada é, pois, relativa e precária. De fato, cada etapa vencida no progresso técnico supõe a produção paralela de novas rigidezas, levando a novas disfunções e à emergência de novas invenções que, por sua vez, são erigidas em sistema.” (SANTOS. Milton. 2017 [1996]. Natureza do Espaço. p. 176).

intencionalidades que se impõem a partir do uso das tecnologias da informação em todos os âmbitos da vida social e do espaço geográfico. A presença cada vez maior de equipamentos de medição, monitoramento e controle tanto de produção quanto das relações e comportamentos estabelecem um paradigma de controle das consciências, da forma como setores muito específicos da sociedade impõem qual deve ser a formação, a experiência e a leitura que as pessoas devem ter do Mundo. Trata-se da transformação do Ser-Aí, da relação dos entes com os demais entes, das pessoas com a sociedade, da sociedade com as pessoas, como estas relações todas constituem o Território e determinam o seu uso. Em uma perspectiva, o esforço de análise do livro no meio técnico-científico-informacional nos obriga a ocuparmos com o que é considerado “informação” e “conhecimento” na sociedade.

Cabe, aqui, mais uma “provocação” à reflexão de Vilém Flusser quando discorre sobre as imagens técnicas, que segundo ele são imagens produzidas por aparelhos.

“Trata-se de imagem produzida por aparelhos. Aparelhos são produzidos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado. Imagens técnicas são, portanto, produtos indiretos de textos – o que lhes confere posição histórica e ontológica diferentes das imagens tradicionais. Historicamente, as imagens tradicionais precedem os textos, por milhares de anos, e as imagens técnicas sucedem aos textos altamente evoluídos. Ontologicamente, a imagem tradicional é abstração de primeiro grau: abstrai duas dimensões do fenômeno concreto; a imagem técnica é abstração de terceiro grau: abstrai uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos (abstração de segundo grau); depois, reconstituem a dimensão abstraída, a fim de resultar novamente em imagem. Historicamente, as imagens tradicionais são pré-históricas. Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. Essa posição das imagens técnicas é decisiva para seu deciframento” (FLUSSER. 2011. Filosofia da Caixa Preta. p. 23 e 24).

Esta percepção de imagem técnica como imagem produzida por aparelhos permite observar as intencionalidades existentes nos aparatos tecnológicos de captação de dados da realidade e que estão cada vez mais difundidos pelo espaço geográfico. São meios objetivos que, na reflexão que Flusser instiga, revelam como os detentores destes aparatos concebem o mundo e o que imaginam (em sentido de projeção ou planejamento) para o mundo.

É preciso retomar a questão suscitada por Marx nos *Manuscritos* sobre comportamento efetivo dos trabalhadores e comportamento teórico dos não trabalhadores. No caso observar como comportamento efetivo das pessoas em sociedade e em todas as suas relações sociais; e comportamento teórico o das empresas que estruturam suas atividades a partir do setor de quantificação social.

4.1 - “Setor de Quantificação Social”: sistema de controle e indutor de normas.

“Ao longo da história, as trocas entre grupos e, sobretudo, as desiguais, acaba por impor a certos grupos as técnicas de outros. Entre aceitação dócil ou reticente, entre imposição brutal ou dissimulada, a escolha é, entretanto, inevitável. É assim que conjuntos inteiros ou pedaços de técnicas se incorporam a outros pedaços mudando-lhes os antigos equilíbrios e acrescentando elementos externos às histórias até então autônomas. (...) Daí por diante, o movimento *local* das técnicas deixa de ser apenas horizontal, antropológico, e recebe uma influência, um componente vertical, incluindo o lugar numa história técnica e social mais abrangente” (SANTOS. 2017. Natureza do Espaço. p. 190).

O capitalismo se expande ao longo da história a partir de trocas comerciais entre os mais distantes pontos do planeta, da expansão da circulação entre continentes, ultrapassar oceanos e superar limites físicos antes intransponíveis. Apesar de ocorrerem processos de composições, misturas e mesmo assimilações, trata-se de um processo invasor, as técnicas particulares em contato se contaminam e altera-se os modos de se fazer e de ser³⁹. O contato cada vez maior entre os grupos humanos estabelece uma redução do número de sistemas técnicos e o uso intensivo dos que se sobrepõem ou se integram a estes.

“Tais invasões, misturas e composições acabam por reduzir o número de sistemas técnicos. E a cada novo movimento, consagrando fusões, supressões e integrações, o estoque de sistemas técnicos fica menor, na medida em que as trocas entre grupos se intensificam e se ampliam geograficamente, envolvendo um número crescente de sociedades e territórios” (SANTOS. 2017. Natureza do Espaço. p. 190).

O final do século XIX é marcado por inovações tecnológicas que transformam profundamente os sistemas técnicos e que também transformam a vida social como um todo. Um marco tecnológico crucial deste período é a ascensão da eletricidade como

39 “A partir do século XVI, com a expansão do capitalismo, cria-se a possibilidade de trocas intercontinentais e transoceânicas, de plantas, de animais e de homens, com seus modos de fazer e de ser. As técnicas particulares tendem a se contaminar mutuamente” (SANTOS. 2014. Natureza do Espaço. p. 190 e 191).

sistema técnico e que transforma não apenas as infraestruturas mas também a vida cotidiana. São inovações que se dão no contexto do imperialismo colonial das potências europeias e seus limites. Os mercados ainda eram nacionais e a concorrência comercial era um meio de compensação entre sistemas técnicos nacionais. Era um período que a concorrência se dava em âmbito comercial e não nas condições objetivas de produção e inovação tecnológica. A Segunda Guerra Mundial marca o final dos impérios coloniais, portanto as limitações comerciais perdem centralidade e ampliam as possibilidades de contato entre sistemas técnicos nacionais.

É também a ascensão de um novo sistema técnico que se fundamenta nas informações: as tecnologias de comunicação e administração da informação; cujas consequências sociais e filosóficas são discutidas por inúmeros autores, aqui mais especificamente por Martin Heidegger, Marshall McLuhan e Vilém Flusser.

“A morte dos impérios, que a Segunda Guerra Mundial vai precipitar, coincide com a emergência de uma técnica capaz de se universalizar. Na verdade, antes mesmo de se instalar amplamente, o novo sistema técnico ganha essa enorme vitória, jogando abaixo as únicas fronteiras que poderiam impedir sua difusão. O surgimento de numerosos Estados nacionais, a criação de organismos supranacionais, a entrada em cena da informação e do consumo como denominador comum universal, tudo isso trabalha para facilitar o triunfo das técnicas baseadas na informação e que iriam revolucionar doravante a economia e a política, antes de incluir a cultura no processo global das mudanças.” (SANTOS. 2017. Natureza do Espaço. p. 191).

O final do século XX e o início do XXI marcam a consolidação de um sistema técnico unificado, característico do Meio Técnico-Científico-Informacional e que, agora, almeja envolver radicalmente toda a cultura.

Um dos caminhos de expansão da produção no centro do sistema capitalista, que é atender as suas crescentes necessidades e garantir implementos de acumulação, é a integração econômica das antigas colônias pela força e criação de dependência⁴⁰, em

40 “A força se expressa de diferentes modos. No México, na época da conquista, o vice-rei Bernardo de Calvez encorajou a venda de bebidas alcoólicas aos índios Apaches (...). Na Índia, a Inglaterra destruiu manufaturas de algodão para monopolizar a matéria-prima e a produção de tecidos de baixo custo que ali impôs subsequentemente. Em 26 de julho de 1873, quando companhias particulares já se tinham apossado da maior parte das terras da Argélia, a Assembleia Nacional francesa aprovou uma lei institucionalizando a propriedade privada. Isto foi feito com o fim de dismantelar completamente o antigo clã comunal e ajudar a penetração do grande capital” (SANTOS. 2003 [1979]. Economia Espacial. p. 28).

uma primeira fase, garantindo assim o desenvolvimento de monopólios a partir de empresas transnacionais diretamente associadas à inovações tecnológicas⁴¹ em uma segunda fase. Existe uma profunda correlação entre ideologia, produção, consumo e controle das informações e do conhecimento.

“O sistema capitalista é bem-sucedido em estabelecer uma maquinaria eficiente para coleta de excedentes, não mais baseada na produção apenas, como na primeira fase, mas também no consumo, com seus novos modelos propagados pelos meios de comunicação de massa. Contudo, a distorção dos modelos de consumo implica a distorção da estrutura de produção e vice-versa. O processo de acumulação em uma escala mundial foi um corolário de um processo cumulativo de empobrecimento. Quando os pobres perceberam que tinham sido enganados em suas esperanças e que eram realmente os malditos da terra, o sistema teve que encontrar algo de novo a fim de se manter e continuar prosperando.” (SANTOS. 2003 [1979]. Economia Espacial. p. 29).

O processo de coleta de excedentes a partir da produção e do consumo realizado em conjunto com os modelos ideológicos propagados pelos meios de comunicação em massa são parte das condições objetivas que caracterizam o meio técnico-científico. Agora estas condições evoluíram para uma intensificação do conhecimento do Mundo e controle a partir das formas de manipulação de dados e de informações, o Meio Técnico-Científico-Informacional. Este sistema que integra produção e consumo por meio da ideologia radicaliza-se com os processos e tecnologias de análise de dados, que permitem um conhecimento cada vez mais detalhado e preciso de cada parcela deste sistema. O que Milton Santos coloca, na citação abaixo, como pobreza planejada agora inclui o fetiche por aparelhos de comunicação que interferem diretamente tanto em suas atividades cotidianas quanto em suas percepções e compreensão do Mundo.

“Chegamos agora à terceira fase que, ao contrário das outras duas, espalha-se praticamente sem lapsos cronológicos através de todo o Terceiro Mundo. De ora em diante, dever-se-á dar aos pobres a impressão, e não somente a esperança, de que estão emergindo da pobreza. Eles passarão portanto a testemunhar um aumento em termos absolutos de sua renda, isto é, de seu consumo de bens e serviços. Mas como está fora de questão reduzir as taxas de acumulação e de desigualdade, o que significa a morte do sistema, a pobreza não será eliminada, apenas mascarada. Esta nova fase no

41 “A segunda fase é marcada pelo desenvolvimento de monopólios na sua forma transnacional, sendo tanto uma consequência como uma causa do aumento da concentração do capital. A revolução tecnológica, isto é, a nova revolução científica, aparece como essencial. De fato, o sistema tira daí modos de aumentar a acumulação e, graças ao progressos na difusão de ideias, encontra os meios de impor novas ideias dominantes. Esta fase começa por volta da década de 1940, mas só mais tarde, na época de sua emancipação, atinge os países colonizados” (SANTOS. 2003 [1979]. Economia Espacial. p. 29).

processo de modernização capitalista conduzirá a uma nova forma de pobreza, a *pobreza planejada*.” (SANTOS. 2003 [1979]. Economia Espacial. p. 28).

O conhecimento assume um papel radical dentro dos modos de produção, da sociabilidade e das formas de compreensão do Mundo por parte dos grupos e dos indivíduos.

“O conhecimento exerceria assim – e fortemente – seu papel de recurso, participando do clássico processo pelo qual, no sistema capitalista, os detentores de recursos competem vantajosamente com os que deles não dispõem” (SANTOS. 2014. Natureza do Espaço. p. 243).

Um princípio ideológico se soma a este sistema de exploração capitalista: a ilusão de pertencimento como igual no sistema capitalista, a partir da “liberdade de expressão” e de “escolha”. Produção, consumo, ideologia e conhecimento do Mundo formam um novo sistema, específico do Meio Técnico-Científico-Informacional.

O contexto atual das empresas de tecnologia da informação, estratégias de *marketing* e administração de infraestruturas e também relações sociais e interpessoais correlacionadas⁴², tem uma síntese empírica na conceitualização de “setor de quantificação social”, feita por Nick Coldry e Ulisses A. Mejias, que discutiremos, aqui, como referencial normativo das ações, do uso dos objetos e interferência sobre o território⁴³. “Setor de quantificação social” permite uma observação empírica da mais-valia cognitiva nas infraestruturas de produção, a importância cada vez maior da análise nas relações sociais pelas mais diferentes empresas. De gestão de telecomunicações, recursos humanos, à logística, comércio, finanças. Na definição abaixo é totalmente pertinente incluir toda a estrutura da *Amazon*.

“Atualmente, esse setor inclui os fabricantes de dispositivos digitais por meio dos quais as pessoas se conectam. Com isso, queremos dizer não apenas marcas de mídia bem conhecidas, como Apple, Microsoft e Samsung, mas também os fabricantes menos

42 “(...) das novas possibilidades de controle do processo global da produção, a saber: controle da inovação (força produtiva científica e técnica); controle da circulação (forças produtivas da comercialização e da distribuição), e controle da gestão do capital em sua forma dinheiro (força produtiva da gestão financeira). Desde então esse mecanismo se aperfeiçoa, graças às novas técnicas da informação, levando a concentrações.” (SANTOS. 2014. Natureza do Espaço. p. 205).

43 “Em tais condições, no período atual, a ‘organização’ das ‘coisas’ passa a ser um dado fundamental. Daí a necessidade de adoção, de um lado, de objetos suscetíveis de participar dessa ordem e, de outro, de regras de ação e de comportamento a que se subordinem todos os domínios da ação instrumental” (SANTOS. 2014. Natureza do Espaço. p. 228).

conhecidos de geladeiras 'inteligentes' (ou seja, conectadas à Internet), sistemas de aquecimento e carros através dos quais nunca imaginei que nos comunicaríamos. Ainda menos imaginamos que, na rápida expansão da Internet das Coisas, tais dispositivos se comunicariam com outros dispositivos ao nosso redor. O setor também inclui os criadores de ambientes baseados em computador, plataformas e ferramentas que nos permitem conectar e usar o mundo online, incluindo nomes familiares como Alibaba, Baidu, Facebook, Google e WeChat. Há também o crescente campo de corretores de dados e organizações de processamento de dados, como Acxiom, Equifax, Palantir e TalkingData (na China) que coletam, agregam, analisam, reempacotam e vendem dados de todos os tipos, ao mesmo tempo que apoiam outras organizações em seus usos de dados. E, finalmente, o setor de quantificação social inclui o vasto domínio de organizações que dependem cada vez mais para suas funções básicas de processamento de dados da vida social, seja para customizar seus serviços (como Netflix e Spotify) ou para vincular vendedores e compradores (como Airbnb, Uber e Didi).” (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. *The Costs of Connection*. Stanford: Stanford University Press. p. xiv)⁴⁴.

Trata-se da mesma função do que os dois autores associam ao colonialismo histórico. As relações de poder que são geradas neste contexto que une poder econômico e poder cognitivo ao

“(...) adquirir recursos de grande escala dos quais se extraia valor econômico.

Se o colonialismo histórico anexou territórios, suas fontes e os corpos que trabalharam neles, a tomada de poder do colonialismo de dados é mais simples e mais profunda: a captura e o controle da própria vida humana por meio da apropriação dos dados que podem ser extraídos dela para o lucro. Se isso estiver certo, então, assim como o colonialismo histórico criou o combustível para a eventual ascensão do capitalismo industrial, o colonialismo de dados também está preparando o caminho para um capitalismo baseado na exploração de dados. A vida humana está literalmente sendo anexada ao capital.”⁴⁵ (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019.

44 Tradução livre de: “This sector currently includes the manufacturers of the digital devices through which people connect. By this we mean not just well-known media brands such as Apple, Microsoft, and Samsung but also the less-well-known manufacturers of ‘smart’ (that is, internet-connected) fridges, heating systems, and cars through which we never imagined we would communicate. Still less we imagine that, in the quickly expanding Internet of Things, such devices would communicate with other devices about us. The sector also includes the builders of the computer-based environments, platforms, and tools that enable us to connect with and use the online world, including household names such as Alibaba, Baidu, Facebook, Google, and WeChat. There is also the growing field of data brokers and data processing organizations such as Acxiom, Equifax, Palantir and TalkingData (in China) that collect, aggregate, analyze, repackage, and sell data of all sorts while also supporting other organizations in their uses of data. And, finally, the social quantification sector includes the vast domain of organizations that increasingly depend for their basic functions on processing data from social life, whether to customize their services (like Netflix and Spotify) or to link sellers and buyers (like Airbnb, Uber, and Didi).” (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. *The Costs of Connection*. Stanford: Stanford University Press. p. xiv).

The Costs of Connection. Stanford: Stanford University Press. p. x e xi).

O corpo humano e todas as relações sociais como fontes de extração de lucros.

“O corpo humano foi retrabalhado em algo que requer uma infraestrutura distante, da qual, aliás, se pode lucrar. (...) a tentativa sistemática de transformar todas as vidas e relações humanas em insumos para a geração de lucros. A experiência humana, potencialmente cada camada e aspecto dela, está se tornando o alvo de extração lucrativa.”⁴⁶ (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. The Costs of Connection. Stanford: Stanford University Press. p. x).

A fragmentação dos processos produtivos e cada vez mais geograficamente espalhados e o aprofundamento da divisão do trabalho exigem formas mais elaboradas de cooperação, reunificação de ações e controle. Agora chegam aos indivíduos em seus corpos e capacidades cognitivas.

“Através de ações normatizadas e de objetos técnicos, a regulação da economia e a regulação do território vão agora impor-se com ainda mais força, uma vez que um processo produtivo tecnicamente fragmentado e geograficamente espalhado exige uma permanente reunificação, para ser eficaz. O aprofundamento resultante da divisão do trabalho impõe formas novas e mais elaboradas de cooperação e de controle. As novas necessidades de complementariedade surgem paralelamente às necessidades de vigiá-las, acompanhá-las e regulá-las. Essas novas necessidades de regulação e controle estrito mesmo à distância constituem uma diferença entre as complementariedades do passado e as atuais” (SANTOS. 2017. Natureza do Espaço. p. 232).

O conhecimento do Mundo, como experiência do Ser-Aí no Mundo, estrutura-se como relações de poder cada vez mais radicadas (ou radicalizadas) no conhecimento do Mundo a partir da compreensão técnica dos fenômenos da superfície da Terra, da

45 “(...) to acquire large-scale resources from which economic value can be extracted. If historical colonialism annexed territories, their sources, and the bodies that worked on them, data colonialism’s power grab is both simpler and deeper: the capture and control of human life itself through appropriating the data that can be extracted from it for profit. If that is right, then just as historical colonialism created the fuel for industrial capitalism’s eventual rise, so too is data colonialism paving the way for a capitalism based on the exploitation of data. Human life is quite literally being annexed to capital.” (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. The Costs of Connection. Stanford: Stanford University Press. p. x e xi).

46 “The human body has been reworked into something that requires a distant infrastructure, from which, incidentally, profit can be made. (...) the systematic attempt to turn all human lives and relations into inputs for the generation of profit. Human experience, potentially every layer and aspect of it, is becoming the target of profitable extraction.” (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. The Costs of Connection. Stanford: Stanford University Press. p. x).

Natureza, das diferenças territoriais e agora das capacidades de cada indivíduo de conhecer o Mundo⁴⁷.

“Uma nova dinâmica de diferenciação se instala no território. Em primeiro lugar, distinguem-se zonas servidas pelos meios de conhecimento e áreas desprovidas dessa vantagem. E dentro das próprias áreas ‘conhecidas’ as empresas se distinguirão pela sua maior ou menor capacidade de utilização das informações. É possível imaginar que tal seletividade espacial e socioeconômica conduza a mudanças rápidas na divisão territorial do trabalho, com as firmas mais dotadas do ponto de vista técnico e financeiro tendendo a buscar uma localização onde o lucro potencial será mais forte, deixando o resto do território, ainda que com virtualidades naturais semelhantes, a firmas menos potentes. O mesmo raciocínio conduz a admitir que, numa mesma área assim instrumentalizada, a diferença de oportunidades entre produtores tende a aumentar rápida e brutalmente, após a instalação dos novos recursos técnico-científicos de conhecimento. Aliás, o rearranjo de atividades e do respectivo poder econômico seria duplo: na escala da área instrumentalizada e na região de que tal área é uma parte privilegiada” (SANTOS. 2017. p. 243).

A experiência do Ser-Aí no Mundo, em uma correlação com todas as possibilidades técnicas de conhecimento do Mundo por meio da ciência e da tecnologia, constituem para Coudry e Meijas uma compreensão da qualidade de vida e suas projeções possíveis futuras.

“Quando dizemos setor de quantificação social, usamos a palavra social para nos referir àquele espaço de relações e interconexões em constante mudança do qual depende a qualidade da vida humana, mas cujo significado é incessantemente contestado na luta política e cívica. Quando usamos a palavra social, não queremos dizer necessariamente uma forma bem ordenada ou bem integrada de viver juntos. Pois em questão em toda essa transformação está precisamente a qualidade de vida que os seres humanos terão juntos na nova ordem social capitalista. A captura de dados pessoais por meio de cache social⁴⁸ e seu armazenamento para uso lucrativo

47 “(...) data colonialism appropriates not only physical resources but also our very resources for *knowing* the world. This means that economic power (the power to make value) and cognitive power (the power over knowledge) converge as never before. Therefore, what is happening with data can be fully understood only against the background not just of capitalism but of the longer interrelations between capitalism and *colonialism*. The exploitation of human life for profit through data is the climax of five centuries’ worth of attempts to know, exploit, and rule the world from particular centers of power. We are entering the age not much of a new capitalism as of a new interlocking of capitalism’s and colonialism’s twinned histories and the interlocking force is data” (COULDY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. *The Costs of Connection*. Stanford: Stanford University Press. p. xii).

48 *Cache*, a princípio, é um tipo de memória dos computadores que armazena dados e instruções mais utilizados em memórias menores e de acesso mais rápido. Em inglês, a palavra pode significar “atributos”, “recursos”, “provisões” e mesmo o que não é imediatamente visível. Assim sendo entendemos, aqui, “cache social” como recursos (dados) e atributos sociais (informações) que são estipulados como constantes e que permitem um acompanhamento destes em tempo real e a qualquer lugar no espaço geográfico. Em outras palavras, são bases de

posterior – normal hoje, mas duas décadas atrás, quase impossível de imaginar – tem implicações importantes para a nossa qualidade de vida como seres humanos.”⁴⁹ (COULDRY; MEJIAS. 2019. p. xv).

A expressão “setor de quantificação social” traz uma possibilidade de análise das condições da gestão dos dados, informações e comportamento a partir das formas (materiais) das inovações tecnológicas como elementos de intervenção direta sobre o território e tornar as intervenções diretas sobre as infraestruturas já existentes e as negociações para as que serão implementadas menos evidentes. A intervenção sobre o território se dá por se inserir equipamentos e práticas que façam sentido às pessoas e assim se faça presente no cotidiano; estes equipamentos sejam incorporados ao uso do território aos poucos, mas em progressiva intervenção nas infraestruturas.

A implementação de tecnologias de captação de dados e os sistemas que os gerenciam e manipulam os comportamentos é realizada a partir de processos ideológicos de integração, em primeiro momento, a partir de equipamentos de telecomunicações. Em um outro sentido, a partir de uma infraestrutura já conhecida – as telecomunicações – estabelecer novas formas de relacionamentos em que as ações e os sentidos que elas possuem são captadas, analisadas e manipuladas conforme interesses dos responsáveis por sua instalação.

“Não mais se pode ver as formas como desprovidas da força de criar ou de determinar relacionamentos. Como um resultado de outro sistema de relações, em uma outra Temporalidade e em uma outra Totalidade – em poucas palavras, num sistema diferente de determinações –, elas tornaram-se dotadas da força de gerar novos relacionamentos.

O fato notável é que daí por diante foi possível dirigir a ação exclusivamente às formas e não mais necessariamente formas e estrutura juntas. A ação direta sobre a estrutura envolve negociações delicadas e o risco de rejeição por um governo consciente de seu perigo. Através das formas, entretanto, a estrutura socioeconômica de um país pode ser facilmente atacada” (SANTOS, Milton. 2003. [1979] Economia Espacial. p. 189 e 190).

dados que são preenchidos com atributos sociais e dados coletados em tempo real dentro das relações sociais.

49 “When we say social quantification sector, we use the word social to refer to that constantly changing space of relations and interconnections on which the quality of human life depends but whose meaning is endlessly contested in political and civic struggle. When we use the word social, we do not necessarily mean a well-ordered or well-integrated way of living together. For at issue in this whole transformation is precisely the quality of life that human beings will have together in the new capitalist social order. The capture of personal data through social caching and its storage for later profitable use – normal today but two decades ago barely imaginable – has major implications for our quality of life as human beings.” (COULDRY; MEJIAS. 2019. p. xv).

Apesar de ser de fato um conteúdo importado, no sentido de que o desenvolvimento das práticas, técnicas e as tecnologias decorrentes terem sido desenvolvidos no centro do sistema capitalista, as informações integram a radicalidade de todas as relações sociais e de produção. A forma nova está, em primeiro momento, no fetiche das mercadorias que tem nelas instaladas as funções de captar os dados que antes não eram explorados. O fetiche da mercadoria é ainda mais perverso, aqui, porque trata-se de exploração capitalista direta do maior número possível de processos sociais e de sociabilidade, na radicalidade das relações pessoais, com os objetos e com o Mundo. As formas antigas dão legitimidade para a implementação das formas novas com conteúdo de quantificação informacional e social.

“A nova forma chega junto com um *conteúdo importado*. A incorporação de uma nova forma à formação socioeconômica significa a incorporação de seu conteúdo à mesma formação socioeconômica. Os modos de produção garantem a continuidade histórica, inclusive a continuidade histórica das formas. Mas é apenas dentro da formação socioeconômica específica que as formas adquirem um papel social efetivo. Mesmo assim a especificidade de seu papel, moldada na especificidade da formação socioeconômica envolvida, não implica que elas percam o papel que já têm dentro do modo de produção dominante que é o modo de produção dos países difusores do centro do sistema.” (SANTOS, Milton. 2003. [1979] Economia Espacial. p. 201).

Em um segundo momento, a extração e manipulação de dados se tornam pressupostos em todas as relações dentro de uma formação socioespacial. Uma vez naturalizado o processo, as formas novas aos poucos substituirão as suas respectivas mais antigas, pois realizam tecnicamente as mesmas funções originais delas. Mesmo considerando a seletividade espacial de investimentos entre formações socioespaciais, regionais e mesmo locais, pois são condicionadas, por exemplo, pela existência de infraestruturas instaladas no território⁵⁰. Trata-se de substituição de objetos antigos por outros semelhantes que exercem a mesma função, mas que tem nelas instaladas tecnologias de coleta de dados e mesmo de controle de operação. Objetos tecnicamente semelhantes, mas que alteram suas funções iniciais com incremento de novas e que podem ser totalmente alheias ao ser. Uma tecnologia que é apropriada de volta para a técnica e é alterada em suas funções, sentidos e intencionalidades.

50 “As infraestruturas criam restrições à organização espacial, localização seletiva do capital, de instituições e de pessoas; quanto mais pobre o país, mais agudo isto se torna. Quanto mais descontínua a circulação no espaço, menos este tem fluidez e mais fortes são os efeitos das restrições infraestruturais” (SANTOS, Milton. 2003. [1979] Economia Espacial. p. 201).

“A cada evolução técnica corresponde uma nova forma de organizar o espaço. Não se pode obter a compreensão do espaço prescindindo-se da posse da significação exata dos instrumentos de trabalho: casas, estradas, fábricas, barragens, etc.

A transformação da tecnologia em técnica é subordinada a dados econômicos, políticos, ideológicos; daí a necessidade da intervenção dos ensinamentos das ciências respectivas. Em nossos dias, a ideologia vê aumentado o seu papel na interpretação do espaço, pelo fato de os objetos serem planejados e construídos com o objetivo de aparentar uma significação que realmente não têm. Tal significação é, muitas vezes, um resultado da preocupação com interesses de ordem internacional. Daí a importância do estudo das relações internacionais. E para separar o significado assim outorgado ao objeto do seu valor real que a contribuição da semiologia surge como importante.” (SANTOS, Milton. 2002 [1978]. *Por Uma Geografia Nova*. p. 137 e 138).

É um processo de inovação que considera as infraestruturas vigentes e que interferem preferencialmente nas relações sociais. A dependência se dá a partir da renovação das formas antigas em cada formação socioespacial, pois o foco está na captação e manipulação do que se conhece do Mundo⁵¹. A destruição criativa schumpeteriana se dá a partir do que se conhece do Mundo em todos os níveis possíveis. E as mudanças ocorrerem primeiro a partir da captação e conhecimento do como as pessoas se relacionam entre si, compreendem e se relacionam com o Mundo a partir do fetiche da mercadoria e da substituição gradual das formas, são construídas as condições de legitimidade para a atuação de interesses alheios aos reais de um povo e para a dominação de uma formação socioespacial.

“A formação socioeconômica é realmente uma totalidade. Não obstante, quando sua evolução é governada diretamente de fora, sem a participação do povo envolvido, a estrutura prevalecente – uma armação na qual as ações se localizam – não é da nação, mas sim a estrutura global do sistema capitalista. As formas introduzidas deste modo servem ao modo de produção dominante em vez de servir à formação socioeconômica local e às suas necessidades específicas. Trata-se de uma totalidade doente, perversa e prejudicial” (SANTOS, Milton. 2003. [1979] *Economia Espacial*. p. 202).

A capacidade de expansão da exploração capitalista alcança os limites do Ser, da exploração da vida humana, um processo de extração de mais-valia que recursos

51 “A nova forma introduz novos relacionamentos, uma dependência crescente que, daí por diante, impelirá a formação socioeconômica em direção a uma mudança estrutural, muitas vezes fundamental. Este momento histórico é um momento crucial em que ocorre uma mutação produzindo uma mudança qualitativa nas condições previamente prevalecentes” (SANTOS, Milton. 2003. [1979] *Economia Espacial*. p. 201).

humanos ultrapassam as capacidades de trabalho das pessoas e alcança o que elas são. Pessoas tem suas capacidades cognitivas fracionadas a unidades de medida cada vez menores, mais precisas e suas existências (sociais e individuais) resumidas a fontes de material bruto a ser explorado. Essa radicalidade chega às formações socioespaciais mais díspares possíveis com poucos recurso materiais (as formas, conforme discutimos mais acima) e infraestruturas já existentes, com maior ou menor capacidade de penetração, mas como uma radicalidade nas relações sociais.

“O capitalismo tem se expandido desde o início, no sentido de explorar novos recursos, encontrar novas formas de lucrar e encontrar novos mercados. Mas, até recentemente, essa expansão foi baseada na exploração da produção humana por meio das relações de trabalho, como classicamente teorizado por Marx, resultando na transformação cada vez maior da natureza física como um insumo para o capitalismo. Mas a apropriação da vida humana na forma de dados (o movimento básico que chamamos de colonialismo de dados) gera uma nova possibilidade: sem acabar com sua exploração do trabalho e sua transformação da natureza física, o capitalismo amplia sua capacidade de explorar a vida ao assimilar novos ou reconfigurar as atividades humanas (consideradas como trabalho ou não) como seus insumos diretos. O resultado, (...), é a expansão do âmbito prático da exploração capitalista, mas de maneiras que podem ser vinculadas ao próprio sentido de Marx do potencial expansionista do capitalismo. Nessa forma emergente de capitalismo, o ser humano se torna não apenas ator do processo produtivo, mas matéria-prima que pode ser transformada em valor para o processo produtivo. A vida humana, na forma de lucrativos dados abstratos, torna-se mais parecida com a semente ou o adubo que Marx observou que se tornaram fatores da produção capitalista, tendo apenas feito parte do ciclo de interação do ser humano com a terra. Esta transformação da vida humana em matéria-prima ressoa fortemente com a história de exploração que precedeu o capitalismo industrial – isto é, o colonialismo.”⁵² (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. *The Costs of Connection*. Stanford: Stanford University Press. p. xvii).

52 “Capitalism has been expanding from the start, in the sense of exploiting new resources, finding new ways of making profit, and finding new markets. But until recently, this expansion has been based on the exploitation of human production through labor relations, as classically theorized by Marx, resulting in the ever-greater transformation of physical nature as an input to capitalism. But the appropriation of human life in the form of data (the basic move that we call data colonialism) generates a new possibility: without ending its exploitation of labor and its transformation of physical nature, capitalism extends its capacity to exploit life by assimilating new or reconfigured human activities (whether regarded as labor or not) as its direct inputs. The result, (...), is the expansion of the practical scope of capitalist exploitation, but in ways that can be linked back to Marx’s own sense of capitalism’s expansionary potential. In this emerging form of capitalism, human beings become not just actors in the production process but raw material that can be transformed into value for the production process. Human life, in the form of profitably abstracted data, becomes more like the seed or manure that Marx noted became factors of capitalist production, having once just been part of human being’s cycle of interaction with the land. This transformation of human life into raw material resonates strongly with the history of exploitation that preceded industrial capitalism – that is, colonialism.” (COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. *The Costs of Connection*. Stanford: Stanford University Press. p. xvii).

4.2 - Os limites às pesquisas econômicas convencionais e os métodos das empresas.

“Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria.” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 7.).

Pierre Levy nesta obra dos anos 1990 traz os limites e desafios metodológicos que o uso cada vez mais extensivo das tecnologias da informação impõem à pesquisa científica. Como lidar com técnicas consolidadas de levantamentos de dados? Adotar recursos tecnológicos às práticas já existentes é o suficiente para a continuidade de séries históricas e mesmo procedimentos tais quais levantamentos de campo, questionários (*surveys*) e seus respectivos bancos de dados resultantes ainda dão conta de compreender os fatos sociais? A resposta é sim para todas estas perguntas. A diferença fundamental é quem, como, de quem é e quais são as intencionalidades em torno das técnicas de análise de comportamento das pessoas. As técnicas de pesquisa e análise do comportamento social e individual se tornam exclusividade de origem das empresas que desenvolvem tecnologias de informação, nos termos que Levy coloca na citação acima. Isto é, os objetos já possuem neles elementos tecnológicos que permitem a captação em tempo real de cada movimento, de cada maneira como são utilizados, se apresentam pleno funcionamento ou falhas, se obedecem o planejamento estabelecido, com quem e onde todas estas atividades são realizadas.

“Vivemos hoje uma redistribuição da configuração do saber que se havia estabilizado no século XVII com a generalização da impressão. Ao desfazer e refazer as ecologias cognitivas, as tecnologias intelectuais contribuem para fazer derivar as fundações culturais que comandam nossa apreensão do real.” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 10.).

Nesta obra aponta nesta obra que recursos metodológicos ligados à informatização se tornam centrais na análise do real e das percepções humanas do Mundo. E que estes são ferramentas dos que serão os protagonistas da História.

“Não se trata aqui, portanto, de profetizar uma catástrofe cultural causada pela informatização, mas sim de utilizar os trabalhos recentes da psicologia cognitiva e da história dos processos de inscrição para analisar precisamente a articulação entre gêneros de conhecimento e tecnologias intelectuais. Isso não nos conduzirá a qualquer versão do *determinismo* tecnológico, mas sim à ideia de que certas técnicas de armazenamento e de processamento das representações tornam possíveis ou condicionam certas evoluções culturais, ao mesmo tempo em que deixam uma grande margem de iniciativa e interpretação para os protagonistas da história” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 10).

O livro e a impressão são, respectivamente, um objeto e uma tecnologia, que primeiro evidenciam o fato de que coisas e técnicas estruturam o conhecimento humano e organizam um sistema social que este mesmo conhecimento ultrapassa indivíduos e grupos específicos e permitem uma coletividade cosmopolita. Uma inteligência que interconecta pessoas, grupos e instituições. O livro é um predecessor do que Pierre Levy argumenta na mudança da relação sujeito / objeto. A informatização penetra sim no que se chama de “inconsciente intelectual”, e é herdeiro do que já foi discutido sobre a *praxis*. Por “processo metafísico molecular”, pode-se ler como *circulação das informações* entre infraestruturas e como são trabalhados por pessoas e grupos a partir de objetos específicos.

“Instituições e máquinas informacionais se entrelaçam no íntimo do sujeito. A progressão multiforme das tecnologias da mente e dos meios de comunicação pode ser interpretada como um *processo metafísico molecular*, redistribuindo sem descanso as relações entre sujeitos individuais, objetos e coletivos.” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 10.).

Pierre Levy, assim, permite colocar em evidência

“(…) a quantidade de *coisas* e *técnicas* que habitam o inconsciente intelectual, até o ponto extremo no qual o sujeito do pensamento quase não se distingue mais (mas se distingue ainda) de um coletivo cosmopolita (…).” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 11.).

Este processo descrito sobre o “inconsciente intelectual” citado acima é uma das condições da mais-valia cognitiva. O sujeito descrito acima está em uma divisão internacional do trabalho em que suas relações sociais e de produção são mediadas por equipamentos e técnicas que exploram suas capacidades para além das relações de trabalho existentes até aqui. Trata-se de “inconsciente intelectual” porque é um processo de internalização de metodologias e técnicas, assumidas como pressupostos, sem um exercício de crítica sobre elas⁵³. O “inconsciente intelectual” abre possibilidade de compreensão e análise dos sentidos que são atribuídos aos objetos, compreender as intencionalidades que os produziram, para quais objetivos e, o mais importante, como este processo social e econômico específico se contextualiza na divisão social e internacional do trabalho. Em um limite, a captação das condições antropológicas do uso do território, mais precisamente, do território usado por sua população e do seu contexto socioeconômico.

“Quanto valeria um pensamento que nunca fosse transformado por seu objeto? Talvez escutando as coisas, os sonhos que as precedem, os delicados mecanismos que as animam, as utopias que elas trazem atrás de si, possamos aproximar-nos ao mesmo tempo dos seres que as produzem, usam e trocam, tecendo assim o coletivo misto impuro, sujeito-objeto que forma o meio e a condição de possibilidade de toda comunicação e todos pensamento” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 11.). (Sublinhado meus).

O que se discute aqui, em termos metodológicos, é a observação das condições vigentes e em desenvolvimento acelerado de sua implementação do meio técnico-científico-informacional, a partir do espaço geográfico como um sistema indissociável de sistemas de ações e sistemas de objetos.

Em um sentido mais objetivo, uma consideração do território como convivência direta de sua população (sua apropriação cultural vigente), das condições objetivas

53 O estudo e observação das técnicas e das informações em Geografia encontram no pensamento de Milton Santos fundamentação e metodologia. O desafio agora é compreender as perversidades das tecnologias da inteligência e sua interação com intencionalidades vindouras. “Segundo esta concepção da inteligência, muitas vezes *deixei a técnica pensar em mim* (como fizeram meus ilustres predecessores Lewis Mumford e Gilbert Simondon) ao invés de debruçar-me sobre ela ou criticá-la. Que o filósofo ou o historiador devam adquirir conhecimentos técnicos antes de falar sobre o assunto, é o mínimo. Mas é preciso ir mais longe, não ficar preso a um ‘ponto de vista sobre...’ para abrir-se a possíveis metamorfoses *sob o efeito* do objeto. A técnica e as tecnologias intelectuais em particular têm muitas coisas para ensinar aos filósofos sobre a filosofia e aos historiadores sobre a história.” (LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 11).

diretas de produção econômica instalada de fato e suas relações com o sistema econômico mundial, e o fundamental deste trabalho: quais são os sentidos existentes em torno da coleta, dos tipos de acesso, condições de interpretativas e como são utilizadas na prática da vida das informações.

Nesta chave, o acesso aos livros, como uma base da formação dos indivíduos e da sociedade, é colocado na mesma condição objetiva da leitura do mundo. Assim sendo, as bases de observação dos objetos com base em ciência, tecnologia e “condução” das informações têm por base os sentidos que lhes são incrustados por quem os desenvolveram e implementam na realidade, inclusive em um contexto de integração dos mais díspares sistemas econômicos em contexto global.

A informação, que surge como uma condição de desenvolvimento do Ser-Aí, da sociedade e de suas condições objetivas de produção econômica, é parte constitutiva do espaço geográfico e se consolida, a partir da técnica e da ciência como integrante radical de todos os níveis do meio geográfico. Do Ser ao Meio. O Meio Técnico-Científico-Informacional é a condição contemporânea do Espaço Geográfico. Faz a superação empírica, no sentido de observação rigorosa da realidade, em superação de uma condição idealizada de macroentidades⁵⁴. É o Espaço Geográfico que permite a observação e demonstração das ações e intencionalidades de grupos humanos, econômicos e estatais. As técnicas como elementos das ações humanas, portanto plena em intencionalidades e inúmeras possibilidades de realização.

O sistema editorial traz muitas possibilidades de análise de cunho estatístico. Apenas recentemente as metodologias e práticas de coletas de dados se consolidam o suficiente para se compreender a produção, circulação, acesso e o uso dos livros entre as pessoas. Duas pesquisas se destacam: a Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO. 2020.) e a pesquisa realizada inicialmente pela FIPE e agora está sob responsabilidade de duas empresas: Nielsen e GSK, ambas de análise de mercado. Existem pesquisas em outros âmbitos do conhecimento, com destaque na área de educação e políticas públicas.

54 “É por isso que não há mais sentido em sustentar que a essência da técnica é ontológica (Heidegger), que a essência do capitalismo é religiosa (Max Weber) ou que a metafísica depende da economia em última instância (marxismo vulgar). Nem a sociedade, nem a economia, nem a filosofia, nem a religião, nem a língua, nem mesmo a ciência ou técnica são forças reais, elas são, repetimos, dimensões de análise, quer dizer, abstrações. Nenhuma destas macroentidades ideais pode determinar o que quer que seja porque são *desprovidas de qualquer meio de ação*.”(LEVY, Pierre. 2010 [1993]. “As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática”. Rio de Janeiro: Ed. 34. 5ª Edição. p. 13).

O desafio que se coloca não é a proposição de uma nova metodologia, mas compreender quais são as existentes e quem as realizam. O meio técnico-científico-informacional é fundamentado em desenvolvimento científico e técnico a partir de recursos e interesses principalmente de Estados Nacionais e grandes corporações. Centros de formação acadêmica, universidades e empresas menores são polos de pesquisa subsidiários a estes grandes interesses. Existem processos de pesquisa e fundamentações científicas cada vez mais específicas e que estão sob controle de algum interesse, que não necessariamente de caráter público.

Existem metodologias e técnicas que estão alheias ao sistema editorial como um todo. Profissionais da informação, desde engenheiros à biblioteconomistas (hoje, profissionais de organização das informações), trabalham com diferentes recursos tecnológicos cada vez mais presentes nos lugares a partir da vida objetiva das pessoas. Equipamentos que são cada vez mais precisos na captação dos comportamentos e das capacidades cognitivas individuais e em suas atividades sociais. Captam o comportamento territorial de grupos e indivíduos, a sociabilidade, as atividades de trabalho, as relações familiares, condições de saúde, etc. Tudo o que editores, autores, educadores, responsáveis por políticas públicas de acesso à leitura, gestores de bibliotecas só tem acesso apenas quando aceitam as condições comerciais e de sigilo das grandes corporações que são proprietárias de tecnologia e de recursos de informação.

Considerações Finais – A violência da informação.

“Um dos traços marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação. (...), as novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.” (SANTOS, Milton. 2001. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record. 7ª edição. p. 38 e 39).

As informações e os recursos financeiros são elementos que viabilizam as interações espaciais. O smartphone realiza a capilarização da informação como um objeto técnico que se insere nos múltiplos circuitos, na distribuição dos pontos de atividades sociais, interpessoais, políticas, econômicas e que ocorrem por muitas vias e inúmeros pontos e nós⁵⁵.

Ao considerarmos a leitura, a escrita, o trabalho, a sociabilidade e as relações que cada pessoa estabelece com o Mundo, configura-se um sistema que permite observar e compreender a realidade a partir de uma premissa de que cada atividade social aqui relatada pode ser observada a partir de uma estrutura técnica e metodológica unificada que permite análises interescolares. As informações podem ser captadas, analisadas e manipuladas vertical e horizontalmente, a partir da interação de todas estas atividades sociais no território.

“A interação no território não é só vertical, de ordens dirigidas aos indivíduos partindo de empresas ou Estado, ou de interações entre agentes hegemônicos, o que caracteriza dinâmicas da hierarquia urbana tradicional. Essa interação se dá também entre agentes individuais, quando a informação banal altera o tipo de interação espacial e pode promover ou ser ela própria uma nova forma de influenciar comportamentos” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 181).

55 “A capilarização da informação por meio do smartphone proporciona um tipo de interação espacial caracterizada por sua inserção numa rede de múltiplos circuitos, como uma distribuição de pontos ligados a atividades econômicas, políticas e sociais que se dão por meio de vias e numerosos pontos e nós” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 142).

Assim, torna-se possível observar territorialmente a relação entre leitura, acesso aos livros em qualquer formato ou suporte, e o acesso às informações. A articulação entre as informações de circulação banal, via internet e acessadas via smartphones, pode ser articuladas, com as informações de circulação produtiva. Informações de caráter público; tais como as informações do sistema de saúde, da educação, segurança pública, emprego, renda e de circulação de pessoas e bens; podem ser analisados em igualdade de condições: todos são bancos de dados. Daí se torna viável a análise da mais-valia cognitiva, pois tudo sobre todos e de todas as coisas são passíveis de correlações e exploração para o lucro.

Nesse sentido, é possível raciocinar que a implementação dos celulares smartphones e sua respectiva infraestrutura é um evento a impactar diretamente a circulação das informações sobre o território – o que incluir a leitura, a escrita e o acesso aos conteúdos editoriais –, para logo na sequência servir de condição (ou infraestrutura) aos sistemas que integram a coleta de dados em todas as escalas (escala de origem⁵⁶ e escala de realização⁵⁷ do fenômeno smartphone) para o comércio e controle ainda mais preciso dos meios de produção, dos lugares, do território, da vida das pessoas. Quando a mais-valia encontra expansão com a mais-valia cognitiva.

“A informação que é gerada ou modulada e enviada através das redes [de] serviço globais oligopolizadas, conseguem transpor escalas por meio dos sistemas técnicos de que dispõem e por onde flui a maior parte das informações do planeta. Essas redes globais estão presentes em grande parte do território brasileiro, o que permite capilarizar informações para fins econômicos, políticos, de vigilância etc.”. (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 185).

As bibliotecas se tornam polos de acesso às informações que permitem a grupos e indivíduos se organizarem e compreenderem melhores quais são as suas posições no Meio Técnico-Científico-Informacional. serem feitas correlações, estabelecidas coerências com os conteúdos de formação educacional (os recursos educacionais e livros didáticos)

56 “A escala de origem varia segundo a força de seu emissor, como as informações que são enviadas ou acessadas pelo smartphone, e pode provocar uma reação encadeada no território, desde onde se emitem até onde chegam essas informações, assim como as informações banais trocadas entre usuários.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 185).

57 “A escala de realização do fenômeno está ligada à extensão dos eventos, que entram em choque com as variáveis já existentes no lugar ou na região; por exemplo, a implantação de ERB para acesso ao sinal 3G simultânea à banalização do uso do smartphone em regiões onde, num passado recente, as fontes de informação eram prioritariamente a televisão analógica com canais abertos, o telefone fixo e, em menor volume, a internet discada.” (BERTOLLO, Mait. 2019. p. 185).

e das realidades locais e culturais. As organizações populares e culturais, as atividades dos circuitos da economia urbana, as articulações das organizações de bairros permitem que a população estabeleça seus parâmetros de leitura, escrita e o tipo de informações que querem acessar e quais querem permitir acesso. O que permite criar uma práxis que rompa com a pseudoconcreticidade, uma conscientização maior sobre os meios de extração de mais-valia cognitiva, o que é extraído das pessoas e da sociedade. Estabelecer a força do lugar.

“O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. O fato de que, no mundo de hoje, o discurso antecede quase obrigatoriamente uma parte substancial das ações humanas – sejam elas a técnica, a produção, o consumo, o poder – explica o porquê da presença generalizada do ideológico em todos esses pontos. Não é de estranhar, pois, que realidade e ideologia se confundam na apreciação do homem comum, sobretudo porque a ideologia se insere nos objetos e apresenta-se como coisa.” ((SANTOS, Milton. 2001. Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record. 7ª edição. p. 39).

BIBLIOGRAFIA

ANTAS JR., R. M. Território e regulação – espaço geográfico: fonte material e não-formal do direito. São Paulo: Humanitas, 2005.

ASSANGE, J. Quando o Google encontrou o WikiLeaks. São Paulo: Boitempo, 2015.

BARBIER, Frédéric. História das Bibliotecas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2018.

BASHKAR, Michael. La Maquina de Contenido. Hacia una teoria de la edición desde la imprenta hasta la red digital. México: Fondo de Cultura Económica. 2014

BERGER, Peter.; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Editora Vozes. 2014.

BERTOLLO, Mait. A capilarização das redes de informação no território brasileiro pelo smartphone. São Paulo: tese de doutorado em Geografia Humana. FFLCH-USP. 2019.

BURKE. Peter. Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2003.

CARUSO; FRANCISCO. O Livro, o Espaço e a Natureza: ensaio sobre a leitura do mundo. São Paulo: Editora Livraria da Física. 2017.

CASTILLO, R. A. Mobilidade geográfica e acessibilidade: uma proposição teórica. Geosp –Espaço e Tempo (On- line), v. 21, n. 3, p. 644-649, dez. 2017.

COELHO NETO, J. Teixeira. Semiótica, Informação e Comunicação. São Paulo: Editora Perspectiva. 2007.

CONTEL, F. B. Território e finanças. Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

CORRÊA, L. R. Processos, formas e interações espaciais. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-143, jan//jun. 2016.

CORRÊA, L. R. Estudos sobre a rede urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, L. R. Trajetórias geográficas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORRÊA, L. R. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Explorações geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulisses A. 2019. The Costs of Connection. Stanford: Stanford University Press. 2019.

DANTAS, M. A lógica do capitalismo-informação: fragmentação dos monopólios e monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais. Comunicação & Política, v. III, n. 1, p. 34-57, 1996.

DIAS, L. C. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Org.). Redes, sociedade e território. Santa Cruz do Sul, RS: Ed. Unisc, 2005. p. 11-28.

DIAS, L. C. Redes eletrônicas e novas dinâmicas do território brasileiro. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

FEBVRE, Lucien. ; MARTIN, Henri-Jean. O Aparecimento do Livro. São Paulo: Edusp. 2017.

DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (Org.) Redes, sociedades e territórios. Santa Cruz do Sul, RS: Ed. Unisc, 2005.

FLUSSER, Vilém. Comunicologia: reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

FLUSSER, V. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FREDERICO, S.; CASTILLO, R. A. Sistema de movimentos no território brasileiro: os novos circuitos espaciais produtivos da soja. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 5., 2003, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2003. p. 28-40.

GILES, Thomas Ransom. "Martin Heidegger" In: História do Existencialismo e da Fenomenologia. Volume 1. São Paulo: EPU e Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: sua História. São Paulo: Edusp. 2005.

HEIDEGGER, Martin. Ontologia (Hermenêutica da Faticidade). Petrópolis: Editora Vozes. 2013.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 5ª edição. 2020.

INWOOD, Michael. "Heidegger". São Paulo: Edições Loyola. 2004.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

KITCHIN, Rob. The Data Revolution. London: SAGE Publications. 2014.

LANKES, R. David. The Atlas of New Librarianship. MIT Press. 2011.

LATOUR, B. A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LATOUR, Bruno. "Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções". IN: BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. (org) O Poder das Bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2000.

LATOUR, B. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEFEBVRE, Henri. O Pensamento Marxista e a Cidade. Portugal: Editora Ulisseia. 1972

LÉVY, P. Cibercultura. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, P. O que é virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOJKINE, J. A revolução informacional. São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINS, Elvio. R. Dimensões do geográfico: da quantidade à qualidade, do ente ao ser. Geosp – Espaço e Tempo, v. 24, n. 1, p. 8-26, abr. 2020.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política – Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo. 2017.

MARX, Karl. [1857]. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ. 2011.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Boitempo. 2010.

McLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem. São Paulo: Cultrix. 2007 [1964]

McLUHAN, Marshall. A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora Nacional. 1977.

MOLES, Abraham. Teoria dos Objetos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1981.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Edusp. 2017.

SANTOS, Milton. [1994]. Por Uma Economia Política da Cidade. São Paulo: Edusp. 2009.

SANTOS, M. O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Edusp. 2008.

SANTOS, Milton. (1993) “O Retorno do Território”. In: Da Totalidade Ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2005

SANTOS, Milton. (1979). Economia Espacial: críticas e alternativas. São Paulo: Edusp. 2003.

SANTOS, Milton. (1978) Por Uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Edusp. 2002.

SANTOS, M. Território e dinheiro. In: PPGG- UFF. Território, territórios. Niterói, RJ: PPGEU-UFF/AGB-Niterói, 2002. p. 17-38.

SANTOS, M. Há mesmo um espaço virtual? Palestra proferida em 21 fev. 2000.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000b.

SANTOS, M. Da política dos Estados à política das empresas. Cadernos da Escola do Legislativo de Belo Horizonte, v. 3 n. 6, p. 9-23, jan./jun.1998.

SANTOS, M. Modernidade, meio técnico científico e urbanização no Brasil. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 9, p. 22, 1992.

SANTOS, Milton. “O espaço geográfico como categoria filosófica”, Terra Livre, no 5 (número especial “O espaço em questão”), Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, 1988.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia – BPG, n. 54, p. 81-100, 1977.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Record: Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Armando Corrêa da. A aparência, o ser e a forma. GEOgraphia – Ano. II – No 3 – 2000.

SILVA, Armando Corrêa da. Software e Valor. Caderno Prudentino de Geografia, no27 121-137. 1994.

SILVEIRA, M. L. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SCARLATO, F. C.; ARROYO, M. (Org.). O novo mapa do mundo: fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002a. p. 201-209.

SILVEIRA, S. A. Tudo sobre tod@s: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. São Paulo: Ed. Sesc, 2017

WIENER, Norbert. Cibernética ou Controle e Comunicação no Animal e na Máquina. São Paulo: Editora Perspectiva. 2017.